

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

Joyce Menasce Rosset

Diálogos entre a aprendizagem informal de profissionais da educação infantil e o blog Tempo de Creche: quais temas interessam aos leitores?

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DE FORMADORES

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

Joyce Menasce Rosset

Diálogos entre a aprendizagem informal de profissionais da educação infantil e o blog Tempo de Creche: quais temas interessam aos leitores?

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE PROFISSIONAL em Educação: Formação de Formadores, sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Antonio Simão Gimenes.

São Paulo

2020

Joyce Menasce Rosset

Diálogos entre a aprendizagem informal de profissionais da educação infantil e o blog Tempo de Creche: quais temas interessam aos leitores?

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE PROFISSIONAL em Educação: Formação de Formadores.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS E ENGRANDECIMENTOS

Agradeço e engrandeço a participação de pessoas queridas nesta jornada de engrandecimento pessoal:

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Gimenes, pela oportunidade de realizar esta pesquisa, pela experiência acadêmica generosamente compartilhada e pela orientação na condução deste trabalho.

Aos professores do FORMEP, ao Humberto e a todos os queridos, competentes e valiosíssimos colegas da sétima turma, que me acolheram, me desafiaram e caminharam comigo de braços dados durante todo o mestrado.

Às colegas de trabalho e coautoras do *Blog* Tempo de Creche, Maria Helena Webster e Ângela Rizzi, parceiras de tantas aventuras e aprendizagens.

Aos leitores do *blog*, sem os quais esta pesquisa não existiria.

Aos meus alicerces: meu marido Rafael e meus filhos Nicole e Luciano, que me apoiaram, incentivaram e literalmente ajudaram em inúmeras oportunidades.

“Só buscar o sentido faz, realmente, sentido. Tirando isso, não tem sentido.”
(Paulo Leminski)

RESUMO

ROSSET, Joyce Menasce. **Diálogos entre a aprendizagem informal de profissionais da educação infantil e o blog Tempo de Creche: quais temas interessam aos leitores?** 2020. 142f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabalho surgiu à medida que o *blog* Tempo de Creche, de minha autoria, voltado à formação de profissionais da educação infantil, passou a acumular um número cada vez maior de seguidores e postagens publicadas. Para compreender a interação entre os seguidores e o *blog*, foi preciso parar e pensar: quais assuntos têm sido mais publicados? Quais despertam maior interesse? Quais as características do público? Classificamos, levantamos o histórico e descrevemos o *blog*, contextualizando o objeto da pesquisa. Neste processo compreendemos que a maioria dos seguidores é do sexo feminino, profissional da educação, professor de creche e da rede pública de ensino. Foi possível verificar que o Tempo de Creche é majoritariamente acessado fora do período de trabalho dos profissionais leitores, configurando-se assim num recurso de aprendizagem informal. Utilizamos os dados de visualização de 380 postagens publicadas no período de 04/02/2019 a 04/02/2020, e criamos três macrocategorias – *ensino*, *aprendizagem* e *coordenação pedagógica* – e 12 subcategorias. Foram publicadas aproximadamente o dobro de postagens da macrocategoria *ensino*, em relação à macro categoria *aprendizagem*, e quase 1/6 de postagens direcionadas especificamente à *coordenação pedagógica*. O volume total de visualizações acompanhou esta sequência. A análise do número de visualizações geradas em média por uma postagem de cada macro e subcategoria explicitaram o interesse dos seguidores. As postagens das macrocategorias *ensino* e *aprendizagem* são as que mais geram visualizações. As postagens da macrocategoria *coordenação pedagógica* são as menos visualizadas, provavelmente em função do menor número de seguidores que ocupam esta função. Dentre as subcategorias de *aprendizagem*, os conteúdos publicados a respeito dos campos de experiências *escuta, fala, pensamento e imaginação; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas* provocaram mais visualizações. É possível que fragilidades na formação inicial do leitor do *blog* gerem dúvidas a respeito do desenvolvimento corporal e expressivo da criança pequena, despertando o interesse no assunto. As postagens de *ensino* que promoveram mais visualizações pertencem às subcategorias *currículo; registro, avaliação e documentação pedagógica; território, espaço – tempo – materiais*. Ao considerar que o interesse por registro e documentação pedagógica pode ser consequência da pressão das secretarias de educação, o peso da atenção recai nas postagens que abordam o *quê fazer*, deixando em segundo plano o *como fazer*. Nesse sentido, o público do *blog* acessa mais publicações que sugerem atividades e repertório de materiais, cultura e natureza, do que as que tratam de estratégias de ação e postura do professor de educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação; Blog; Aprendizagem Informal.

ABSTRACT

ROSSET, Joyce Menasce. **Dialogues between informal learning by early childhood education professionals and the blog Creche time: which topics are of interest to readers?** 2020. 142 pags. Dissertation of Masters. (Professional Masters in Education: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

This work has begun as the *blog* Tempo de Creche, authored by me and focused on training early childhood education professionals, has accumulated a growing number of followers and posts. To understand the interaction between the followers and the *blog*, we had to stop and think: what subjects have been published more? Which ones arouse more interest? What are the characteristics of the public? We classified, gathered the history and described the *blog*, contextualizing the object of the research. In this process we understood that the majority of the followers are women, educational professionals, nursery school teachers who work for the public school network. It was possible to verify that Tempo de Creche is mostly accessed out of the work period of the readers, thus configuring itself as an informal learning resource. We used the visualization data of 380 posts published from 02/04/2019 to 02/04/2020, and created three thematic macrocategories - *teaching*, *learning* and *pedagogical coordination* - and 12 subcategories. The *blog* published approximately twice as many posts of the *teaching* macro category when compared to learning macro category, and almost 1/6 of the posts were directed specifically to *pedagogical coordination*. The total number of views followed this sequence. The analysis of the number of views generated, on average, by one post of each macro and subcategory made explicit the interest of the followers. The postings of the *teaching* and *learning* macrocategories generate the most views. The postings of the macrocategory *pedagogical coordination* are the least viewed, probably in accordance with the smaller number of followers that have this function. Among the subcategories of *learning*, the contents published about the domains *listening*, *speaking*, *thinking and imagining*; *body, gestures and movements*; *strokes, sounds, colors and shapes* provoked more visualizations. It is possible that weaknesses in the initial training of the *blog's* reader generated doubts about the young child's body and expressive development, awakening interest in the subject. The *teaching* subcategories that caused more visualizations were *curriculum*; *evaluation and pedagogical documentation*; *territory, space - time - materials*. When considering that the interest for documenting may be a consequence of demands of education departments, the focus falls on the postings that discuss *what to do*, leaving in second place *how to do it*. In this sense, the followers access more publications that suggest activities and repertoire of materials, culture and nature, than those that deal with strategies of action and posture of the early childhood teacher.

Keywords: Child education; Formation; *Blog*; Informal Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PONTOS DE PARTIDA.....	16
1.1 Revisão Bibliográfica	16
1.2 Contornos da formação dos profissionais da educação infantil	23
1.2.1 Panorama da formação inicial e da atuação do profissional de educação infantil	24
1.2.2 A natureza dos saberes docentes na perspectiva de Lee Shulman: o que um professor precisa para ensinar?.....	28
1.2.3 O iceberg da aprendizagem do adulto na visão de Alan Rogers: os territórios da aprendizagem informal	32
2 BLOGS: DA CIBERCULTURA AO TEMPO DE CRECHE	39
2.1 Cibercultura	39
2.2 Websites, redes sociais e blogs: componentes da cultura cibernética	43
2.3 Objeto do estudo: o Blog Tempo de Creche.....	52
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	79
3.1 Natureza do estudo	79
3.2 Coleta de dados.....	80
4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	89
4.1 Temas das postagens e interesses dos seguidores	89
4.2 Resultados absolutos: número de postagens por macrocategoria e por subcategoria	90
4.3 Resultados absolutos: número de visualizações por macrocategoria e por subcategoria...	94
4.4 Resultados relativos: número de postagens por macrocategoria e por subcategoria.....	96
CONCLUSÃO: UMA ANÁLISE QUE NÃO É FINAL	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – “Continua of learnig” (o continuum da aprendizagem, tradução nossa), proposto por Rogers (2014).....	37
Figura 02 – Figura representativa da escala de participação de usuários em ambientes online, em 2008.....	49
Figura 03 – Modelo de aprendizagem profissional em ambientes de rede social, segundo Prestridge.....	52
Figura 04 – Dados estatísticos das visitas ao <i>blog</i> Tempo de Creche, por período.....	58
Figura 05 – Imagem dos dados de tráfego do <i>blog</i> Tempo de Creche: número de visualizações e de visitantes no período de junho de 2014 a outubro de 2019.....	58
Figura 06 – Imagem a área de comentários na página inicial do <i>Blog</i> Tempo de Creche, obtida em 3 de dezembro de 2019.....	60
Figura 07 – Imagem do início da postagem Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros, publicada em 18/11/2019, e da área de comentários.....	61
Figura 08 – Série de imagens de exemplos de comentários que não se relacionam com o tema da postagem. Da esquerda para a direita é possível verificar o nome e o e-mail do leitor, o comentário publicado, a postagem na qual o comentário foi publicado (o número abaixo se refere ao número total de comentários publicados na postagem), a data e o horário da publicação do comentário.....	62
Figura 09 – Imagem da estimativa do número de seguidores (A) e fãs (B) da <i>fanpage</i> do <i>blog</i> Tempo de Creche no Facebook.....	63
Figura 10 – Imagem da estimativa dos dados demográficos dos seguidores da <i>fanpage</i> do <i>blog</i> Tempo de Creche, com base em informações sobre gênero e idade declaradas nos perfis de usuário.....	64
Figura 11 – Imagens das publicações das postagens <i>Remexendo no planejamento e no registro pedagógico</i> e <i>Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?</i> publicadas em 31 de julho e 14 de outubro de 2018, respectivamente, na <i>fanpage</i> do Tempo de Creche no Facebook.....	67
Figura 12 – Imagens do convite feito aos leitores do <i>blog</i> Tempo de Creche para que contribuam com respostas às enquetes publicadas a seguir, e imagem de alguns dos comentários. Postagem publicada na <i>fanpage</i> do Tempo de Creche em 12 de dezembro de 2019.....	69
Figura 13 – Imagem da primeira enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 12 de dezembro de 2019. A enquete obteve 644 respostas e gerou 30 comentários.....	70

Figura 14 – Imagem da segunda enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 14 de dezembro de 2019. A enquete obteve 557 respostas.....	71
Figura 15 – Imagem da terceira enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 16 de dezembro de 2019. A enquete obteve 271 respostas.....	71
Figura 16 – Imagem da quarta enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 18 de dezembro de 2019. A enquete obteve 731 respostas.....	72
Figura 17 – Imagem da quinta enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 10 de janeiro de 2020. A enquete obteve 237 respostas.....	73
Figura 18 – Imagem da página <i>Sobre o Tempo de Creche Educação</i> do <i>blog</i> Tempo de Creche.....	75
Figura 19 – Imagem da página inicial do <i>blog</i> Tempo de Creche, com as abas e o clique no menu que exhibe as sub abas da aba “Tempo de Creche”.....	78
Figura 20 – Imagem da página <i>Estatísticas do site</i> , com informações sobre as visualizações por período, sites com <i>links</i> que direcionam o leitor para o Tempo de Creche, relação das principais postagens acessadas no dia até o momento, termos de busca em sites como o Google que direcionaram os internautas para o <i>blog</i> e os <i>links</i> presentes no <i>blog</i> que foram clicados pelos leitores.....	82
Figura 21 – Imagem da página <i>Estatísticas do site/Principais posts para 365 dias</i> , que relaciona as postagens com os dados de visualização por período.....	83
Figura 22 – Gráfico do número total de postagens nas macrocategorias.....	91
Figura 23 – Gráfico do número total de postagens nas subcategorias.....	92
Figura 24 – Gráfico das visualizações totais levantadas em cada macrocategoria.....	95
Figura 25 – Gráfico das visualizações totais levantadas em cada subcategoria.....	96
Figura 26 a – Gráfico do número médio de visualizações por cada postagem nas macrocategorias; b – Gráfico comparativo do número médio de visualizações por postagem nas macrocategorias.....	97
Figura 27 – Gráfico do número médio de visualizações por cada postagem nas subcategorias.....	99
Figura 28 – Gráfico comparativo do número de visualizações por postagem das subcategorias da macrocategoria ensino. As subcategorias foram reunidas em dois grupos: voltados ao repertório e voltados à ação.....	101

LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Quadro 01** – Definições das aprendizagens formal, não formal e informal, de acordo com o Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos UNESCO..... 35
- Quadro 02** – Atividade mensal de postagem, publicada no site do *WordPress*..... 39
- Tabela 01** – Relação das cidades com os maiores números de fãs da *fanpage* do Tempo de Creche, disponibilizada pelo Facebook em 19 de outubro de 2019..... 65
- Tabela 02** – Resultado do levantamento da ocupação das pessoas que curtiram as postagens *Remexendo no planejamento e no registro pedagógico* (publicada em 31 de julho de 2018) e *Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?* (publicada em 14 de outubro de 2018) na página do Tempo de Creche no Facebook..... 68
- Tabela 03** – Dados do número total de postagens por subcategoria e por macrocategoria e dados do número total de visualizações por subcategoria e por macrocategoria..... 90
- Tabela 04** – Visualizações médias por cada postagem das subcategorias e das macrocategorias. A cor azul indica os maiores resultados, de modo crescente do claro para o escuro..... 97

INTRODUÇÃO

Caminhos de vida

Sou formada em Ciências Biológicas, mas o destino e a paixão reviraram meus caminhos e hoje me dedico à formação de educadores.

Ao terminar a faculdade, montei uma empresa de produtos artesanais de papelaria. Após alguns anos de funcionamento, recebi a visita de uma funcionária da secretaria municipal do trabalho buscando uma parceria para oferecer estágios para trabalhadores com deficiência física. Nesse momento meu coração começou a assumir uma nova batida. Se novos funcionários contratados eram formados no ofício, pois a “artesanaria” do ramo de encadernação é uma profissão quase extinta, por que não tentar formar pessoas especiais, marginalizadas por uma sociedade preconceituosa? Cheguei a empregar e formar por volta de 12 funcionários com deficiência.

Depois da crise dos anos de 1990, encerrei as atividades da empresa e grande parte dos equipamentos de encadernação ficaram sem serventia. Foi justamente o destino que me levou a conhecer uma ONG que poderia se beneficiar com o maquinário e mudar a minha vida. Doei os equipamentos e todo o ferramental de encadernação para a OAT-Oficina Abrigada de Trabalho, cuja missão é incluir jovens e adultos com deficiência intelectual leve e moderada no mundo trabalho.

Convidada a ensinar os funcionários e aprendizes a utilizar os equipamentos, permaneci como voluntária e funcionária da instituição por mais de sete anos. A OAT me colocou no universo dos projetos sociais voltados à educação, os quais nunca mais abandonei.

Após trabalhar na OAT, realizei consultorias para outras ONGs e fui contratada pela Associação Arte Despertar, onde passei a coordenar iniciativas voltadas à formação de educadores por meio da arte e da cultura, parte delas dedicadas a professores e gestores de creches e pré-escolas.

Ao final de quase quatro anos nesta instituição, descobri que a educação era a minha jornada, mas o caminho que levava à paixão seguia pela formação continuada dos profissionais Educação Infantil. Juntamente com duas amigas e colegas de trabalho¹, deixamos a Associação

¹ Maria Ângela Rizzi, pedagoga, especialista em pedagogia hospitalar e formadora, e Maria Helena Webster, arte educadora, formadora e coordenadora de livros didáticos.

Arte Despertar e passamos a realizar projetos de formação para equipes pedagógicas de creches conveniadas da cidade de São Paulo.

A presença no contexto do serviço e a sensibilização pela Arte foram as estratégias utilizadas nos projetos desenvolvidos pela Associação Arte Despertar que imprimiram marcas e aprendizados na minha alma de formadora. Com isso, nossa linha de atuação estava e ainda está apoiada na atuação em serviço: oficinas e palestras nas paradas pedagógicas, encontros de planejamento e reflexão com pequenos grupos de professores e coordenadores pedagógicos, entrada em sala para atuarmos em conjunto com professores e crianças e acompanhamento e avaliação das práticas pedagógicas. Foram cinco anos de formações aprendendo a partir da nossa prática, estudando, construindo e sistematizando uma metodologia, levantando resultados, avaliando e apurando o olhar para o universo das necessidades formativas dos professores da educação infantil pública da grande São Paulo.

Nesse percurso, uma série de questões passaram a me desafiar: o que fazer com os conhecimentos conquistados ao longo das formações presenciais? Seria possível compartilhar as dúvidas e as fragilidades pedagógicas identificadas na atuação com as creches com um número maior de docentes, coordenadores e diretores? Numa via de mão dupla, como conhecer e escutar professores de outros contextos e localidades, para ampliar a percepção das necessidades formativas e os anseios desse público? Percebi que eu desejava promover e participar de um diálogo amplo e diversificado sobre práticas pedagógicas com profissionais da educação infantil de diversas localidades.

A internet surgiu como o canal mais apropriado e acessível para atingir os professores e promover diálogos. Notei que muitos sites, mais especificamente *blogs*, eram usados por professores, diretores e coordenadores, como diários da vida docente, apresentando registros de atividades, projetos, referências teóricas, dicas e materiais pedagógicos.

Compartilhei meus anseios com duas colegas educadoras² que me acompanharam no desafio. Pensamos, então, por que não fazer de um *blog* um depósito dinâmico e sistematizado dos conteúdos trabalhados nos projetos de formação? Por que não usar o veículo virtual para compartilhar as nossas percepções sobre os interesses e necessidades formativas dos profissionais de educação infantil? Após alguns anos de existência dos *blogs*, Rosenbloom (2004) publica um estudo em que afirma: “um *blogueiro* (autor de *blog*) precisa somente de um computador, acesso à internet e uma opinião. Também ajuda ter uma obsessão pessoal e total

² Maria Ângela Rizzi e Maria Helena Webster.

confiança na própria voz” (ROSENBLOOM, 2004, p. 31 – tradução da autora). Este foi o nosso caso!

Depois de aprender sobre a construção de *blogs*, em junho de 2014 o *Blog Tempo de Creche* entrou na rede digital. Williams e Jacobs (2004) ressaltam a simplicidade dos mecanismos dos *blogs*, que se transformaram num espaço público de disseminação de informações, comentários e arquivamento de conteúdos que podem ser acessados a posteriori.

O *blog* foi se fazendo presente na vida de milhares de professores que o acessam por meio das notificações de publicações veiculadas no Facebook e no e-mail dos assinantes, e também pelas buscas efetuadas em sites como Google. O Tempo de Creche possui mais de 35 mil seguidores (agosto de 2019) que interagem com as mais de 400 postagens de conteúdos voltados à formação de profissionais da educação infantil, ilustradas com imagens³ de práticas reais.

Caminhos que levaram à pesquisa

O capítulo a seguir, intitulado “Pontos de partida”, apresenta estudos internacionais que indicam que professores da educação básica utilizam a internet para complementar sua aprendizagem profissional. Atualmente observa-se a produção de pesquisas para identificar os fatores motivacionais que levam os professores a utilizar a internet para a busca de informações pertinentes à docência e para interagir com os pares. Segundo as pesquisas, outros tipos de interatividade são cultuados por professores: adesão a grupos virtuais, colaboração, uso dos conteúdos digitais e participação nas redes sociais. O aprendizado informal online é considerado parte do processo de formação autodirigida. No Glossário de Terminologia Curricular da UNESCO (2016, p. 17), a “aprendizagem informal” é definida como formas de aprendizagem intencionais, deliberadas e/ou autodirigidas, que não são institucionalizadas, e podem ocorrer no âmbito da família, no local de trabalho e na vida comunitária e cotidiana.

O *blog* Tempo de Creche está inserido no bojo dos canais de aprendizagem informal online de diversos profissionais de educação infantil, que acessam seus conteúdos com

³ Grande parte das imagens postadas no *Blog* Tempo de Creche são obtidas e autorizadas pelas instituições que participam dos projetos de formação. As instituições que permitem a publicação de fotos com crianças possuem termos de autorização de uso de imagem assinados pelos responsáveis. Outras fotografias são pesquisadas na internet e publicadas com referências de crédito e fonte. Existe um aviso na página inicial do site que alerta para a nossa disposição em adequar as referências e/ou retirar as imagens se o autor assim desejar.

liberdade para escolher os temas, os tempos e os espaços de consulta ao site. Com isso, os dados de visualização das postagens e de comentários dos usuários, registrados na página do *blog*, e as interações dos seguidores com a sua página no Facebook, têm o potencial de revelar interesses do público, ao revelar relações entre conteúdos publicados e dados gerados pelos usuários. Compreender esta dinâmica pode indicar ações para ampliar ainda mais o acesso às publicações, adequar a temática das postagens às demandas dos usuários - professores de educação infantil – e fomentar novas necessidades formativas.

Ao ingressar no mestrado profissional, compreendi que tinha a oportunidade de buscar apoio teórico e metodológico para percorrer este caminho. Assim, levanto as seguintes questões:

Quais assuntos têm sido mais publicados no Tempo de Creche e quais despertam maior interesse nos usuários? O Tempo de Creche, como veículo de aprendizagem informal dos profissionais da educação infantil e seguidores do *blog*, contribui para a sua formação continuada?

Uma pesquisa sistematizada das interações dos usuários do *blog*, fundamentada sobre eixos teóricos, pode fornecer informações para formadores, coordenadores e diretores da etapa da educação infantil, bem como para outros profissionais interessados em produzir canais voltados à aprendizagem informal de educadores.

Objetivo Geral:

Analisar os temas das publicações do *Blog* Tempo de Creche, bem como seus dados de visualização, para identificar se, como veículo de aprendizagem informal, ele evidencia possíveis interesses dos profissionais da educação infantil.

Objetivos específicos:

- Analisar o público do *blog* Tempo de Creche para verificar se ele representa uma amostra significativa do universo de profissionais da educação infantil brasileira;
- Classificar os temas das publicações do *Blog* Tempo de Creche;

- Comparar os temas mais publicados com aqueles que foram mais visualizados pelo público usuário do *Blog*, indicando possíveis interesses.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. O capítulo 1 aborda os pontos de partida da pesquisa. Na primeira parte apresentamos uma revisão bibliográfica que sustenta o contexto deste trabalho, levantando os estudos realizados para analisar o uso de *blogs*, sites e rede social (Facebook) como recursos utilizados por professores no âmbito da aprendizagem informal. Na segunda parte apresentamos os marcos teóricos do trabalho final refletindo sobre o panorama da formação inicial do profissional da educação infantil, a natureza dos saberes do professor na perspectiva de Lee Shulman e os territórios de aprendizagem do adulto, de acordo com a visão de Alan Rogers.

No capítulo 2 – *Blogs* e a blogosfera - tratamos do objeto de estudo, o *blog* Tempo de Creche, as bases teóricas para compreender o *blog* como veículo de interação e comunicação, e o Facebook como recurso de interação e de divulgação da movimentação promovida no site.

No capítulo 3, abordamos os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa.

O capítulo 4 é dedicado à apresentação dos dados obtidos a partir da metodologia adotada, e o capítulo 5, é voltado para a discussão dos resultados e considerações finais, com perspectivas para a continuidade e o aprofundamento deste tema de pesquisa.

1 PONTOS DE PARTIDA

1.1 Revisão Bibliográfica

Neste capítulo apresentamos a revisão bibliográfica acerca do uso dos *blogs*, sites e Facebook por professores, bem como aspectos da formação de professores. O levantamento bibliográfico foi essencial para o encaminhamento desta pesquisa, uma vez que o cenário formativo dos profissionais da educação infantil pode ter implicações no interesse e no volume de acessos ao *blog* Tempo de Creche. Já em relação ao entrelaçamento do universo digital com a educação, trata-se de um assunto relativamente novo, com poucos marcos teóricos específicos. Os conteúdos encontrados nas pesquisas servem como base de fundamentação para o nosso estudo.

Cabe esclarecer que o *blog* Tempo de Creche funciona como uma combinação entre site – conjunto de páginas (documentos digitais) que ocupa um lugar na rede de internet – e diário digital mantido por três autoras⁴. Portanto, ele reúne as características de um site que abriga conteúdos classificados e organizados como uma biblioteca (um depósito de publicações), restritos à gestão de seus controladores, e, ao mesmo tempo, um espaço aberto a comentários e registros de interações (por exemplo, os *cliques* nas postagens).

A pesquisa bibliográfica encontrou artigos, dissertações e teses que:

- consideram a internet como recurso de busca de informação em processos de autoformação e em atividades informais de aprendizagem;
- entendem o uso dos *blogs* como portfólios ou diários reflexivos utilizados em atividades de formação continuada de professores, e também como espaços para diálogo e trocas entre professores;
- reconhecem a participação de professores nas redes sociais como uma atividade informal de aprendizagem.

Contudo, não identificamos estudos de sites ou *blogs* com as características do Tempo de Creche e a sua relação direta com a formação de professores.

⁴ Para fins deste trabalho, vou assumir o lugar da pesquisadora, utilizando a primeira pessoa do plural e considerar as autoras do *blog* Tempo de Creche – Maria Ângela Rizzi, Maria Helena Webster e eu – como terceira pessoa do plural.

O levantamento dos estudos correlatos teve início em 2018, no acervo de produções científicas da base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Google Scholar e em bancos internacionais de artigos como Elsevier, Sage Journals e ERIC.

Dentre as teses, dissertações e artigos selecionados, empreendemos leitura dos resumos, da metodologia, dos resultados e das considerações finais para verificar possíveis conexões com o nosso projeto e a pertinência das informações e referências no sentido de apoiar a pesquisa.

Nas teses e dissertações obtidas na BDTD, identificamos o trabalho de Silveira (2013) que investigou as razões que movem professores *blogueiros* a criar e manter seus *blogs* e as perspectivas formativas presentes nestes sites. O trabalho sugere que é notória a valorização da prática (o fazer) em detrimento da reflexão, da pesquisa e do estudo teórico nos *blogs* analisados. Por outro lado, nos *blogs* classificados pela autora como de “estudos teóricos” (aspas da autora) encontrou-se uma postura formadora por parte dos professores *blogueiros*, que empregaram tom acadêmico e/ou informativo nas publicações. Os dados da pesquisa também apontaram a influência das interações dos seguidores dos *blogs* nas modificações realizadas pelos autores nos sites. A pesquisadora ressalta que o volume e a qualidade das interações observadas na rede social Facebook são muito maiores do que as registradas nas páginas dos *blogs*. A este respeito, Silveira (2013) também sugere que os *blogs* funcionam como um depósito de conteúdos e que o Facebook é o local para o diálogo. Por fim, a pesquisa indica a prevalência de uma concepção compensatória por parte dos autores dos *blogs*, que buscam publicar conteúdos que julgam faltar em suas próprias formações, deixando o caráter dialógico e interativo do site em segundo plano.

Gutierrez (2010) igualmente analisa a formação de redes sociais e as interações implicadas nos *blogs* pessoais de professores. Como resultado de sua tese, a autora conclui que os professores da educação básica investigados interconectam-se por meio de diversas redes digitais e dos *blogs*, formando elos cooperativos, e que os *blogs* pessoais tornaram-se uma interface da presença do professor na rede.

A tese de Resende (2016) é um exemplo de pesquisa sobre o uso de *blogs* por professores como recurso pedagógico, tanto no ensino básico, quanto na formação docente. No estudo, o psicólogo averiguou a relevância pedagógica do uso do recurso digital. Os resultados apontaram para o reconhecimento dos *blogs* criados e geridos por professores como uma forma coletiva de construção de conhecimentos.

Duas dissertações investigaram as necessidades formativas de professores da educação infantil partindo de diferentes contextos investigativos: na atuação com professores de creches

do município de Campinas, SP, e na análise da organização curricular de cursos de Pedagogia do município de São Paulo.

Ao investigar as dificuldades que professoras de duas creches enfrentavam no exercício de suas funções, Cordão (2013) revelou a dificuldade das profissionais em estabelecer pontes entre a teoria e a prática pedagógica, a fragilidade no conhecimento sobre o desenvolvimento da criança de zero a três anos e a falta de reconhecimento do trabalho destes profissionais como docentes.

A dissertação de Carnicero (2018) apresenta conteúdos que podem enriquecer a discussão sobre os usos do Tempo de Creche como espaço de aprendizagem. Ao analisar a relevância das disciplinas voltadas à Educação Infantil em 17 cursos de Pedagogia, a autora aponta para a baixa incidência de disciplinas relacionadas à educação da primeira infância e para a pouca ou nenhuma ênfase dada à criança pequena, revelando uma tendência antiquada das matrizes curriculares, com conteúdos pouco relacionados entre si.

A dissertação de Martins (2018) se aproxima do universo da minha investigação. A autora analisa a proposta de comunicação do website Porvir, um portal direcionado a educadores. Sob a óptica da interatividade, a pesquisa buscou analisar os conteúdos publicados e as conversações estabelecidas por meio do portal. A metodologia envolveu uma pesquisa bibliográfica e documental a respeito da Sociedade da Informação, dos ambientes digitais de informação e da interface entre educação e comunicação; uma análise do conteúdo publicado no site, monitoramento das formas de interação e das trocas de conhecimento estabelecidas entre os leitores e a equipe responsável pelo Porvir. Os resultados levam à conclusão de que a principal função do objeto estudado é a produção de curadoria de conteúdo e a comunicação, estratégias inerentes ao contexto da cibercultura.

Dentre os artigos científicos buscados em português e em inglês, com diferentes combinações dos termos *blog*, internet, educação, necessidades formativas, educação infantil, formação, formação de professores, autoformação e atividades informais de aprendizagem (docente), destaco oito trabalhos que podem contribuir com esta pesquisa.

Na esfera da formação de professores da Educação Infantil, Roldão et al. (2009) averiguaram a importância da investigação da própria prática por parte dos futuros profissionais. O artigo considera que os próprios professores são os principais produtores do conhecimento necessário para sustentar e afirmar a produção docente. Ao discutir o saber docente, as autoras basearam-se em duas linhas que consideraram preponderantes nos últimos 20 anos: a perspectiva analítica do conhecimento do professor, de Lee Shulman (1987; 2004,

apud ROLDAO et al., 2009), e a prática reflexiva disparadora da produção de saberes, proposta por Donald Schön (1987, *apud* ROLDAO et al., 2009). A pesquisa analisou 103 monografias e as agrupou por semelhança, categorizando-os de acordo com os componentes de conhecimento propostos por Shulman e Shulman (2004): 68% das monografias centraram-se em conteúdos para sustentar a ação pedagógica; 25% enfocaram o conhecimento sobre a criança e somente 5% evidenciaram a construção de comunidade(s). Destacou-se a ausência de estudos sobre o conhecimento de conteúdo, gestão de sala de aula e compreensão sobre currículo, segundo a classificação de Shulman (1987) e Shulman e Shulman (2004).

O artigo de Jones e Alony (2008) buscou classificar as motivações que levam os *blogueiros* em geral a criar e manter seus *blogs*. Os autores apresentaram um panorama sobre o que é um *blog*, como ele surgiu e a relevância do uso de seus dados em pesquisas. Os resultados do estudo indicam os *blogs* como fontes inovadoras e ricas de dados empíricos, levantados a partir de uma ampla gama de tópicos. Também destacaram a sua viabilidade como instrumento de pesquisa ao favorecer a investigação sobre a aceitação pelos leitores dos conteúdos publicados. Os autores concluem que os dados apurados podem indicar interesses do público leitor a partir dos temas postados e, assim, os *blogs* são considerados por eles como fonte para análise de dados.

Em relação ao público do *blog* Tempo de Creche, educadores de crianças de 0 a 6 anos, *interesses* e *necessidades* estão implicados de diferentes maneiras no campo da formação continuada desses profissionais.

As necessidades formativas dos profissionais da educação infantil, investigadas em diversas pesquisas, foram definidas por Azevedo e Schnetzler (2001, p. 1) como carências ou “lacunas de conhecimentos dos professores relativos à área de atuação no desenvolvimento de sua prática pedagógica”. Os estudos realizados por estas autoras com professores de duas pré-escolas de Piracicaba, São Paulo, apontavam, em 2001, para a necessidade de articular a formação dos professores da educação infantil às práticas concretizadas nas escolas, favorecendo o distanciamento destes profissionais de modos prescritivos e tecnicistas da ação pedagógica. O trabalho ainda indicou a necessidade de complementar a formação dos professores com temas relacionados ao desenvolvimento infantil, à ludicidade e à necessidade de valorização dos contextos socioculturais das crianças.

Em 2013, Cordão e Azevedo exploraram o mesmo viés da formação de profissionais da educação infantil realizando sua pesquisa com professores de crianças de 0 a 3 anos. As autoras também identificaram a dificuldade dos profissionais em aproximar a teoria da prática, o que

levou os professores participantes a atuar intuitivamente. As autoras ressaltaram, no entanto, que as respostas para os problemas enfrentados na profissão são singulares e precisam ser pensadas no contexto em que ocorrem. Outros aspectos apontados pelos professores participantes deste estudo dizem respeito à organização da rotina, relação entre o cuidar e o educar, planejamento, desenvolvimento infantil e estratégias para a atuação docente.

Já os significados encontrados para a palavra *interesse* são *importância*, *atrativo* e “sentimento que acompanha a atenção dirigida para um conteúdo específico” (MICHAELIS, 1998, p. 692). Desse modo, os temas que despertam o *interesse* de professores e os mobilizam a buscar informações e até aprendizados, envolvem a simpatia pelo assunto e podem ou não refletir necessidades formativas.

Caminhando na direção do diálogo entre o ciberespaço e a educação, o artigo de Scaico, Queiroz e Scaico (2014) discute a pertinência do uso dos dados digitais nas pesquisas voltadas para a área de Educação. Partindo do pressuposto de que atualmente as tecnologias de informação e comunicação (TIC) são amplamente utilizadas no apoio a processos de ensino-aprendizagem, os dados armazenados destes usos estão se avolumando. Para analisá-los é preciso adotar técnicas apropriadas, como o *big data*. O trabalho apresenta o conceito do *big data* no âmbito da educação e seus benefícios ao elucidar o comportamento e os interesses dos alunos, para identificar fatores que levem ao engajamento no processo de aprendizagem.

O *big data* está relacionado à capacidade de processar e analisar grandes volumes de informação armazenados nas redes digitais, o que foge do contexto do *blog* Tempo de Creche. Porém, é de grande valia a classificação dos tipos de informação que têm despertado o interesse de pesquisadores na área de tecnologia, informação e educação.

Ao pesquisar as diversas combinações entre os termos em inglês: *blog*, educação (*education*), redes sociais (*social network*) e formação (*professional learning*, *informal learning activities*, *ongoing teacher education*) em plataformas estrangeiras e no Google Scholar, algumas das pesquisas encontradas interessaram particularmente por conter referências e discussões que sustentam este trabalho.

O artigo dos pesquisadores australianos Williams e Jacobs (2004) explora o uso dos *blogs* com propósitos educacionais em cursos universitários. Os autores apresentaram uma revisão bibliográfica e crítica da literatura disponível sobre os *blogs* no contexto educacional. Concluíram que os *blogs* representam um fenômeno que se alastra pela rede e que a comunidade

acadêmica precisaria considerá-los como estratégia para divulgar conhecimentos: “melhor espalhar a mensagem por meio da *blogosfera*, do que em ‘Jornais de Fatos Obscuros!’”⁵.

Lecat et al. (2019) se propuseram a examinar quais atividades informais de aprendizagem são realizadas por um grupo de professores das escolas primária e secundária da Bélgica, quais eram as características destas atividades e porque os docentes se engajavam nelas. Os autores acreditam que este tipo de levantamento pode apoiar as escolas no estabelecimento de ambientes de aprendizagem que estimulem a aprendizagem informal dos professores. O artigo apresenta uma revisão da bibliografia a respeito da aprendizagem informal no ambiente de trabalho, apresentando diferentes definições e termos utilizados para definir o conceito. Ao admitir o uso dos termos “aprendizagem informal” (*informal learning*) associado à expressão “aprendizagem profissional docente” (*teacher professional learning*), os pesquisadores creem poder incluir nesse processo as aprendizagens sociais (coletivas) e individuais, e também os comportamentos de aprendizagem passivos e ativos.

Por meio de questionários semiestruturados de perguntas abertas, os pesquisadores analisaram as respostas, categorizando os conteúdos de acordo com as categorias propostas por Noe et al. (2013, *apud* LECAT et al., 2019):

- aprendizado social ou a partir de outros professores;
- aprendizado a partir de fontes não pessoais, como livros e sites;
- aprendizagem a partir das próprias experiências, envolvendo processos de reflexão e experimentação.

Os resultados obtidos na segunda categoria, interessantes a esta pesquisa, mostram que os professores valorizam a aprendizagem a partir da leitura de livros e do acesso a sites na internet, indicando ser este um modo fácil e efetivo de busca de informações.

Ao analisar os conteúdos referentes aos motivos que levaram os professores a se engajarem em atividades informais de aprendizagem, os autores identificaram, entre outras razões, a busca por informações, ideias ou atividades inéditas para a sua prática (LECAT et al., 2019). Para isso, os docentes efetuaram duas abordagens: aprendizagem social ou a partir de outros professores, e aprendizado a partir de fontes não pessoais, como livros e sites. Outros resultados da pesquisa revelaram que as fontes não pessoais demandam atitude proativa por

⁵ “academic bloggers, if they are true to their ideals, may be more concerned about spreading their message in the blogosphere than in the 'Journal of Obscure Facts!'” (WILLIAMS; JACOBS, 2004. Disponível em: <<https://www.downes.ca/cgi-bin/page.cgi?post=7805>>. Acesso em 15 abr. 2019).

parte dos professores, que em algumas situações, realizaram suas buscas a partir de objetivos. Em relação à investigação sobre os conteúdos pesquisados pelos docentes, os autores indicaram a procura por novas ideias no campo da pedagogia e da didática, levando-os a encontrar e seguir fontes de informação consideradas úteis.

Conforme explicado anteriormente, o *blog* Tempo de Creche possui uma página na rede social Facebook. As páginas estão integradas e por consequência, o que é publicado no *blog* gera uma publicação no Facebook – uma espécie de notificação resumida. Por isso, investigamos também trabalhos sobre as relações entre a rede social Facebook e a docência.

Sarmento e Pereira (2018) apresentaram um trabalho no 23º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade em que questionaram se a interação dos professores nos grupos formados nas redes sociais (no caso, o Facebook) se devem ao lazer, ao trabalho ou à autoformação coletiva. Para realizar a pesquisa os autores fizeram uma análise documental das publicações feitas pelos professores nos grupos aos quais estavam associados, com o propósito de identificar as principais temáticas dos diálogos empreendidos, se existiam práticas de discussões (movimento dialógico) a respeito das postagens, ou apenas opiniões soltas e desconexas, e se as interações dos docentes estavam voltadas ao lazer ou ao trabalho vivido cotidianamente. O estudo procurou responder também se, em meio às postagens acompanhadas no Facebook, seria possível revelar práticas de autoformação coletiva. Os autores concluíram que os professores utilizam os grupos pesquisados mais para discutir práticas pedagógicas do que com finalidade de lazer. Identificaram que 86,38% das temáticas estavam vinculadas a questões cotidianas do trabalho docente. Com isso, constataram que há processo de formação continuada, mesmo que inconsciente, nas atividades observadas na rede social, e que “as redes sociais passaram a assumir um papel, também, de *locus* da formação continuada docente” (SARMENTO; PEREIRA, 2018, p. 8).

Com base no mesmo tema, Ranieri, Manca e Fini (2012) realizaram um estudo exploratório com cinco grupos de professores italianos no Facebook, para investigar os mecanismos que os levaram a aderir aos grupos e refletir sobre a implicação desse engajamento no desenvolvimento profissional. Os autores destacaram a dificuldade em encontrar pesquisas sobre o uso profissional das redes sociais, particularmente na docência. Utilizaram o *survey* para levantar dados sobre os fundadores e administradores dos grupos, bem como as motivações dos membros em participar dos grupos pesquisados. Os resultados apontaram para diferenças entre grupos “temáticos” (*thematic*) – gerados a partir de um projeto escolar comum - e “genéricos” (*generic*) – fundados para trocar ideias em geral. A troca de ideias e projetos, assim

como, dar visibilidade às próprias práticas, pareceram ser os propósitos entre os membros de grupos genéricos; enquanto que, nos grupos temáticos, observou-se a expressão da necessidade de pertencimento para diminuir a sensação de solidão. Assim, concluem os pesquisadores, que apesar dos laços de pertencimento aos grupos genéricos serem mais tênues, os professores demonstraram que a participação nestes grupos traz maiores impactos na vida profissional, uma vez que a troca de experiências práticas é o principal atrativo.

Os estudos correlatos também contribuíram para o levantamento de um roteiro adequado de descrição do objeto desta pesquisa. O trabalho de Penteadó, Santos e Araújo, publicado na Revista de Sociologia e Política, em 2009, apresentou uma metodologia de pesquisa em *blogs* de política desenvolvida por pesquisadores do NEAMP – Núcleo de Estudos em Artes, Mídia e Política, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Apesar dos conteúdos que compõem o *blog* Tempo de Creche pertencerem à área da educação infantil e, mais especificamente, à formação dos docentes, acredito que o caráter político seja intrínseco à Educação. Para Freire, “Neutra, ‘indiferente’ [...] a educação jamais foi, é, ou pode ser” (FREIRE, 1998, p. 111).

Na pesquisa, Penteadó, Santos e Araújo (2009) discutem o uso dos *blogs* como ferramenta do jogo político na contemporaneidade e para isso acompanharam alguns dos *blogs* mais expressivos durante as eleições presidenciais de 2006. A necessidade prática para desenvolver a pesquisa levou os autores a criarem um método de análise de *blogs*, compatível com a complexidade deste universo, o que trouxe elementos interessantes para descrever e analisar o *blog* Tempo de Creche, objeto deste estudo. Com isso, conforme explicado mais adiante, foram construídas ferramentas analíticas “capazes de articular as hipóteses de pesquisa com a coleta de dados para o estudo científico” (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009, p. 164). Os resultados do estudo dos autores comprovaram que a metodologia de pesquisa criada foi eficaz e que os *blogs* são ferramentas que ampliaram a participação política. Contudo, os debates estabelecidos nos sites, entre os autores e os usuários, geraram discussões superficiais.

1.2 Contornos da formação dos profissionais da educação infantil

Nesta seção buscamos compor um contorno da formação do profissional da educação infantil, principal usuário do *blog* Tempo de Creche. No primeiro tópico apresentamos um panorama da formação inicial deste profissional. No tópico seguinte abordamos os conhecimentos docentes na perspectiva de Shulman. Encerramos esta seção com a

aprendizagem informal na visão de Alan Rogers, entendida como território do *blog* Tempo de Creche, ao buscar contribuir com o movimento autoformativo do profissional da educação infantil.

1.2.1 Panorama da formação inicial e da atuação do profissional de educação infantil

As especificidades da docência do professor da educação infantil constituem um tema recente na história da Educação brasileira. As creches e pré-escolas foram incluídas como etapa da educação básica pela Lei de Diretrizes e Base (LDB) em 1996. Com isso, os estudos sobre o que significa ser professor de crianças pequenas e o que se entende por educação infantil têm sido realizados, mas ainda não se refletem no currículo da formação inicial desses profissionais. Oliveira (2009, p. 32) destaca que “as pesquisas que tratam da aprendizagem e desenvolvimento de bebês em ambientes de educação coletiva pouco têm estado presentes em muitas formações docentes”.

O universo da formação inicial e continuada dos profissionais da educação infantil brasileira foi amplamente pesquisado e documentado por Abuchaim⁶ (2018). Segundo este estudo, as funções docentes voltadas para a primeira infância são fundamentalmente exercidas por mulheres, conforme tendência mundial, e a maior parte dos profissionais possuem entre 33 e 40 anos. O curso Normal está quase extinto e, desde as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006), a formação inicial do professor da educação infantil tem sido de nível superior, preferencialmente em cursos de pedagogia. Cabe ressaltar, no entanto, que “Associado ao trabalho do professor, em muitas situações, encontra-se em sala, trabalhando diretamente com crianças, um auxiliar ou assistente” que, na maior parte das vezes (58%), completou o ensino médio, e somente 34% destes trabalhadores possuem curso superior. Desse modo, 40,8% das funções docentes nas creches são ocupadas por auxiliares e 59,2% por professores. Na pré-escola o percentual de auxiliares cai para 11,7% uma vez que a proporção entre o número de crianças por professor é maior (ABUCHAIM, 2018, p. 62) e dispensa os serviços desse tipo de profissional. No caso das creches, a autora conclui que os auxiliares acabam assumindo as responsabilidades do professor, cobrindo horários e ganhando “em média 47% do salário

⁶ Publicação Panorama das políticas de educação infantil no Brasil, apresentada pela UNESCO.

designado aos professores”, sem garantias de carreira ou de formação (ABUCHAIM, 2018, p. 63).

A formação inicial pouco específica contribui para a constituição de um panorama problemático e desconhecido das reais necessidades formativas dos profissionais que atuam na educação de crianças de 0 a 6 anos. Os cursos de pedagogia oferecidos atualmente devem formar professores para atuarem nos diversos níveis da educação básica, da educação infantil ao ensino médio e educação profissional. Além da sala de aula, o estudante de pedagogia é formado para atuar na gestão escolar e em espaços de educação não escolar (OLINTO DE OLIVEIRA, 2013). A este respeito, Soares (2014) afirma que há ausência de uma formação inicial voltada a professores da educação infantil e dos anos iniciais. Para a autora o curso de Pedagogia “pode estar formando muito bem, pelo menos em várias instituições, especialistas em educação, mas não professores de sala de aula preparados para trabalhar nas séries iniciais e na educação infantil” (2014, p. 149).

Ao analisar os currículos (ementas) das disciplinas de 71 cursos de instituições de ensino superior para a formação de professores, Gatti e Nunes (2009) verificaram que existem poucas disciplinas de caráter teórico-prático e que a ênfase encontra-se nas teorias e fundamentações. Esse desequilíbrio tem reflexos na concepção do contexto em que o aluno da graduação e futuro profissional deve atuar: “A escola, enquanto instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar” (GATTI; NUNES, 2009, p. 55).

A partir desta constatação, é possível imaginar a insegurança que deve incidir sobre o professor de educação infantil iniciante ao se deparar com turmas de crianças pequenas, sem ter clareza sobre suas especificidades e sobre as funções sociais das creches e pré-escolas. Kishimoto (2002, p. 107) acrescenta que “as práticas adotadas, de um curso sem diferenciação para formar profissionais a fim de educar crianças de 0 a 10 anos, representam desencontros de concepções e de ações, conduzindo a educação infantil ao reboque das séries iniciais do ensino fundamental”.

No entanto, outro aspecto interessante desse processo formativo inicial é o mito da “facilidade” de ensinar crianças pequenas, que acomete os recém formados nos cursos de Pedagogia. É como se a educação infantil fosse o primeiro estágio mais facilitado da progressão

da carreira profissional do professor. Ao estudar o aluno concluinte de um curso de Pedagogia⁷, Olinto de Oliveira (2013) levanta dados que apontam para essa situação:

A insegurança no desempenho da função, quando consideram o preparo que possuem nos conhecimentos do conteúdo específico e do didático geral, leva à crença de que atuar na Educação Infantil será mais fácil, uma vez que supostamente lidar com crianças nessa faixa etária seria mais fácil e não demandaria um processo explícito e consciente de organização do ensino de conteúdos das áreas disciplinares (OLINTO DE OLIVEIRA, 2013, p. 126-127).

Rosemberg já abordava esta situação em artigo publicado em 1999: “Para os professores, trabalhar na pré-escola, pode significar não ter de enfrentar crianças mais críticas, mais ativas, mais competentes” (ROSEMBERG, 1999, p. 32).

Para analisar o panorama das políticas públicas voltadas à educação infantil, Abuchaim (2018) pesquisou as condições de trabalho do professor nas instituições de educação infantil. Cabe destaque a situação dos profissionais que trabalham nas creches conveniadas às prefeituras, que precisam estar com as crianças em 100% do seu período de trabalho, não contando com momentos rotineiros, incluídos na remuneração, para estudar, refletir sobre a prática, pesquisar e planejar.

Estas creches são instituições que funcionam no modelo de convênio, realizado entre prefeituras e entidades privadas sem fins lucrativos. Elas fazem a gestão das unidades com verba pública, em prédios próprios, alugados ou cedidos pelo município. Rosemberg (1999, p. 19) define este recurso para ampliar a oferta de vagas para crianças de 0 a 3 anos como “modelo de baixo custo”.

Este modelo de creche tem relevância no cenário da educação infantil no Brasil. Segundo o Censo escolar de 2014, a cidade de São Paulo possuía mais de 280 mil crianças matriculadas em creches, sendo aproximadamente 58% delas em instituições privadas conveniadas com a prefeitura (NASCIMENTO; SILVA, 2015).

Nascimento e Silva esclarecem que os Centros de Educação Infantil/Creches Particulares ou Conveniadas e Centros de Educação Infantil da Rede Pública Indireta da cidade de São Paulo recebem recursos financeiros da prefeitura, porém a gestão dos professores e funcionários cabe às instituições privadas. A diferença no montante pago pela prefeitura a essas instituições impacta diretamente as condições de trabalho dos professores:

[...] quando falamos de valorização profissional, os docentes da rede direta trabalham 25 horas semanais com crianças e 5 horas em formação, possuem ainda quatro dias

⁷ A formação inicial e as condições de alunas concluintes do curso de pedagogia para o ingresso na profissão docente. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

no ano destinados a reuniões pedagógicas de 6 horas cada e um Estatuto do Magistério que permite, entre outras garantias, progressão na carreira; já os docentes da rede conveniada trabalham as 40 horas semanais com as crianças, tendo somente um dia por mês para tratar de sua formação e organização da escola, sem garantias dadas em um Plano de Carreira (NASCIMENTO; SILVA, 2015, p. 10).

Em comparação com os professores atuantes nas redes públicas municipais, constatam-se diferenças nos regimes de contratação, nos planos de carreira, na carga horária e no salário (ABUCHAIM, 2018). Este contingente de profissionais provavelmente utiliza seu tempo de descanso para se informar. Com isso, a aprendizagem informal pode ser fundamental para o desenvolvimento profissional e, neste território, o *blog* Tempo de Creche pode ter representatividade entre os seus usuários.

Além da formação inicial generalista do professor, do regime diferenciado de contratação de alguns profissionais e das diferenças salariais, Abuchaim (2018) ainda destaca o desajuste da infraestrutura de algumas instituições, tais como material pedagógico, mobiliário apropriado, espaço para parque e número adequado de crianças por professor. Estas são situações que reforçam a necessidade de suporte ao exercício desse profissional em espaços de formação continuada, “garimpados” em meio a uma rotina sobrecarregada de trabalho e tensão.

Nesse cenário, Moss (2002, p. 241) afirma que formou-se uma ética dos negócios no planejamento da educação infantil, para “garantir o máximo do retorno sobre o investimento, o melhor uso do recurso e nenhuma surpresa inconveniente para os acionistas”. Segundo o autor, em países como Inglaterra e Estados Unidos, se espera desta etapa da educação “uma vacina, de reduzir comportamentos criminosos e indesejáveis”.

Em consonância com os estudos de Abuchaim, Nascimento e Silva, Rosemberg e Kishimoto, Moss (2002, p. 241) indica duas condições dominantes na maioria dos profissionais que integram a força de trabalho da educação infantil: “como substituto da mãe, e como um técnico de nível inferior para executar processos e tecnologias prescritas”. Em síntese, “um trabalho de mulher”.

Nesse contexto formativo, que em geral começa na faculdade e é carregado de carências que permeiam a atuação do professor, cabe pensar no que é necessário para complementar, apoiar e enamorar este profissional pela sua prática. “Nessa profissão, estamos sempre nos formando, e (se conseguirmos), nos transformando (KRAMER, 2002, p. 128).

A formação do professor de educação infantil precisa construir com este profissional sentidos para que ele se sirva da cultura das crianças, dos adultos e da comunidade em que vai atuar. Que ele conceba a criança como sujeito histórico, social e cultural, que reconheça e valorize as características e especificidades da infância e a capacidade de criação e imaginação

da criança. Que ele escute seus pequenos, valorizando os conhecimentos que já possuem e oportunizando a aquisição de novos. Que tenha como eixo norteador a prática aliada à reflexão crítica e que acredite na importância de considerar seus próprios saberes e valores profissionais, partindo de seu horizonte social, sua etnia e sua história de vida, “em espaços de pluralidade de vozes e conquista da palavra” (KRAMER, 2002, p. 129).

1.2.2 A natureza dos saberes docentes na perspectiva de Lee Shulman: o que um professor precisa para ensinar?

Após refletir sobre o panorama da formação inicial e da atuação do professor da educação infantil, cabe perguntar quais são os conhecimentos necessários para uma docência que otimize as relações das crianças com o espaço físico, com os fenômenos biológicos e com os elementos humanos de seus contextos. O que o professor dedicado à primeira infância precisa saber para criar condições para um desenvolvimento equilibrado, mais ligado a processos globalizados do que setorializados? (ZABALZA BERAZA, 2016). Qual a “natureza dos conhecimentos profissionais que servem de base ao magistério” deste profissional, que é o principal ator e mediador da cultura e dos saberes escolares e que tem sobre os ombros a missão educativa da escola? (TARDIF, 2014, p. 227)

As respostas a estas perguntas perseguem a identificação do que os professores precisam saber, fazer, entender e dizer para que o ensino se torne mais do que uma forma individual de trabalho, mas “conteúdo, caráter e fontes para uma base de conhecimento [...] intelectual, prática e normativa da profissionalização do ensino” (SHULMAN, 2014, p. 200).

São inúmeras as discussões em torno das qualidades e habilidades que levam o professor a desenvolver um trabalho competente na escola. Nesta pesquisa, faremos uso dos estudos sobre a “base do conhecimento” docente, proposta pelo filósofo, psicólogo e pesquisador da área de educação, Lee Shulman, para conceituar a natureza desse conhecimento. Apesar de ter sido elaborada a partir de investigações realizadas em escolas secundárias americanas, entendemos que a “base do conhecimento” (SHULMAN, 2014) pode ser adequada para a docência na educação infantil.

Antes de prosseguir, cabe uma ressalva proposta pelo próprio autor em seu ensaio⁸:

⁸ Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma, traduzido por Leda Beck e revisão técnica de Paula Louzano, e publicado com autorização nos Cadernos Cenpec, São Paulo, v.4, n.2, p. 196 a 229, dez. 2014.

[...] as fontes verdadeiras e potenciais de uma base de conhecimento para o ensino são tantas que a nossa pergunta [...] deveria expressar nosso espanto: ‘Como é possível aprender tudo que é preciso saber sobre o ensino durante o breve período destinado à formação de professores?’ (SHULMAN, 2014, p. 205).

Na perspectiva do autor, o ensino começa com o entendimento do professor sobre o que deve ser aprendido pelos alunos e como esse conteúdo deve ser ensinado. O professor sabe um conteúdo não sabido pelos alunos. Ele transforma a compreensão do conteúdo, das habilidades e/ou valores, em ações e representações pedagógicas. As ações e representações se traduzem em jeitos de falar, mostrar, interpretar ou representar ideias, para que os alunos que não sabem, venham a saber e os que não entendem, possam compreender, discernir e se qualificar. Embora o aprendizado caiba ao aluno, as oportunidades para que ele ocorra, cabem ao professor e, ao final do processo, professores e alunos conquistam novos entendimentos. (SHULMAN, 2014).

É interessante ressaltar o comentário de rodapé de página em que o autor esboça sua afinidade pelas pedagogias centradas no aluno – ou, em nosso contexto, na criança. Shulman (2014) afirma que as atividades propostas pelo professor, nas quais “os alunos recebem instruções e oportunidades específicas para aprender” não devem ser entendidas como transmissão de conhecimento e processo meramente informativo entre um “professor ativo para um aluno passivo” (p. 205). Ao contrário, o autor se entusiasma pelo aprendizado por meio da descoberta e da investigação: “Que os alunos aprendam a compreender e resolver problemas, a pensar crítica e criativamente, e que também aprendam fatos, princípios e regras de procedimento” (SHULMAN, 2014, p. 205).

Nesse sentido, a recentemente elaborada Base Nacional Comum Curricular também propõe uma educação pautada no aprendizado construído por meio de oportunidades de investigação, experiências e descobertas. O documento assegura seis direitos para as crianças, indicando que o professor deve garantir condições para que elas possam desempenhar “papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (BRASIL, 2019, p. 35).

Além dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento – conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se – a BNCC preconiza que as crianças, no contexto da educação básica, tenham experiências de conhecer, imaginar, criar, decidir, se posicionar, opinar, questionar, investigar e descobrir, em consonância com a crença de Shulman (2014, p. 205) no “aprendizado por meio de descobertas e pelo ensino inquiridor”.

Em artigo⁹ publicado a respeito das contribuições de Shulman para a aprendizagem da docência, Mizukami (2004) afirma que o autor adota um paradigma interpretativo de investigação que deixa de lado o conceito de processo-produto, explorado na década de 1970, como reação à cegueira dos pesquisadores à centralidade do pensamento do professor, que conhece seus alunos, o currículo e as representações do conteúdo, e que pode raciocinar, julgar, tomar decisões e resolver problemas.

Resumidamente, Shulman investigou como os conteúdos específicos de uma área de conhecimento poderiam ser transformados, a partir do conhecimento de ensino, para que os alunos pudessem aprender. Com isso, propõe dois modelos: as *categorias da base de conhecimento* para o ensino, “um acervo de conhecimentos que os professores necessitam para a docência”; e os *processos de raciocínio pedagógico*, “processo pelo qual conhecimentos profissionais são construídos” (MIZUKAMI, 2004, p. 37).

O modelo da *base de conhecimento* possui sete categorias (SHULMAN, 2014), para as quais estabelecemos relações com o contexto da educação infantil:

- *Conteúdo* – domínio dos conceitos fundamentais de uma área de conhecimento. De acordo com o artigo de Pinheiro (2016) a respeito da pedagogia do multiletramento proposta pelo New London Group, atualmente fala-se sobre a apreensão, utilização social e compreensão da execução de textos orais, escritos e visuais na escola, que, no contexto da educação infantil, podem ser traduzidos na oralidade, na escrita, nas artes visuais, na música, na dramatização, na dança, no pensamento matemático, além de contemplar outras áreas de conhecimentos historicamente produzidos e adequados aos interesses das crianças e às suas faixas etárias.
- *Pedagogia em geral* - “processos de ensino e aprendizagem, procedimentos didáticos, [...] teorias de desenvolvimento, estilos de aprendizagem” (MONTALVÃO; MIZUKAMI, 2010, p. 105), para transformar ou adequar o conteúdo a ser ensinado.
- *Currículo* – conhecimento e entendimento do currículo, dos programas e projetos políticos pedagógicos e suas relações com as rotinas da creche e da pré-escola, por exemplo, e as peculiaridades da educação de bebês, crianças muito pequenas e de crianças pequenas.

⁹ Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 33-49, 2004 educação.

- *Conhecimento das crianças* – singularidades das crianças e suas “dimensões cognitiva, emocional, motora, social e interacional” (MONTALVÃO; MIZUKAMI, 2010, p. 106).
- *Conhecimento dos contextos educacionais* - valores e culturas envolvidos na educação das crianças pequenas, bases históricas e filosóficas da educação infantil.
- *Conhecimento pedagógico do conteúdo* – “amalgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo do professor” e, na concepção do autor, “o meio especial de compreensão profissional” (SHULMAN, 2014, p. 206). Este conhecimento, considerado novo e de especial interesse por Shulman, reúne em si todos os conhecimentos relacionados aos conteúdos, contextos e necessidades pedagógicas das crianças para identificar “os distintos corpos de conhecimento necessários para ensinar” (SHULMAN, 2014, p. 207).
- *Conhecimento dos princípios, valores e objetivos da educação infantil brasileira* – concepções e garantias preconizadas nas Diretrizes Nacionais da Educação Infantil e em outros documentos orientadores oficiais.

O modelo de *raciocínio pedagógico* se refere aos processos inerentes à ação educativa. Ele “retrata como os conhecimentos são acionados, relacionados e construídos durante o processo de ensinar e aprender” (MIZUKAMI, 2004, p. 41). É composto por seis processos que fazem parte de um ciclo de atividades docentes: compreensão, transformação, instrução, avaliação e reflexão, e o ponto de partida e de chegada é a compreensão.

Shulman (2014) atenta que, em geral, inicia-se um processo de ensino com um material didático, que, se considerado como um provocador, um disparador de aprendizagens, condiz com o universo da educação infantil. O professor das crianças de 0 a 6 anos parte de materiais e contextos, como objetos, brinquedos, materiais plásticos, cenários, conversas, leituras e jogos, escolhidos com intenção pedagógica, para promover as brincadeiras e interações, eixos da educação infantil apontados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Ao estudar os modelos propostos por Shulman, percebemos a universalidade de sua concepção. Os professores da educação infantil aprimoram suas práticas ao articular o que sabem sobre as infâncias e suas culturas, as teorias sobre o desenvolvimento infantil e o conhecimento sobre o currículo com os modos e estratégias para prover experiências e

aprendizagens. Dessa forma, adequamos os modelos de Shulman ao contexto desta pesquisa, para apoiarmos neles as discussões dos resultados obtidos.

1.2.3 O iceberg da aprendizagem do adulto na visão de Alan Rogers: os territórios da aprendizagem informal

Quais as relações entre território e o processo ensino-aprendizagem? Santos (1996) coloca o território como uma reunião de espaços tensos, mediados entre o mundo e a sociedade. Nesse sentido, os territórios funcionam por meio de horizontalidades (espaços contíguos) e verticalidades (pontos distantes), conectados por processos sociais.

Na seara da educação, Zabalza (2016) explora a verticalidade deste conceito. A ideia de território do autor nos aproxima do entorno educacional, do contexto das estratégias didáticas, das tomadas de decisão do professor, dos marcos das referências curriculares, das fontes de conteúdos, das experiências formativas e das intervenções educativas.

O entorno educativo é, a partir desta visão, composto por lugares e sujeitos, que se organizam e ocupam espaços tangíveis e intangíveis, que variam com o tempo (ZABALZA, 2016). Em seu ensaio, Shulman (2014, p. 209) afirma que “um professor precisa ‘conhecer o território’ do ensino”, e se familiarizar com o cenário, os materiais e as ferramentas do ofício. Então, além da formação inicial, em quais outros contextos o professor constrói suas bases de conhecimento para o ensino?

A formação continuada ou permanente é um espaço de aprendizagem do profissional da educação amplamente pesquisado (TARDIF, 2014; ROLDÃO, 2009; MOSS, 2002; ROSEMBERG, 1999; KRAMER, 2002) e também meta de políticas públicas para a conquista da melhoria do ensino. O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) determinou diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024, para a eliminação das desigualdades no Brasil, visando a equidade e a qualidade da educação. A Meta 16 coloca a formação continuada como um dos desafios a serem perseguidos pelo estado e pela sociedade:

[...] formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos(as) os(as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino (BRASIL, 2014, p. 12).

Contudo, sabe-se hoje que as formações inicial e continuada não se constituem nos únicos territórios formativos do professor. Um espaço autônomo e mais amplo tem sido foco de pesquisas da área da Educação, mostrando-se como uma modalidade: a educação informal.

Novas realidades sociais imprimem mudanças na área da educação e, como consequência, as instituições formais deixam de ser os únicos territórios utilizados na formação dos profissionais: “A escola de hoje precisa não apenas conviver com outras modalidades de educação não formal, informal e profissional, mas também articular-se e integrar-se a elas, a fim de formar cidadãos mais preparados e qualificados para um novo tempo” (LIBÂNEO, 2012, p. 63).

No ano 2000, uma comissão formada por membros da comunidade europeia¹⁰ convocou os Estados membros a estabelecerem medidas práticas destinadas a fomentar a “aprendizagem ao longo da vida”¹¹ como elemento essencial da estratégia de tornar a “Europa a sociedade do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo” (COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS, 2001, p. 3).

Para elaborar este documento, mais de 12 mil cidadãos foram consultados. Os resultados indicaram a importância da “aprendizagem ao longo da vida” e o despreparo das sociedades frente às novas demandas educativas do trabalho, das transformações territoriais, das tecnologias digitais e dos danos causados no meio ambiente, como consequências da globalização. As incertezas econômicas e ambientais colocaram ênfase na importância das “aprendizagens ao longo da vida”.

Afinal, o que é aprendizagem ao longo da vida? Esta pergunta levou a comissão a elaborar consultas para obter uma resposta ampla e que não estivesse exclusivamente apoiada em perspectivas econômicas ou de educação para adultos:

As respostas recebidas no quadro do processo de consulta sobre o Memorando apontam para a necessidade de uma definição mais lata de aprendizagem ao longo da vida, que não seja reduzida a uma visão puramente econômica ou à educação dos adultos. Além de colocar a ênfase na aprendizagem da pré-escolaridade à pós-reforma, a aprendizagem ao longo da vida deveria cobrir integralmente o espectro da aprendizagem formal, não formal e informal. A consulta identificou ainda os objectivos da aprendizagem, incluindo a cidadania activa, o desenvolvimento individual e a inclusão social, bem como aspectos relacionados com o emprego. Os princípios que regulam a aprendizagem ao longo da vida e orientam a sua execução eficaz colocam a tónica no papel central do aprendente, na importância da igualdade de oportunidades e na qualidade e pertinência das oportunidades de aprendizagem (COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS, 2001, p. 4).

Desse modo, a Europa reconhece o papel central do aluno ou educando e coloca a aprendizagem informal no cenário de medidas para a conquista de suas metas.

¹⁰ Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, 21.11.2001: Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade. Comunicação da Comissão.

¹¹ Termo definido no Glossário de terminologia curricular (UNESCO, 2016) como: “todas as atividades realizadas ao longo da vida que resultam em melhor conhecimento, know-how, habilidades, competências e/ou qualificações por razões pessoais, sociais e/ou profissionais (Fonte: CEDEFOP, 2011)”.

Alan Rogers (2014), pesquisador do pouco explorado universo da aprendizagem não-formal e da informal, publicou um estudo¹² em 2014 sobre a educação de adultos e as características da aprendizagem informal. O título do trabalho é sugestivo e ao longo da obra vai sendo decifrado: “A base do iceberg: aprendizagem informal e seus impactos nas aprendizagens não-formal e formal”.

Para iniciar a discussão, o autor aponta o interesse crescente em explorar os diferentes tipos de aprendizagem. Neste movimento, observa a tendência de se afastar da educação centrada no professor, e de caminhar em direção a uma abordagem centralizada do aluno (ou educando). Igualmente inovadora é a busca pelas diferentes formas de aprendizagem, em especial após o acesso facilitado e o avanço das tecnologias digitais.

O foco na *aprendizagem* leva à redefinição dos domínios da Educação que é vista por Rogers (2014) como promotora de oportunidades de aprendizagem ou de experiências de aprendizagem. O autor explica que o fato de participar de programas de aprendizagem não implica na aprendizagem do aluno (ou educando). O que o levou a acreditar que os termos educação e aprendizagem têm sido usados erroneamente como sinônimos:

Podemos usar a analogia da farinha e do pão. Pão é feito de farinha; contudo, nem toda farinha é pão, pão é farinha processada. Igualmente, toda educação envolve aprendizagem; mas nem toda aprendizagem envolve educação, educação é processada, isto é, planejada. Aprendizagem é muito mais ampla do que educação¹³ (ROGERS, 2014, p. 12, tradução nossa).

Rogers (2014) deixa claro que não existe consenso a respeito dos significados conferidos aos termos *educação* e *aprendizagem*, mas é preciso perguntar-se a respeito dos contextos de sua utilização, das práticas envolvidas, de quem participa dos processos, de quem são as autoridades, as escolas de pensamento e as influências. Do mesmo modo que existem variáveis na definição, é possível identificar diferentes tipos de aprendizagem. Com base no documento proposto pela Comissão das Comunidades Europeias (2001), Rogers (2014, p. 15), indica que a aprendizagem ao longo da vida deve abranger um espectro de tipos de aprendizagens - formal, não-formal e informal.

Como definir, então estes tipos de aprendizagem?

¹² The base of the iceberg, Barbara Budrich Publishers, Opladen, Berlin & Toronto, 2014. peDOCS Open Access Erziehungswissenschaften.

¹³ We can use the analogy of flour and bread. Bread is made from flour; but not all flour is bread, bread is *processed* flour. Similarly, all education is learning; but not all learning is education, education is processed, i.e. *planned*, learning. Learning is much wider than education (ROGERS, 2014, p. 12).

Segundo o Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos (UNESCO, 2010, p. 27), é importante reconhecer “um *continuum* de aprendizagem entre a educação formal, não formal e informal e suas implicações para a aprendizagem ao longo da vida”. No documento, estas modalidades de aprendizagem são definidas da seguinte maneira (Quadro 01):

Quadro 01 – Definições das aprendizagens formal, não formal e informal, de acordo com o Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos UNESCO.

<i>Continuum</i> de aprendizagens	
Aprendizagem formal	A aprendizagem formal ocorre como resultado de experiências em uma instituição de educação ou treinamento, com objetivos de aprendizagem, duração e apoio estruturados que conduzem à certificação. É intencional, do ponto de vista do educando.
Aprendizagem não formal	A aprendizagem não formal não é fornecida por uma instituição de educação ou treinamento e normalmente não conduz à certificação. É, todavia, estruturada (em termos de objetivos de aprendizagem, duração da aprendizagem e apoio à aprendizagem). A aprendizagem não formal é intencional, do ponto de vista do educando.
Aprendizagem informal	A aprendizagem informal resulta das atividades da vida quotidiana, relacionadas ao trabalho, à família ou ao lazer. Não é estruturada (em termos de objetivos de aprendizagem, duração da aprendizagem e apoio à aprendizagem) e normalmente não conduz à certificação. A aprendizagem informal pode ser intencional, mas, na maioria dos casos, é não intencional (ou “incidental” / aleatória).

Fonte: Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos - UNESCO, 2010, p. 27, tradução nossa.

A *aprendizagem formal* é colocada como intencional de ambas as partes: instituição e educandos. De acordo com a UNESCO (2010), a *aprendizagem não formal* caracteriza-se pela ausência de intencionalidade de quem ensina. Contudo, Rogers afirma que não há clareza e nem consenso a respeito destes conceitos. Para o autor, é possível discernir duas abordagens. Por um lado, exemplifica uma situação de aula de música fora da escola, que pode ser vista como *aprendizagem formal* num contexto *não formal*. Por outro lado, a participação num grupo de teatro da escola pode ser considerada uma *aprendizagem não formal* numa instituição *formal*.

de educação. O termo *não formal* tem sido utilizado em relação a sistemas alternativos de escolarização e que, em geral, são certificados (ROGERS, 2014).

Por fim, assim como os contextos de *aprendizagem não formal* são mais amplos do que os contextos de *aprendizagem formal*, os de *aprendizagem informal* são ainda maiores. A principal distinção entre as três formas de aprendizagem diz respeito ao seu planejamento, situando a *aprendizagem informal* como a modalidade não planejada e que inclui todo o tipo de influência advinda da vivência em família, em grupos sociais e da participação em eventos de esporte, lazer e cultura. Para Rogers é “pela aprendizagem informal que adquirimos um conjunto de valores e estamos nos integrando a uma determinada cultura”¹⁴ (2014, p. 17, nossa tradução). Assim, existe um “currículo oculto”¹⁵, nas palavras de Rogers (2014, p. 17, nossa tradução), que permeia as *aprendizagens formais* e *não formais*, que não está diretamente implicado nos objetivos educacionais e que pode ser beneficiado também pelas *aprendizagens informais*.

Dentro de sua amplitude, as *aprendizagens informais* não podem ser consideradas como um processo único. Segundo Rogers, um tipo de *aprendizagem informal* pode, ao seu ver, ocupar uma fronteira entre a *aprendizagem não formal* e a *informal*: a *aprendizagem autodirigida*, que é a modalidade mais pertinente a esta pesquisa.

A *aprendizagem autodirigida* é parte do conjunto de *aprendizagens informais* do ser humano adulto, mas destaca-se de aprendizagens “incidentais” e “acidentais” (ROGERS, 2014, p. 19) porque compõe o território do autodidatismo e das atividades intencionais de aprendizagem autônoma. Rogers, adotando a identidade de ‘aprendiz’ (ou educando) nestas situações, esclarece que “planejamos e controlamos nossas atividades de aprendizagem, participamos delas com propósito e medimos o nosso sucesso em termos do quanto aprendemos”¹⁶ (2014, p. 17, nossa tradução). Este é, portanto, um processo intencional e consciente de aprendizagem. Por isso, apesar das diferentes visões e classificações deste tipo de aprendizagem, Rogers a posiciona no limite entre a *aprendizagem não formal* e a *informal*.

A educação, um conjunto de situações e processos, é vista por Rogers como um “*continuum* de aprendizagens” de múltiplas dimensões, que se movimentam e se estruturam sobre fluxos de aprendizagens acidentais/incidentais, aprendizagens conscientes de tarefas,

¹⁴ through informal learning, we are acquiring a set of values, we are being socialised into a particular culture (ROGERS, 2014, p. 17).

¹⁵ ‘hidden curriculum’ (ROGERS, 2014, p. 17).

¹⁶ “we plan and control the learning activities, we set out purposefully and we measure our success in terms of how much we have learned” (ROGERS, 2014, p. 17).

aprendizagens autodirigidas, aprendizagens não formais e aprendizagens informais (figura 01). Os contornos entre cada modalidade aparecem desfocados e variam conforme os contextos e os discursos sociais, ocorrendo em uma variedade de formas híbridas (ROGERS, 2014).

Figura 01 – “*Continua of learnig*” (o continuum da aprendizagem, tradução nossa), proposto por Rogers (2014).

informal (acidental/incidental)	autodirigido	não formal	formal
não planejado/não intencional	intencional/auto-planejado	proposital/planejado por outros	
aprendizagem inconsciente	aprendizagem consciente de tarefas	aprendizagem consciente	
não mensurável	medido por tarefa	medido pela aprendizagem	

Fonte: ROGERS, 2014, p. 21, tradução nossa.

Allen Tough, em 1979, antes mesmo da presença dos computadores no cotidiano dos cidadãos, destacava a importância dos fluxos de aprendizagem autodirigida, afirmando que aproximadamente 70% dos projetos de aprendizagem eram iniciados pelo próprio adulto educando, que buscava ajuda e informações com pessoas conhecidas, especialistas e material impresso, fazendo uso de uma variedade de fontes. Recentemente, o CESIE¹⁷, um centro europeu dedicado a gerar iniciativas que promovam inovação, participação e crescimento educacional, está realizando, em parceria com diversos países europeus, pesquisas sobre educação ao longo da vida para ampliar e qualificar a educação dos adultos, reconhecer, valorizar e avaliar este tipo de formação e melhorar a cooperação entre centros de pesquisa, universidades e organizações não governamentais. Um estudo promovido na Itália por Mongelli e Franceschi (2009-2010) coloca que a aprendizagem informal é um tipo de educação difícil de delimitar e analisar porque a maior parte de suas atividades podem acontecer em qualquer lugar, horário e no cotidiano de crianças, adultos e idosos. Contudo, ela representa a principal forma de aprendizagem¹⁸ e desempenha um papel relevante na sociedade, em especial aquela adquirida por meio das tecnologias de informação. (MONGELLI; FRANCESCHI, 2009-2010).

¹⁷ CESIE é uma organização sem fins lucrativos, um centro europeu de estudos e iniciativas, estabelecido em 2001, inspirado no trabalho e nas ideias do sociólogo Danilo Dolci (1924-1997). Tem como visão que o mundo é uma criatura única, possui sedes em diversos países e é apoiado pelo programa Erasmus. Disponível em: <<https://cesie.org/en/>>.

¹⁸ De acordo com o Relatório italiano de 2008 sobre treinamento continuado, 7,2 % das pessoas com mais de 18 anos estão matriculados em cursos da educação formal; 16,3 % integram cursos da educação não formal e 35,8 % estão envolvidas em atividades autoformativas da educação informal (Aavv, Raporto annual sulla formazzione continua 2008, Isfol, 2008 *apud* MONGELLI; FRANCESCHI, 2009-2010, p. 4, tradução nossa).

A imagem proposta por Rogers, de um iceberg cujo pequeno topo visível corresponde às aprendizagens formais e não formais, e na grande massa submersa e obscura encontra-se toda a gama de aprendizagens informais, está condizente com as pesquisas e relatórios propostos pela União Europeia, UNESCO e outros órgãos de países interessados em conhecer, valorizar e apoiar as múltiplas aprendizagens que permeiam a vida do adulto profissional.

Nesse território de possibilidades de aprendizagem, não seria o *blog* Tempo de Creche uma fonte de pesquisa e de aprendizagem autônoma para profissionais da educação infantil, ao integrar os recursos mobilizados em momentos de aprendizagem informal?

2 BLOGS: DA CIBERCULTURA AO TEMPO DE CRECHE

O universo digital está tão incrustado em nossas vidas que, ao fazermos uso, raramente pensamos em sua história, conceitos, definições e nas mudanças profundas que ele provocou na sociedade. O *blog* Tempo de Creche é fruto dessa aventura humana revolucionária, que criou a informática e a informação em rede ao alcance de todos.

2.1 Cibercultura

São 10 horas da manhã e o Worldometers¹⁹, um site que agrega uma variedade de estatísticas mundiais atualizadas em tempo real, já contabiliza mais de 2,5 milhões de postagens publicadas pelos *blogs* da Web²⁰. No site do WordPress²¹, um dos mais utilizados no mundo, é possível verificar o volume mensal de atividades de todos os *blogs* hospedados em seus sistemas:

Quadro 02: Atividade mensal de postagem, publicada no site do WordPress

Atividade de postagem no WordPress	agosto de 2007	agosto de 2019
Número de <i>postagens</i> publicadas nos <i>blogs</i>	2.201.828	72.181.926
Número de <i>comentários</i> publicados nos <i>blogs</i>	3.000.430	459.439.005

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O crescimento de publicações de postagens ao longo de 12 anos de existência do WordPress é um indicador de que os *blogs* são um formato de site cotidianamente adotado e visitado na rede mundial de computadores. Pelo volume de dados publicados diariamente, os *blogs* são uma realidade que estabelece culturas e impacta a sociedade. Mas que cultura é essa, afinal? O que é cultura digital?

¹⁹ Disponível em: <<https://www.worldometers.info/blogs/>>. Acesso em 12 set. 2019.

²⁰ 12 de setembro de 2019.

²¹ Disponível em: <<https://wordpress.com/activity/posting/>>. Acesso em 12 set. 2019. O WordPress é um gerenciador de conteúdos ou um tipo de plataforma que oferece estruturas para a criação de *blogs*. O Tempo de Creche foi criado no WordPress.

Pierre Levy (1999) questiona a palavra impacto no que tange as relações mediadas pela internet. Ao usar a “metáfora bélica”, o autor acredita que a leitura dos fenômenos da cultura digital pode induzir à imagem de algo frio, imposto por um mundo distante, sem emoção e desprovido de valor humano. O autor parte, então, de outro entendimento sobre a relação homem e (suas) máquinas:

Parece-me, pelo contrário, que não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seus usos pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal [...] em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura (LEVY, 1999, p. 21-22).

Os computadores são, então, uma criação humana e carregam em *seu DNA*, características dessa humanidade. Eles surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945, contudo o grande desenvolvimento e comercialização ocorreu nos anos de 1970, quando os microprocessadores²² começaram a ser utilizados na automação.

Movimentos sociais foram ampliando os usos da informática na vida cotidiana do cidadão comum, e os computadores se transformaram em instrumentos de criação de textos, imagens, música, banco de dados, pesquisa, diversão, entre outros fins. Foi o “triunfo da informática ‘amigável’” (LEVY, 1999, p. 32). No final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, um novo movimento sociocultural surgiu “sem que nenhuma instância dirigisse esse processo” e, com a crescente formação de redes de computadores, as pessoas e seus computadores se conectaram à “inter-rede”, que se desenvolveu exponencialmente (LEVY, 1999).

Memória, transmissão, entradas, saídas, interface de dados, programas, padronização e outros recursos criados no universo da cibercultura, foram transformando os computadores e suas redes em um sistema comunicativo no qual o usuário final não precisa conhecer a complexidade daquilo que manipula. Com isso, Levy (1999, p. 45) conclui esse processo histórico contemporâneo colocando o computador como “um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante” e não mais uma peça central:

No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda a parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si (LEVY, 1999, p. 45).

²² “Unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico”, segundo Levy (1999, p. 31).

Castells (2011) chama esta rede de “rede das redes” ou “Rede” desde que ela tomou a forma da “Rede de Alcance Mundial” ou World Wide Web, a sigla mágica WWW, utilizada cotidianamente para nos conectar a um universo infinito de informações, conhecimentos e relações humanas. Para Castells (2011, p. 439-440), “uma rede flexível formada por redes dentro da internet [...] que se tornou, literalmente, uma Teia de Alcance Mundial para comunicação individualizada interativa”.

É neste ambiente que surge o conceito da interatividade, definido por Levy (1999, p. 81) como “a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”, e, por consequência, a sociedade interativa, “que reúne as pessoas on-line ao redor de valores e interesses comuns” (RHEINGOLD, 1983, *apud* CASTELLS, 2011, p. 442).

Assim, num movimento advindo da sociedade, independente de interesses e influências de governos e de grandes corporações, a internet foi se constituindo a partir dos seus usuários, que imprimem nela suas marcas e constroem cultura (ou culturas). Na visão de Castells (2011, 459), “Culturas consistem em processos de comunicação” e, de acordo com Gomez (2010), a mídia impressa e outras mídias tradicionais são em si produtos de culturas que também geram culturas, e, por sua vez, a internet como um meio de comunicação gera a *cibercultura*: “um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual” (GOMEZ, 2010, p. 16). Castells (2001) reitera que a cultura dos produtores da internet deu forma a este meio e, portanto, a cultura da internet é a cultura de seus próprios criadores.

Em quais momentos o ser humano de hoje produz a cibercultura? Todos os dias, a todo o momento, bilhões de pessoas que se conectam, publicam, acessam, leem, comentam, opinam, dialogam e InterAgem. Esta comunicação de proporções infinitas gera cultura e conhecimento e, por consequência, se constitui em um território de aprendizagem autônoma, mediada pelo computador.

Desse modo, formaram-se grandes redes horizontais de comunicação interativa que, segundo Castells (2011, p. XII), “conectam o local e o global” compondo um sistema digital integrado de todas as formas de mídia. Esse poder de comunicação e processamento de informações se distribui em todas as áreas da vida social e as pessoas se apropriam das novas formas de comunicação. Ao incorporarem esses formatos, os sistemas se transformam em modos de comunicação em massa, como “SMS, *blogs*, *vlogs*, *podcasts*, *wikis* e coisas do gênero” (CASTELLS, 2011, p. XII).

Castells (2011) esclarece que diversos tipos de documentos são incorporados a estas redes – textos, vídeos, fotografias, imagens, áudio, música. A multiplicação de conteúdos

formou uma sociedade virtual diversificada e difusa, fazendo surgir outros formatos de comunicação, como o Facebook e, no contexto brasileiro, o Instagram e o WhatsApp.

Nos meandros da Web (rede), os nautas – navegantes em outros tempos – se movimentam visitando diversos locais (sites) e acessando, produzindo e partilhando variadas formas de arquivos e uma infinidade de conteúdos. Viana esclarece que “Em geral, qualquer ambiente online permite, pelo menos, concretizar uma das seguintes acções: aceder a informação, comunicar, produzir e partilhar conteúdos” (VIANA, 2009, p. 60).

Ao refletir sobre a preservação de uma identidade cultural frente ao gigantesco acervo de informações produzidas, armazenadas e disponibilizadas no ambiente digital, Takahashi (2009) aponta para a recente possibilidade de desenvolvimento humano que as sociedades com universalização de acesso podem conquistar:

Gigantescos acervos de informação sobre os mais variados temas – designados pelo nome genérico de conteúdos – circulam hoje, em escala planetária e de forma acelerada, por meio da Internet e das novas mídias eletrônicas. Esse repertório permite o compartilhamento de conhecimentos, informações e dados, bem como ensaja o desenvolvimento humano. Em um contexto globalizado, o volume de informações disponíveis nas redes passa a ser um indicador da capacidade de influenciar e de posicionar as populações no futuro da sociedade (TAKAHASHI, 2009, p. 7-8).

Ao pesquisar o e-Learning²³ (aprendizado eletrônico), Mota (2009) acredita que as fronteiras das aprendizagens nos diferentes contextos foram quebradas. Este pensamento encontra eco nos contornos indefinidos de aprendizagem propostos no *continuum* de Rogers (2014). Ao citar Downes, Mota pontua que a aprendizagem na era do computador transcende as fronteiras dos contextos formais, e ocupa até mesmo a vida profissional e a pessoal:

Num mundo em que os computadores começam a ter uma presença massiva, [...] em que várias redes que habitamos se entrecruzam, vemos estabelecer-se fronteiras entre o que aprendemos em contextos formais e em contextos informais, entre a nossa vida pessoal e a profissional, entre sermos estudantes e sermos indivíduos que aprendem, sempre, ao longo da vida. A aprendizagem torna-se ubíqua, presente em todos os momentos da nossa existência, desde os actos quotidianos mais triviais às artes e à cultura (DOWNES, 2005, *apud* MOTA, 2009, p. 63).

Atualmente contamos com uma diversidade de exemplos de ambientes online: *blogs*, websites, wikis, redes sociais, fóruns, ferramentas que permitem armazenamento e organização de fotografias, vídeos e textos, entre outros. Ao navegar nestes ambientes podemos procurar e encontrar conteúdos duvidosos e conteúdos para proveito social, individual, pesquisa e construção de novos conhecimentos (GOMEZ, 2010). Cabe aprender a buscar ou pesquisar nos diversos motores de busca ou receber indicações (encaminhamentos ou compartilhamentos) de

²³ Electronic learning.

pessoas conhecidas ou participantes de comunidades. É desse modo que sites, portais, redes sociais, *blogs* e o *Blog* Tempo de Creche são acessados. Mas o que são *blogs*? Quais as diferenças e semelhanças entre *blogs*, sites, redes sociais e o Tempo de Creche?

2.2 Websites, redes sociais e blogs: componentes da cultura cibernética

Para Embrey (2002, *apud* JONES; ALONY, 2008), *blogs* são o casamento entre website, diário e comunidade que partilha interesses comuns. Assim, antes de caracterizar os *blogs*, que hoje assumem diferentes roupagens, cabe elucidar os websites e as redes sociais.

Websites

Website, ou *web* + *site* consiste em um espaço virtual ou um local na rede. Utilizam-se os termos *site* e *website* com sinônimos para definir uma página ou agrupamento de páginas, que é acessado por um mesmo endereço na internet. Os *websites* são construídos para atender a uma variedade de objetivos e públicos. Em geral, os *websites* possuem uma *home* – ou página de abertura – que indica o propósito e o mapa do site com um índice de conteúdos. Os *sites* exibem seus conteúdos de modo mais estático, não demandam alimentação ou modificação frequente e são construídos a partir de conhecimentos técnicos específicos de programação e design (DICIONÁRIO INFORMAL; WIKIPEDIA; ADALBRA).

Redes sociais e Facebook

As redes sociais são serviços presentes na Web, pelos quais seus usuários estabelecem conexões com “amigos” ou contatos, por meio da criação de uma página de perfil. Conforme ressalta Capra, as relações sociais nestas redes se dão, fundamentalmente, pela identificação entre as pessoas: “Os limites das redes não são limites de separação, mas limites de identidade. Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pelas redes de comunicações” (CAPRA, 2008, p. 10).

Rede social é um termo utilizado para delinear um grupo de pessoas que interage diretamente por meio de mídias de comunicação. Benevenuto, Almeida e Silva (2012) definem rede social online como:

[...] um serviço Web que permite a um indivíduo (1) construir perfis públicos ou semi-públicos dentro de um sistema, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais ele(a) compartilha conexões e (3) visualizar e percorrer suas listas de conexões assim como outras listas criadas por outros usuários do sistema (BENEVENUTO; ALMEIDA; SILVA, 2012, p. 5).

As redes sociais disponibilizam funções como mural de notícias, criados pelos seus usuários, publicidade, mensagens instantâneas (públicas e privadas), foros de discussão e partilha de informações pessoais, imagens, textos, vídeos, eventos, links para conteúdos em outros sites da Web, entre outros recursos, representando “uma experiência de comunicação possível pela convergência cultural, tecnológica e humana” (GOMEZ, 2010, p. 89).

Um exemplo de rede social é o Facebook, de especial interesse para este trabalho, uma vez que o sistema de gerenciamento do Tempo de Creche permite integrar o *blog* a uma página desta rede.

O Facebook foi lançado em 2004 e, de acordo com Aguiar (2016), do site Rock Content, é a maior rede social do mundo, com dois bilhões de usuários ativos.

É possível criar páginas individuais, páginas voltadas a grupos de pessoas em torno de interesses comuns e “*fanpages*” ou páginas de empresas, instituições ou marcas, como o *blog* Tempo de Creche.

Segundo Aguiar (2016), atualmente muitas pessoas passaram a ver o Facebook como ferramenta de trabalho e meio para divulgação de empresas e marcas para uma comunidade de seguidores - como são chamados os usuários que “curtem” a “*fanpage*” para acompanhar o que é postado nela. Ao curtir a página do Tempo de Creche no Facebook, os seguidores são alertados sobre as publicações na *fanpage* e, por consequência, sobre as postagens no *blog*.

Do ponto de vista sociológico, as ferramentas disponibilizadas pelo Facebook - “curtir”, “compartilhar” e “comentar” - permitem promover conversações mediadas por computador. De acordo com Recuero (2014), ao compreender as práticas e os sentidos do uso destes recursos como capital social, pode-se entender os impactos sociais deste tipo de site. A autora defende que a conversação mediada por computador tem características próprias, uma vez que as interações realizadas pelos usuários permanecem (se não existir uma ação de exclusão). Com isso, as conversações ganham outra dimensão: “elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias” (RECUERO, 2014, p. 116).

A densidade da rede formada no Facebook permite que as informações possam ser espalhadas, tornando-se menos privadas, mais acessíveis e circulantes. Assim, a presença do *blog* Tempo de Creche na rede social, por meio de sua *fanpage* articulada, permite aos seguidores participar da conversação mediada por computador divulgando a movimentação de postagens no site e colhendo os impactos do espalhamento destas informações.

O Facebook possui uma variedade de recursos que permite aos usuários diferentes modos de se expressar quanto aos conteúdos postados. O recurso “curtir” é o que exige o menor investimento do usuário em termos de interação e conversação. Para Recuero (2014, p. 119), o botão “curtir” parece ser percebido como uma forma de tomar parte numa conversação sem precisar elaborar uma resposta. Os estudos da autora demonstram que a grande maioria dos sujeitos pesquisados curtem as publicações do Facebook para mostrar que viram a informação e que a consideram digna de atenção.

Do ponto de vista do marketing digital, o compartilhamento dos conteúdos postados é o recurso que exige mais investimento pessoal entre as interações disponibilizadas pelo Facebook, segundo Aguiar (2016). Na perspectiva apresentada por Recuero (2014), grande parte dos usuários compartilha conteúdos para divulgar algo relevante, ampliando seu alcance. A pesquisadora ainda afirma que a decisão de compartilhar uma publicação postada no Facebook é motivada pelo desejo de compartilhar algo percebido como importante para a comunidade da qual se faz parte. Em relação à ampliação de conhecimentos, Viana (2009) ressalta que, em geral, informações novas chegam aos usuários por meio da participação em grupos e comunidades com os quais se mantenha laços mais fracos de amizade, pois, em ambientes com relações próximas, é provável que as informações já sejam conhecidas.

Já os comentários são as práticas mais conversacionais adotadas pelos usuários do Facebook e as que exigem maior empenho (RECUERO, 2014).

Em relação à elaboração e aparência das páginas de perfil, o Facebook disponibiliza meios para personalizá-las. Este recurso possibilita aproximar a aparência das páginas do *blog* e da *fanpage* do Facebook, reforçando a sua identidade.

O Facebook também oferece o Facebook Insights, um conjunto de informações que permite analisar a interação do público com as publicações da página, o comportamento e o perfil dos usuários. Este conjunto de dados estatísticos pode auxiliar o administrador da *fanpage* a melhorar a comunicação com seus seguidores.

De acordo com Amaral (2019) do site Rock Content, em linhas gerais, as informações disponibilizadas fornecem dados de um período de tempo determinado (diário, semanal, mensal, anual), sobre:

- Total de seguidores – dados sobre ganho e perda de seguidores;
- Curtidas na página – espécie de adesão à página para que o seguidor receba na própria tela as publicações da *fanpage* curtida;
- Alcance das postagens – número de pessoas em cujas telas foram exibidas as

publicações da *fanpage* (segundo o *Facebook*, é uma estimativa). Também exibe dados sobre as diferentes reações (“curtidas”, “amei”, “uau”, “haha”, “triste” e “grr”), comentários e compartilhamentos;

- Visualizações da página – número de vezes que uma *fanpage* foi visualizada por pessoas (seguidoras ou não);
- Ações na *Fanpage* – cliques em informações sobre o administrador da *fanpage*. No caso do *blog* Tempo de Creche, cliques no e-mail de contato e no link para o site;
- Dados sobre o público – baseados nos dados pessoais fornecidos pelos usuários. Disponibiliza dados de gênero, idade, idioma e geográficos. Permite a análise demográfica dos seguidores com informações sobre países e cidades de origem e língua;
- Estatísticas sobre conversas por meio do *inbox* ou Messenger (conversa particular por mensagens entre os administradores e os usuários do *Facebook*) – informa o número de pessoas que entraram em contato com o Tempo de Creche, por exemplo.

Cabe destacar que os seguidores que curtem a *fan page* do Tempo de Creche no *Facebook* são relevantes estatisticamente, sendo contabilizados pelo gerenciador de conteúdo do *blog*, o *WordPress*.

Blogs

Existem controvérsias quanto à criação dos *blogs*. Para alguns, Justin Hall é o *blogueiro* pioneiro, com seu *blog* Links.net, criado em 1994 e ativo até a atualidade (HOSTING TRIBUNAL, 2019). Para outros, em dezembro de 1997, Jorn Barger criou a ferramenta do *web-log* – ou diário da web – e foi o editor do influente Robot Wisdom (WIKIPÉDIA, 2019).

Em maio de 1999, o web designer e autoproclamado “brincante de palavras”, Peter Merholz, postou em sua página que com base no termo *web-log*, havia criado o termo *we blog*²⁴, ou *blog* para encurtar. O impacto da brincadeira foi imediato e a partir desse momento os *weblogs* passaram a ser chamados de *blogs* (MERHOLZ, 2002).

Mas, o que é um *blog*?

Blogs são sites frequentemente atualizados, em que os conteúdos (textos, imagens, vídeos, gravações sonoras etc.) são postados e apresentados em ordem cronológica inversa. Cada postagem possui um endereço individual e, em geral, um espaço para comentários. Por

²⁴ Jogo com as palavras “we” e “blog”, ou “nós blogamos”.

meio de links²⁵, os *blogs* costumam direcionar seus usuários para outros *blogs* e a rede formada por estas conexões é chamada de *blogosfera*.

Para Schmidt (2007), os *blogs* são mais dinâmicos do que os websites por conta da ágil atualização dos conteúdos e da possibilidade de comentar sobre o que é postado. No entanto, ao contrário de outros recursos indicados para promover conversas – áreas de chat, Messenger do Facebook e WhatsApp, por exemplo – Schmidt (2007) afirma que a comunicação por meio dos *blogs* não é síncrona, e as respostas podem não ser instantâneas. Além disso, as ferramentas dos *blogs* permitem aos seus administradores o controle sobre a publicação das mensagens recebidas, podendo eliminar aquelas que julgarem inconvenientes (SCHMIDT, 2007).

A maioria dos *blogs* são do tipo jornal ou diário pessoal, cuja motivação dos autores é documentar suas experiências e reflexões. Uma boa parte dos *blogueiros*²⁶ também justifica a existência de seus sites para influenciar ou conhecer outras pessoas (SCHMIDT, 2007). Viana define esta motivação como “ligação ao mundo e quebra de isolamento” (VIANA, 2009, p. 62).

Gomez (2010) afirma que os *blogs* são comumente temáticos, criados para discutir as ideias dos autores, divulgar informações, eventos e/ou produtos. Com isso, estabelecem-se comunidades virtuais em torno de temas e áreas do conhecimento.

Liberdade de expressão, simplicidade na construção, facilidade na administração e na edição e formato orgânico e versátil, favoreceram o surgimento de milhões²⁷ de *blogs* com viés político, marqueteiro, jornalístico, científico, literário, educacional, artístico e de laser, constituindo uma infinidade de temas e propósitos. Qualquer pessoa com uma opinião pode se lançar neste universo (ROSENBLOOM, 2004).

Essa tendência pode despertar questionamentos sobre a credibilidade dos conteúdos postados. Contudo, Penteado, Santos e Araújo (2009) afirmam que é justamente a credibilidade um dos fatores de atratividade de usuários aos *blogs*, e Clyde (2006, p. 43) defende que muitos deles são criados por especialistas que acabam por compor uma comunidade de interesse. Assim, não importa o tipo de *blog* e a área de interesse dos conteúdos postados, os usuários se sentem atraídos por postagens em que podem confiar, que apelam para suas emoções e que

²⁵ **Link** é uma palavra em inglês que significa elo, vínculo ou ligação. No âmbito da informática, a palavra **link** pode significar hiperligação, ou seja, uma palavra, texto ou imagem que quando é clicada pelo usuário, o encaminha para outra página na **internet**, que pode conter outros textos ou imagens (SIGNIFICADOS, 2014).

²⁶ Tradução de bloggers, o autor do blog.

²⁷ Mais de 500 milhões em 2019 de acordo com o site Hosting Tribunal (<<https://hostingtribunal.com/blog/how-many-blogs/>>).

ampliam seus conhecimentos. Viana (2009) acrescenta que os sujeitos de sua pesquisa costumam consultar sites e *blogs* que já conhecem e/ou que guardam. Assim, cabe aos *blogueiros* encontrar a melhor forma de se aproximar e se comunicar com seu público (HOSTING TRIBUNAL, 2019).

Como usuários dos ambientes online, autores, gerenciadores e seguidores dos *blogs* podem ser caracterizados. O site do *WordPress* apresenta o resumo de um estudo que propõe o conceito de *groundswell*²⁸ para classificar os usuários da internet: “Uma tendência social na qual as pessoas usam tecnologias para obter o que precisam umas das outras, e não mais de instituições tradicionais da sociedade”²⁹ (Li; Bernoff, 2011, p. 9 *apud* WORDPRESS, 2017, tradução nossa).

Em sua pesquisa, Viana (2009) também adota o conceito da Escada Tecnográfica Social, proposto por Charlene Li e Joshua Bernoff, uma escada dividida em níveis de participação dos usuários/consumidores da internet (BERNOFF, LI, 2011; BERNOFF, 2008, p. 43 *apud* VIANA, 2009, p. 79-80):

- Criadores – o topo da escada. Produzem conteúdos e publicam em seus *blogs* e/ou websites. Criam e fazem upload de músicas, vídeos e podcasts, escrevem artigos ou histórias e os publicam;
- Interlocutores – participam da rede social ao menos uma vez por semana, fazendo publicações de conteúdos (*Facebook*, *Twitter* etc.);
- Críticos – comentam nos *blogs* e publicações das redes sociais, fazem avaliações, contribuem em fóruns, editam páginas de *wikis*;
- Coletores – organizam os conteúdos e informações do ambiente digital para si e para outros usuários através de *tags*³⁰ e *feeds* RSS³¹. Também participam de votações online em sites para este fim;
- Associados – conectam-se às redes sociais e mantêm perfis atualizados nelas;
- Espectadores – consomem os conteúdos dos ambientes digitais: visualizam *blogs* e sites, assistem a vídeos e ouvem músicas e *podcasts*³² e leem fóruns;

²⁸ Groundswell: acúmulo de opinião ou sentimento em uma população (GOOGLE TRADUTOR).

²⁹ “a social trend in which people use technologies to get the things they need from each other, rather than from traditional institutions like corporations” (LI; BERNOFF, 2011, p. 9 *apud* WORDPRESS, 2019).

³⁰ Tag (etiqueta) é uma palavra-chave ou termo associado com uma informação que o descreve e permite uma classificação da informação.

³¹ Feed (fluxo de conteúdo publicado) + RSS (really simple syndication): programas que permitem ao usuário de *blogs* e sites ser avisado de novas publicações por mensagens e e-mails.

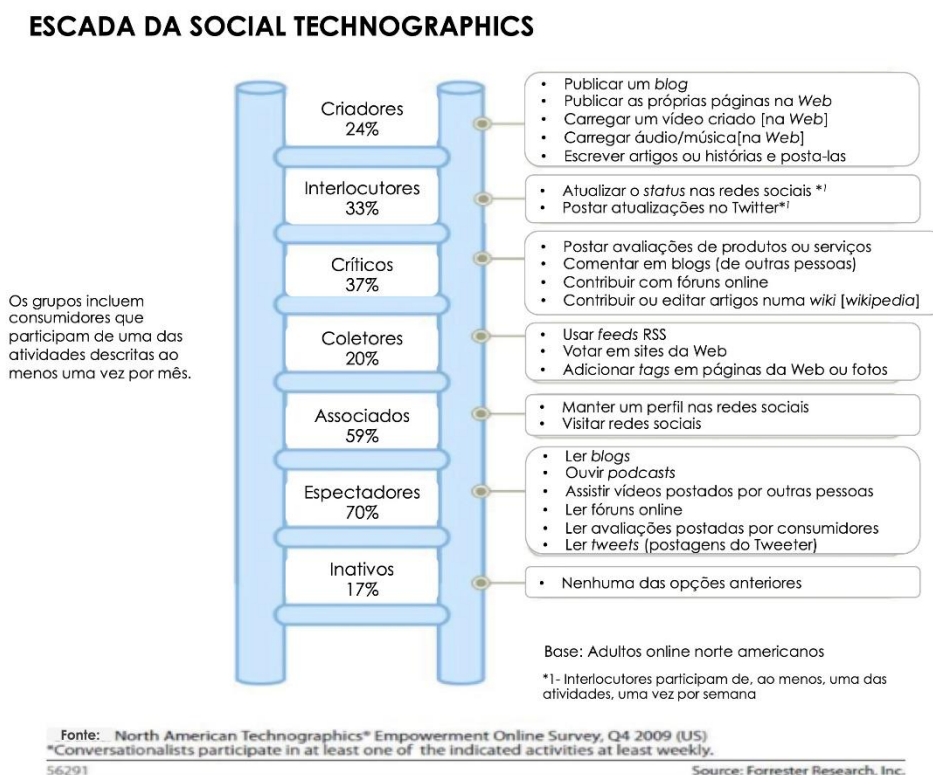
³² Podcasts são arquivos de áudio de conteúdos variados, transmitidos através da internet (WIKIPEDIA, 2019). Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Podcasting> >. Acesso em: 21 jan. 2020.

- Inativos – utilizam a Web sem participar ou utilizar os ambientes sociais.

A intensidade de participação proposta nos níveis é decrescente, isto é, o nível dos criadores está relacionado a uma atividade mais intensa dos usuários da internet, e o nível dos inativos representa o menor nível de interação.

A pesquisa da Forrester's Social Technographics realizada em 2008 apontou uma variação na participação de usuários europeus nos ambientes online. A maior parte dos usuários é composta por inativos e espectadores (43 % e 49 % respectivamente). Na figura abaixo, é possível observar a proporção entre os tipos de usuários nos Estados Unidos.

Figura 02 – Figura representativa da escala de participação de usuários em ambientes online, em 2008.



Fonte: Forrester Research Inc., Disponível em: <http://blogs.forrester.com/market_research/2010/01/the-data-digest-twitter-and-social-technographics.html>. Tradução nossa.

Quais as motivações para os diferentes modos de participar nos ambientes online, de acordo com o conceito *groundswell*? Li e Bernoff (2011, *apud* WORDPRESS, 2017) propõem as seguintes razões para o envolvimento nos ambientes digitais: manter amizades; fazer novos amigos; namorar; sucumbir à pressão social; contribuir com sites interessantes e úteis do ponto de vista do usuário; impulso altruísta (a Wikipedia tornou-se a maior enciclopédia do mundo

alimentada por esse impulso); exibicionismo; conhecimento validado por outras pessoas (conhecimento é poder); afinidade de interesses e preocupações.

Um recorte do big data: os dados de um blog

Outro aspecto fundamental da presença dos usuários na rede são as marcas deixadas pelos seus perfis e pelos percursos das navegações na rede. Tudo isso armazenado em imensos bancos de dados: milhões de pessoas, que efetuam bilhões de conexões, que deixam seus rastros. Já se fala em zettabytes de armazenamento dos dados gerados na internet hoje em dia, uma unidade de memória que equivale a 10^{21} . Em 2026 o volume de dados será 10 vezes maior do que o apurado em 2016 (SANTOS, 2018).

Estes rastros armazenados compõem o *Big Data*, “uma área do conhecimento que estuda como tratar, analisar e obter informações a partir de conjuntos de dados grandes demais para serem analisados por sistemas tradicionais” (WIKIPÉDIA, 2019).

Cada site, *blog* e perfil de rede social em atividade, gera dados em volume, velocidade e variedade. Coletar, armazenar e analisar dados é uma atividade que remonta à Mesopotâmia, porém, a era digital automatizou o que era uma atividade manual, trabalhosa, imprecisa e restrita (SANTOS, 2018).

Por outro lado, trabalhar com o volume, a velocidade e a variedade de dados não é tarefa simples. Santos (2018) propõe “fazer uma análise aprofundada para encontrar respostas certas”, identificar problemas, recalcular estratégias e favorecer a tomada de decisões.

A área da Educação também tem se servido da capacidade de produção de dados da era digital. Scaico, Queiroz e Scaico afirmam que é muito importante processar massas de dados em escala, analisando e comparando comportamentos de estudantes para “gerar conhecimentos generalizáveis sobre o processo de aprender e as dificuldades inerentes a determinados conteúdos” (SCAICO; QUEIROZ; SCAICO, 2014, p. 330).

Jones e Alony (2008) entendem que os *blogs* oferecem uma riqueza de dados disponibilizados em pacotes pré-formatados para análises. Também afirmam que, em termos de pesquisa, os *blogs* não exigem sincronia entre o pesquisador e o público pesquisado, demandando menos tempo e recursos para pesquisar. Além disso, os autores ressaltam que os dados gerados pelos usuários dos *blogs* não sofrem interferência direta dos pesquisadores.

Ao considerarmos o Tempo de Creche como um espaço informal de formação de profissionais da educação infantil, os dados de interação e de interesse pelos conteúdos, podem

revelar as experiências dos usuários com o *blog* (SCAICO; QUEIROZ; SCAICO, 2014) e propiciar a elaboração de novas estratégias para alcançar melhores resultados.

Blogs e Educação

A demanda por ações de formação é alta e, em geral, os sistemas de educação não são suficientes para comportar a quantidade, a diversidade e a evolução dos saberes. Por isso, é fundamental pensar em soluções para encontrar recursos capazes de “ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores” (LEVY, 2010, p. 171).

Todavia, Levy (2010) nos recorda que as demandas atuais por formação não são apenas quantitativas. Estamos vivendo mutações profundas no sentido de atender a necessidade de diversificação de estratégias educativas e de personalização das mesmas, estabelecendo: “[...] novos paradigmas de aquisição de conhecimentos e de construção de saberes [...] (A formação contínua de professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância” (LEVY, 2010, p. 173).

Ao investigar o uso das redes sociais para o aprendizado profissional de professores de quatro países de diferentes localidades, Prestridge (2019) notou mudanças de cenário. Com as tecnologias online, os professores contam com oportunidades de aprendizagem auto-motivadas, sob demanda (*on demand*) e à disposição em qualquer momento. Problemas como isolamento e custo têm sido sobrepujados pelo uso da internet e formações do tipo “tamanho único” dão lugar à participação interessada, engajada e autodirigida em ambientes disponíveis na palma da mão – nos aparelhos de telefonia celular, por exemplo.

Para a autora, a aprendizagem profissional deve considerar os processos autodirigidos, a partir das necessidades e interesses individuais. A Web permite a conexão com pessoas que dividem os mesmos interesses e o encontro com conteúdos que atendam às necessidades dos professores. Prestridge (2019) destaca os ambientes digitais como espaços em que os professores colaboram entre si, publicando suas práticas e compartilhando recursos, oportunizando, assim, aos leitores a descoberta de novas estratégias pedagógicas e a confiança nas próprias competências.

Com isso, as atividades de aprendizagem profissional em ambientes online são motivadas pelo encontro com pessoas (outros profissionais) e pela busca de conteúdos. A figura 03 apresenta um esquema do modelo proposto por Prestridge (2019).

Figura 03 – Modelo de aprendizagem profissional em ambientes de rede social, segundo Prestridge



*1- Lurk é um termo da cultura da internet utilizado para definir o comportamento de pessoas que acompanham e leem fóruns, chats, redes sociais e nunca participam postando. Acredita-se que 90% dos participantes de grupos de discussão online sejam *lurkers*. (Wikipedia, 2019, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lurker>)

Fonte: Categorising teachers' use of social media for their professional learning: A self-generating professional learning paradigm (PRESTRIDGE, 2019, p. 146). Tradução nossa.

2.3 Objeto do estudo: o Blog Tempo de Creche

A análise de um *locus* do ambiente digital exige particularidades. Ao pesquisar o potencial político e informacional dos *blogs* políticos, Penteado, Santos e Araújo (2009) reconheceram a necessidade de desenvolver pesquisas para avaliar seus impactos. No âmbito das Ciências Sociais, os autores caracterizaram os *blogs* como espaços informacionais e de ação política, e destacaram a importância de avaliar, entre outros aspectos, as influências e as transformações geradas por esta tecnologia de comunicação. Durante o processo eleitoral de 2006, os pesquisadores estudaram a cobertura dos *blogs* de política e perceberam que não existia uma metodologia específica para o estudo desse tipo de *blog*. Por isso, identificaram ser “necessário construir um método que fosse capaz de dar conta da complexidade do universo dos *blogs*” (2009, p. 163).

As ferramentas analíticas propostas por Penteado, Santos e Araújo (2009) se mostraram criteriosas, organizadoras de informações e maleáveis o suficiente para auxiliar na descrição do *blog* Tempo de Creche, objeto desta pesquisa. De acordo com os autores, para articular um

problema a ser investigado num *blog* à coleta dos dados para estudo científico, são propostas cinco etapas: “(1) histórico e descrição do *blog*; (2) classificação dos *blogs*; (3) análise da estrutura do *blog*; (4) análise do conteúdo das mensagens e (5) análise da interatividade” (2009, p. 164). A seguir descrevemos as etapas 1, 2 e 3 e as etapas quatro e cinco comporão o tópico de resultados deste estudo.

Etapas 1 e 2: classificação, histórico e descrição do Blog Tempo de Creche

Nesta etapa contextualizamos o objeto desta pesquisa, estudando a história, os objetivos e as características estruturais do site.

O Tempo de Creche é um *blog* construído por três educadoras – entre as quais me incluo³³. Conforme mencionado na introdução deste trabalho, o *blog* é o resultado de um desejo de compartilhar os aprendizados colhidos nas experiências das autoras com a formação de professores de creches e pré-escolas para contribuir com a formação de um número maior de profissionais da educação infantil.

Classificação

Segundo os critérios de classificação propostos por Penteado, Santos e Araújo, o Tempo de Creche é um *blog independente*, em que os “aspectos informais são valorizados” e cujos “autores têm maior liberdade para expressar suas opiniões e definir os assuntos a serem abordados” (2009, p. 164). Contudo, o *Blog* também se encaixa no critério de *blog escrito por acadêmicos (professores, pesquisadores, escritores etc.)*, pois “assume um formato híbrido: informativo e analítico” e os conteúdos abordados “são selecionados pela área de atuação e interesse acadêmico” (2009, p. 164-165).

O site veicula conteúdos formativos voltados para a prática de profissionais que educam crianças de zero a seis anos. O *blog* não mantém relações com instituições governamentais e não governamentais, ou qualquer instituição de educação. É totalmente mantido, administrado

³³ Duas observações são pertinentes a este tópico:

- Em relação à narrativa deste trabalho, assumimos a primeira pessoa do plural. Apesar de ser uma das autoras do Blog Tempo de Creche, nos referiremos às autoras na terceira pessoa;
- As ferramentas disponibilizadas pelas plataformas de construção de blogs permitem alterações na aparência e nos recursos disponibilizados aos leitores. Portanto, é possível que as imagens colocadas neste trabalho não reflitam a configuração atual do Tempo de Creche.

e alimentado pelas suas autoras, conforme texto publicado na aba do *blog*³⁴ “Sobre o Tempo de Creche Educação”:

O Tempo de Creche é um ambiente virtual, independente e autoral, de compartilhamento de saberes pedagógicos e de diálogo, criado com a determinação de contribuir com a formação e aperfeiçoamento da prática pedagógica de profissionais da educação infantil. É um projeto que nos envolve e alimenta. Somos Joyce M. Rosset, Ângela Rizzi e Maria Helena Webster, três autoras com atuação nas áreas da Educação e Cultura (TEMPO DE CRECHE, 2019).

O site se propõe a colaborar com a formação de profissionais da educação infantil, enfocando, especialmente, a prática pedagógica com os bebês, crianças muito pequenas e crianças pequenas, nomenclatura adotada na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Direcionado aos professores, auxiliares, berçaristas, coordenadores, diretores e outros apoiadores das creches e pré-escolas, o Tempo de Creche vislumbra um objetivo social mais amplo, pretendendo impactar a qualidade da educação das crianças de zero a seis anos - etapa da educação infantil por meio da publicação de conteúdos que levantem questionamentos, proponham reflexões, apresentem repertório prático e fundamentação teórica e provoquem o leitor a pensar na própria prática enquanto lê as postagens:

Depois de muito pensar... descobrimos o alcance dos ambientes digitais e a simplicidade das ferramentas dinâmicas e dialógicas dos *blogs*. A partir daí, mergulhamos na construção de uma linguagem adequada para conversar sobre educação com os nossos leitores. Definimos uma organização não linear e não sequencial, rizomática. Selecionamos conteúdos pertinentes a diversos contextos e buscamos a melhor forma de dialogar com um número maior de professores. Assim surgiu o Tempo de Creche Educação.

É a diversidade de contextos, olhares e estratégias que transforma professores em autores de sua prática e enriquece os conteúdos publicados. O filósofo Gilles Deleuze propõe um caminhar livre por entre saberes. Ele reforçou nossa crença *de que qualquer ponto pode ser um começo*. Não há necessidade de um início único para deflagrar uma ação. Isto nos levou a compreender que uma *proposta não pode ser fechada nela mesma*, não pode ser absoluta, porque contexto e repertório são pessoais e fundamentais para a prática pedagógica. Cada professor é singular e assim também são suas crianças.

Por isso, se o professor deseja modelo de atividade, propomos caminhos de reflexão. Se o professor pede orientação, propomos estratégias abertas ao contexto. Se o professor solicita fundamentação, fornecemos várias vozes. Quando o professor parece estar no piloto automático, apresentamos questionamento e inovações³⁵ (TEMPO DE CRECHE, 2019).

³⁴ Disponível em: <<http://tempodecreche.com.br/tempo-de-creche/acontece-com-equipe-blog/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

³⁵ Disponível em: <<http://tempodecreche.com.br/tempo-de-creche/acontece-com-equipe-blog/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Histórico e descrição

A plataforma de construção do blog

Após um período de aprendizagem sobre a construção de *blogs* no sistema escolhido de gestão de conteúdo para internet, o *WordPress*³⁶ (2019), em junho de 2014 o *Blog* Tempo de Creche entrou na rede mundial ou *World Wide Web* – *www*. Williams e Jacobs (2004) ressaltam a simplicidade dos mecanismos dos *blogs*, que se transformam num espaço público de disseminação de informações, comentários e arquivamento de conteúdos que podem ser acessados a posteriori.

O “*WordPress* é um sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para internet [...] voltado principalmente para a criação de páginas eletrônicas (sites) e *blogs* online” (Wikipedia, 2019). É um dos mais utilizados porque é aberto, fácil e versátil. Dispõe de diversas ferramentas que podem ser utilizadas sem o conhecimento de códigos e programação. Segundo o site do *WordPress*, ele proporciona “recursos poderosos e a liberdade para construir o que você quiser. *WordPress* é livre e inestimável ao mesmo tempo” (WORDPRESS, sem data).

O sistema disponibiliza ferramentas para design personalizável das páginas; uso do SEO (Search Engine Optimization ou técnicas para que o site esteja nas primeiras páginas de resultados do site de buscas Google); responsividade (quando a página se adapta ao tamanho de tela do usuário, mantendo a aparência e as funções); gerenciamento em qualquer lugar (possibilidade de postar, responder comentários, verificar dados estatísticos e alterar aparência e conteúdo a partir de qualquer dispositivo); compartilhamento integrado para as redes sociais (no caso do Tempo de Creche, no *Facebook*); estatísticas detalhadas (para conhecer os visitantes, o que eles leem no *blog* e quando e quanto o acessam).

Em relação aos dados estatísticos, o *WordPress* oferece um conjunto de gráficos, mapas e listas que apresentam informações sobre as visitas que o *blog* recebe, as postagens e as páginas mais populares. O site de suporte do *WordPress*³⁷ enumera as seguintes ferramentas estatísticas:

- Atividade de publicações: quantidade de publicações em determinado período de tempo.
- Resumo de informações sobre a publicação mais recente: número de visualizações e comentários.

³⁶ Todo blog é criado a partir de um programa desenvolvido por uma empresa de gerenciamento de conteúdo. É a estrutura que funciona como os bastidores do blog (rockcontent.com).

³⁷ Disponível no endereço <<https://br.support.wordpress.com/estatisticas/>>. Acesso em 14 mai. 2019.

- Estatísticas do dia: número de visualizações, visitantes e comentários publicados no dia.

Dados sobre visualização e visitação são diferentes. Uma visualização é contabilizada quando um visitante carrega ou recarrega a página *blog*. Um visitante é contabilizado quando o usuário entra pela primeira vez num dado período.

Os visitantes podem ser considerados únicos semanais e únicos diários. Com isso, o número de visitantes únicos semanais pode ser menor do que o número de visitantes únicos diários se estes entrarem no *blog* várias vezes durante a semana.

- Número total de postagens, visualizações e visitantes, juntamente com o dia de maior visualização.
- Dia e horário com maior movimento: hora do dia e dia da semana em que o *blog* recebe o maior número de visualizações.
- Visualizações por país, por dia, semana, mês e ano.
- Referência: links clicados a partir de outros sites que direcionam o usuário para o *blog*.
- Listagem de todas as postagens e páginas, com suas visualizações, em período determinado.
- Termos de mecanismos de busca: termos, palavras e frases utilizados pelos usuários em diferentes mecanismos de busca (Google, Yahoo, Bing), que direcionam resultados para o *blog*. Nem todos os termos de busca digitados no site do Google são revelados (porque estão encriptados). Nesses casos, as buscas são categorizadas como “Termos de busca desconhecidos”.
- Cliques em links externos publicados nas postagens do *blog*.
- Seguidores: usuários que se cadastram no *blog*, acrescidos dos usuários que “curtem” a *fan page* (página) do *Facebook* articulada ao *blog*.

No início de sua existência, o Tempo de Creche passou por inúmeras adequações para facilitar a busca, a navegação pelos temas postados, e a leitura dos textos. O percurso que os leitores fazem ao entrar nas páginas de um site, escolher conteúdos e passar de uma categoria a outra é chamado de navegação.

O apelo visual dos sites é considerado importante na conquista do internauta. Seckler, Opwis e Tuch (2015), ao pesquisar os fatores estéticos envolvidos na percepção dos usuários de internet, elencam diversas referências sobre a satisfação dos internautas na interação com diferentes aspectos visuais. Os autores apontam que a usabilidade, a confiança, a credibilidade, a intenção em revisitar e o prazer de acessar e navegar nos sites também dependem dos recursos visuais utilizados na comunicação dos conteúdos.

Assim, as autoras do Tempo de Creche também se preocuparam com a aparência e com os recursos visuais utilizados nas postagens. A aparência colorida da página e o uso de fotografias reais, ilustrativas dos conteúdos abordados nas postagens, foram os meios adotados. As fotografias das práticas pedagógicas reais são obtidas nas ações formativas realizadas pelas autoras e publicadas com autorização das instituições escolares. Outras fotografias publicadas são enviadas por seguidores que compartilham suas práticas com os leitores. São publicadas ainda fotografias obtidas na internet, acompanhadas de créditos e uma notificação na página inicial de que a foto pode ser retirada se o autor/proprietário assim desejar e notificar as autoras do *blog*.

As primeiras duas postagens foram publicadas em 26 de abril de 2014: Diretrizes, Referenciais, Indicadores, Parâmetros: obstáculos ou aliados?; Festa Junina: oportunidade para trabalhar com a equipe de educadores. Até o dia primeiro de julho do mesmo ano, o Tempo de Creche contava com 19 postagens sobre coordenação pedagógica, planejamento de atividades, postura de professor, arte, cultura, desenvolvimento infantil, currículo e histórias para crianças, segundo a categorização do *blog*. Estas postagens geraram somente seis comentários em 2014, contudo, foram sendo lidas e comentadas ao longo dos anos e, até 2019, geraram mais 50 comentários.

É interessante observar que até junho de 2014 o volume de visitas era insipiente e os dados não foram registrados no painel de estatísticas do *WordPress* (figura 04). A partir de junho de 2014 o volume de visitas foi se tornando significativo e gerou dados estatísticos que puderam orientar as autoras. No final do primeiro ano já haviam 72 postagens que incluíram outros temas além dos mencionados acima: registro pedagógico, repertório de materiais e cenários para o brincar, concepções de educação (Reggio Emila, Emi Pikler, Escolas da Floresta, entre outras), avaliação da aprendizagem e entrevistas com especialistas e estudiosos.

Figura 04: Dados estatísticos das visitas ao *blog* Tempo de Creche, por período.

Estatísticas do site

10/04/2020, 13:04

[« Retornar às Estatísticas](#)

Meses e Anos

	jan	fev	mar	abr	maio	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Total
2014						170	1.398	955	2.475	10.616	6.472	13.975	36.061
2015	27.847	20.728	31.487	44.755	28.309	38.961	40.478	48.262	48.864	38.818	46.327	21.269	436.105
2016	168.013	87.120	122.195	95.221	98.681	102.289	85.858	83.023	87.802	67.182	73.572	33.097	1.104.053
2017	45.001	84.104	129.560	143.307	128.053	105.014	41.871	94.828	86.418	97.860	80.939	46.691	1.083.646
2018	78.034	151.266	224.868	205.767	151.821	128.063	87.854	134.119	129.991	109.503	102.817	56.810	1.560.913
2019	95.172	191.143	190.940	177.040	181.650	118.042	86.185	102.759	118.256	120.876	104.121	65.387	1.551.571
2020	80.177	126.083	105.216	31.292									342.768

Fonte: Printscream da tela, elaborado pela pesquisadora.

Em 2015 as interações no site se avolumaram (Figura 05), o que levou as autoras a fazerem uma análise das informações estatísticas disponibilizadas no *WordPress* e na *fanpage* do *Facebook*. Era preciso avaliar o percurso para possivelmente promover mudanças na aparência da página e no foco dos conteúdos postados.

Figura 05 – Imagem dos dados de tráfego do *blog* Tempo de Creche: número de visualizações e de visitantes no período de junho de 2014 a outubro de 2019.

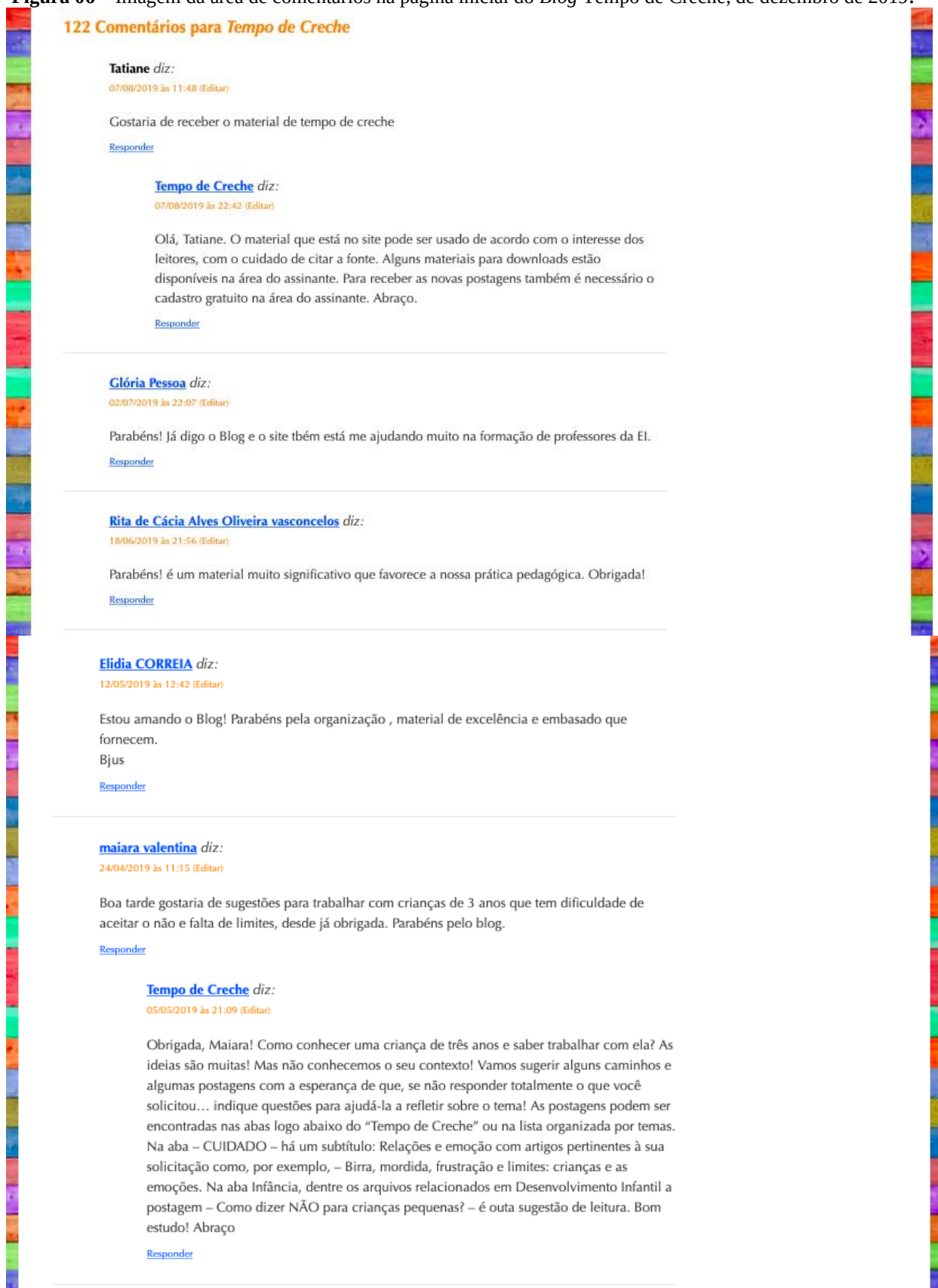


Fonte: WordPress, < <https://wordpress.com/stats/year/tempodecreche.com.br>>. Acesso em: 18 de out. 2019. Elaborado pela pesquisadora.

A análise dos dados levou à publicação de um artigo na Revista Veras (ROSSET et al., 2015). As postagens foram categorizadas por temas: planejamento pedagógico; registro pedagógico; desenvolvimento infantil; coordenação pedagógica. Para realizar a pesquisa, foram utilizados dados de visualização das postagens, dados dos termos de busca digitados pelos leitores em sites como Google e que levaram às postagens do *blog* e número de comentários colhidos em cada publicação. Os resultados do levantamento indicaram que os conteúdos mais buscados pelos leitores no período de abril de 2014 a setembro de 2015 se referiam ao planejamento de atividades e de sequências didáticas. Porém, as postagens mais visualizadas abordavam o registro pedagógico. Concluiu-se que os professores buscavam um repertório de planejamentos de atividades para serem desenvolvidos com as crianças, mas, ao se depararem com artigos que tratavam do registro pedagógico, visualizavam e comentavam mais sobre estas postagens. Na época, constatou-se que a temática do Registro não era buscada a priori, mas mobilizava o acesso quando aparecia na página inicial do *blog* e na *fanpage* do Facebook. Já a busca por modelos prescritivos ficou evidente nos dados de termos de busca fornecidos pelo WordPress: “planejamento mensal educação infantil”; “planejamento para educação infantil sobre brincar”; “planejamento pronto para creche”; “modelo de planejamento educação infantil”.

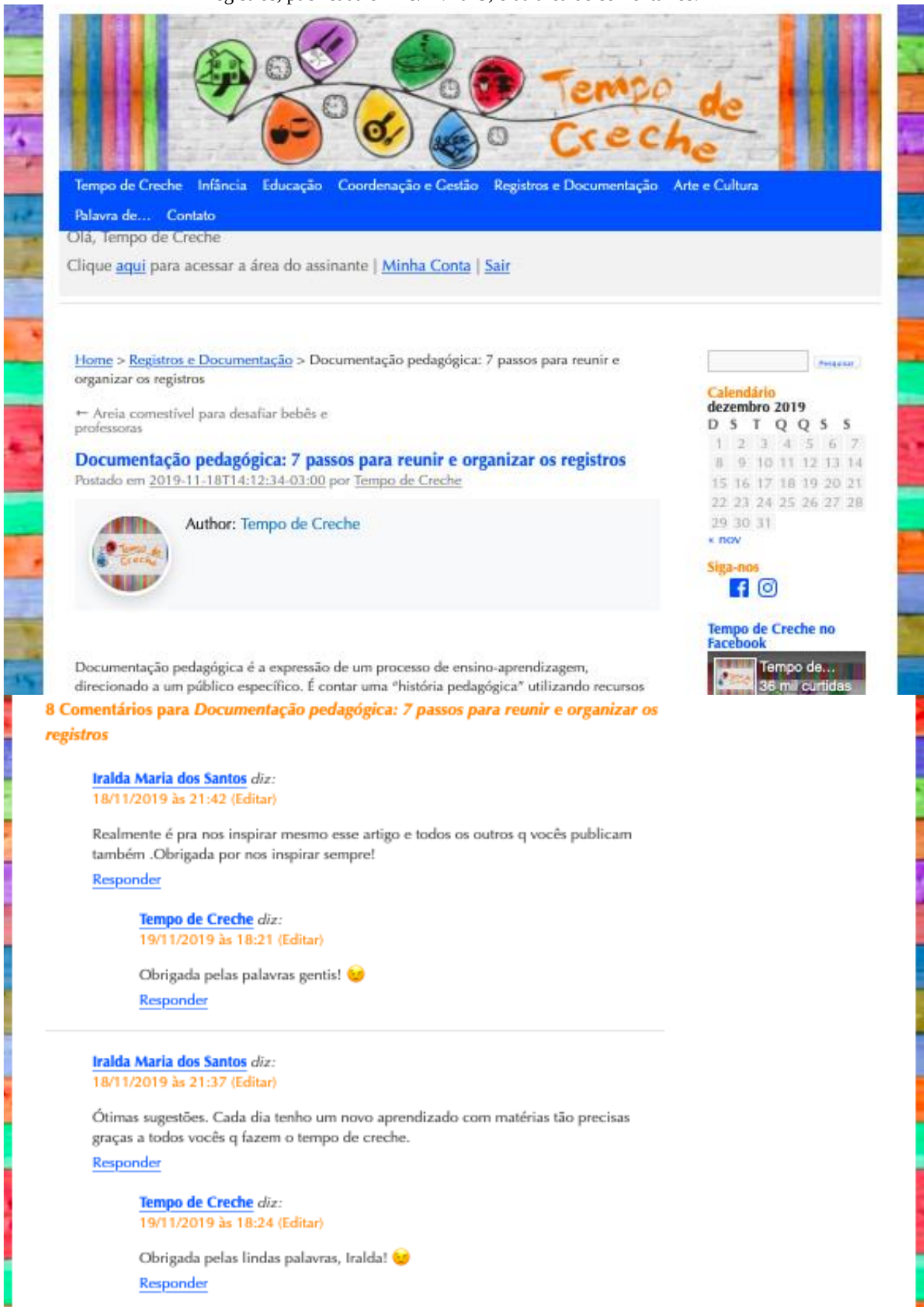
O *blog* conta com diferentes áreas destinadas a comentários dos seguidores, que publicam críticas, elogios, dúvidas, entre outros assuntos, na página inicial (home) e também em áreas reservadas nas páginas das postagens (figuras 06 e 07). Frequentemente os comentários são respondidos pelas autoras. Nesse sentido, cabe considerar a importância destas interações que, de acordo com Recuero (2014) são as que exigem maior empenho dos seguidores.

Figura 06 – Imagem da área de comentários na página inicial do *Blog Tempo de Creche*, de dezembro de 2019.



Fonte: obtida na página inicial do *Blog Tempo de Creche*, acesso em: 3 dez. 2019.

Figura 07 – Imagem do início da postagem Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros, publicada em 18/11/2019, e da área de comentários.



The image is a screenshot of a blog post on the website 'Tempo de Creche'. The header features a colorful banner with the text 'Tempo de Creche' and various icons representing different aspects of early childhood education. Below the banner is a navigation menu with links: 'Tempo de Creche', 'Infância', 'Educação', 'Coordenação e Gestão', 'Registros e Documentação', and 'Arte e Cultura'. There is also a 'Palavra de...' section and a 'Contato' link. The main content area shows the title of the post, 'Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros', and the author, 'Tempo de Creche'. The post is dated '18/11/2019 às 12:34-03:00'. To the right of the post, there is a calendar for December 2019 and social media links for Facebook and Instagram. Below the post, there are 8 comments from 'Iralda Maria dos Santos' and 'Tempo de Creche', each with a 'Responder' link.

Tempo de Creche Infância Educação Coordenação e Gestão Registros e Documentação Arte e Cultura

Palavra de... Contato

Olá, Tempo de Creche

Clique [aqui](#) para acessar a área do assinante | [Minha Conta](#) | [Sair](#)

[Home](#) > [Registros e Documentação](#) > Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros

← [Área comestível para desafiar bebês e professoras](#)

Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros

Postado em 2019-11-18T14:12:34-03:00 por Tempo de Creche

 Author: Tempo de Creche

Documentação pedagógica é a expressão de um processo de ensino-aprendizagem, direcionado a um público específico. É contar uma "história pedagógica" utilizando recursos

8 Comentários para Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros

[Iralda Maria dos Santos](#) diz:
18/11/2019 às 21:42 ([Editar](#))

Realmente é pra nos inspirar mesmo esse artigo e todos os outros q vocês publicam também .Obrigada por nos inspirar sempre!

[Responder](#)

[Tempo de Creche](#) diz:
19/11/2019 às 18:21 ([Editar](#))

Obrigada pelas palavras gentis! 😊

[Responder](#)

[Iralda Maria dos Santos](#) diz:
18/11/2019 às 21:37 ([Editar](#))

Ótimas sugestões. Cada dia tenho um novo aprendizado com matérias tão precisas graças a todos vocês q fazem o tempo de creche.

[Responder](#)

[Tempo de Creche](#) diz:
19/11/2019 às 18:24 ([Editar](#))

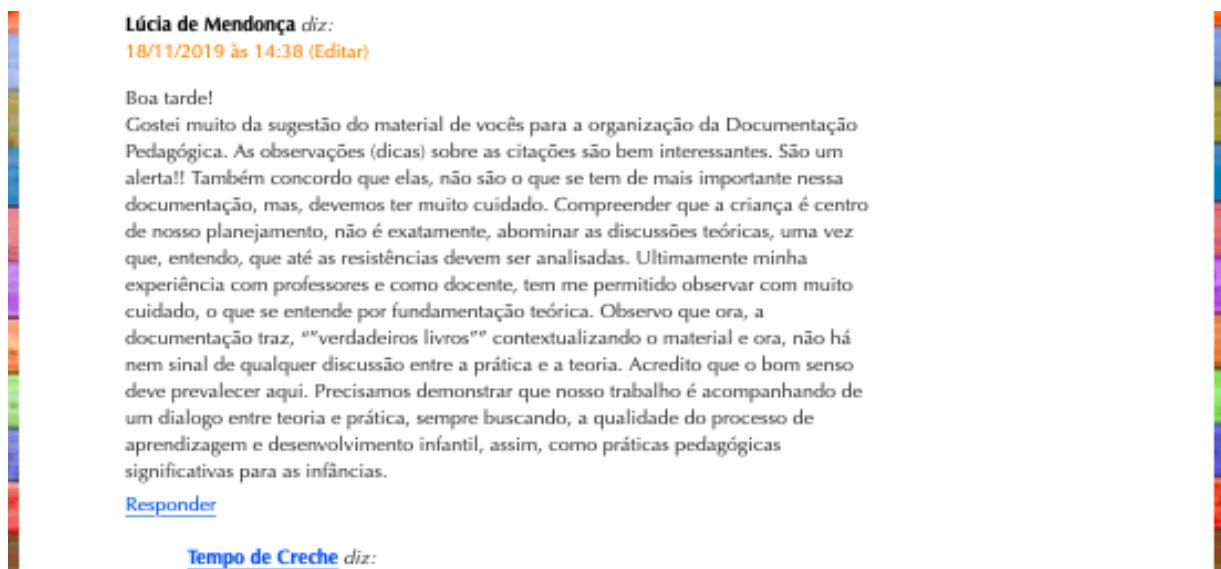
Obrigada pelas lindas palavras, Iralda! 😊

[Responder](#)

Calendário
dezembro 2019
D S T Q Q S S
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31
« NOV

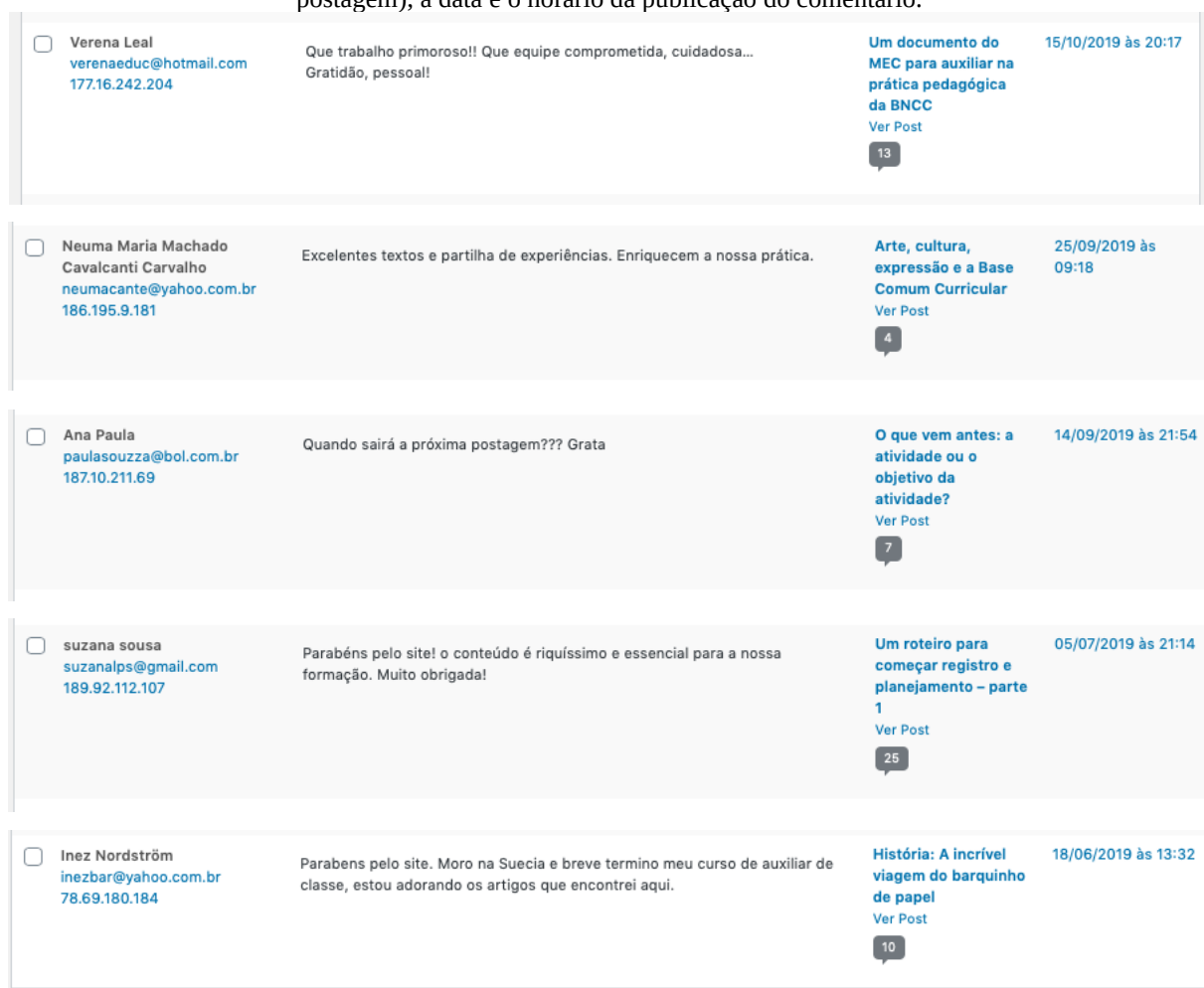
Siga-nos
[f](#) [@](#)

Tempo de Creche no Facebook
 Tempo de...
36 mil curtidas



Fonte: obtida pela pesquisadora, em 3 dez. 2019.

Figura 08 – Série de imagens de exemplos de comentários que não se relacionam com o tema da postagem. Da esquerda para a direita é possível verificar o nome e o e-mail do leitor, o comentário publicado, a postagem na qual o comentário foi publicado (o número abaixo se refere ao número total de comentários publicados na postagem), a data e o horário da publicação do comentário.



Fonte: Imagens obtidas pela pesquisadora, em 3 de dez. 2019, na área administrativa do blog Tempo de Creche.

Atualmente (abril de 2020), o Tempo de Creche possui mais de 400 postagens publicadas e registra um volume de interações quatro vezes maior do que em 2015, recebendo quatro vezes mais visitas e comentários.

Público: os seguidores do Tempo de Creche

O *WordPress* fornece poucos dados para caracterizar os seguidores dos *blogs*, por isso, utilizamos os dados fornecidos pelo *Facebook*, mais especificamente, o *Facebook Insights*.

O *Facebook* classifica o público que se interessa por uma *fan page* como seguidores e fãs. Ambos recebem as publicações do Tempo de Creche no *Facebook* em suas telas (nos feeds de notícias), contudo, os fãs são aqueles que curtem a página, declarando que a apoiam e que querem ver seu conteúdo (FACEBOOK³⁸, 2019). Ainda assim, outras pessoas que não curtem a página podem acompanhá-la. Por isso, algumas das postagens alcançam um número de pessoas que ultrapassa o número de seguidores.

a) Número

O Tempo de Creche possui 37.258 seguidores (Figura 09 - A) e 36.508 fãs (Figura 09 - B) no *Facebook* (em 18/10/2019). Como os dados são próximos e o *Facebook Insights* ora baseia suas estimativas no número de fãs, ora no número de seguidores, adotaremos a categoria seguidores para dar continuidade à caracterização do público do Tempo de Creche.

Figura 09 – Imagem da estimativa do número de seguidores (A) e fãs (B) da *fan page* do *blog* Tempo de Creche no *Facebook*
(A) seguidores



³⁸ Disponível em: < <https://www.facebook.com/help/171378103323792>>. Acesso em: 18 out. 2019.

(B) fãs



Fonte: Facebook Insights, em 18 de outubro de 2019: < <https://www.facebook.com/help/171378103323792>>.

b) Gênero

Em relação ao gênero, 97% dos seguidores da página do Tempo de Creche são mulheres e 87% possui entre 25 e 54 anos de idade, estando a maior parte dos seguidores na faixa etária de 35 a 44 anos (41%), de acordo com o Facebook (Figura 10).

Figura 10 – Imagem da estimativa dos dados demográficos dos seguidores da *fan page* do blog Tempo de Creche, com base em informações sobre gênero e idade declaradas nos perfis de usuário.



Fonte: Facebook Insights, em 18 de outubro de 2019:
<<https://www.facebook.com/tempodecreche/insights/?section=navPeople>>.

Segundo os dados do Censo Escolar de 2013 publicados por Abuchaim (INEP, 2014 apud ABUCHAIM, 2018), apenas 3% das funções docentes da educação infantil brasileira são ocupadas por homens e a maior parte dos professores da educação infantil possui entre 33 e 40 anos. Estas informações coincidem com as estimativas fornecidas pelo Facebook sobre os seguidores do Tempo de Creche.

c) Dados geográficos

A *fanpage* é seguida prioritariamente por pessoas que se encontram no Brasil (93,55%) e nas cidades de São Paulo (16,8%) e do Rio de Janeiro (2,9%). Na tabela 01 é possível verificar a relação de cidades com o maior número de seguidores no dia 19 de outubro de 2019.

Tabela 01 – Relação das cidades com os maiores números de fãs da *fanpage* do Tempo de Creche, disponibilizada pelo *Facebook* em 19 de outubro de 2019.

Cidade	Seus fãs	Cidade	Seus fãs	Cidade	Seus fãs
São Paulo, SP	6.133	Salvador, BA	227	São Leopoldo, RS	110
Rio de Janeiro, RJ	1.063	Brasília, DF	226	Uberlândia, MG	108
Curitiba, PR	589	Londrina, PR	216	Diadema, SP	107
Porto Alegre, Rio Grande do Sul	467	Piracicaba, SP	215	São José (Santa Catarina), SC	106
São Bernardo do Campo, SP	415	Lisboa, Distrito de Lisboa, Portugal	214	Manaus, AM	105
Campinas, SP	380	Goiânia, GO	203	Natal (Rio Grande do Norte), RN	104
Sorocaba, SP	369	Santos, SP	184	Recife, PE	100
São José dos Campos, SP	322	Novo Hamburgo, RS	164	Americana, SP	90
Belo Horizonte, MG	319	Jundiaí, SP	163	Guarujá, SP	89
Santo André, SP	314	São José do Rio Preto, SP	161	Criciúma, SC	84
Joinville, SC	303	Osasco, SP	138	Mauá, SP	83
Florianópolis, SC	293	Mogi das Cruzes, SP	135	Rondonópolis, MT	80

Cidade	Seus fãs	Cidade	Seus fãs	Cidade	Seus fãs
Blumenau, SC	292	Ribeirão Preto, SP	129	Franca, SP	79
Campo Grande, MS	275	Bauru, SP	128	Canoas, RS	0
Guarulhos, SP	243	São Caetano do Sul, SP	124		
Fortaleza, CE	234	Niterói, RJ	123		

Fonte: Facebook Insights, em 19 de outubro de 2019.

A preponderância de seguidores da cidade de São Paulo desperta questionamentos. As autoras afirmam escrever suas postagens a partir das demandas identificadas no trabalho de formação de profissionais da educação infantil, exercido predominantemente em São Paulo e em cidades próximas³⁹. Seria o *Blog Tempo de Creche* um instrumento que complementa as formações realizadas pelas autoras? Seria plausível pensar que um contato direto com os educadores de outras localidades favoreceria a produção de postagens interessantes a um público mais abrangente? Ou ainda, é possível inferir que existe uma cultura estabelecida entre os professores e gestores da educação infantil paulista de buscar textos na internet para apoiar a prática pedagógica? E, finalmente, a aprendizagem informal é um contexto mais amplamente utilizado pelos profissionais da educação de São Paulo? Estas perguntas podem encaminhar análises sobre a natureza deste tipo de veículo, favorecer a quebra de paradigmas do acesso a livros impressos e transformar políticas formativas.

d) Ocupação

Não existem estatísticas fornecidas pelo *WordPress* ou pelo *Facebook* em relação à ocupação dos seguidores. Contudo, para criar uma página pessoal no *Facebook* - uma conta - a pessoa deve inserir alguns dados obrigatórios e outros opcionais, entre eles, ocupação, formação, local onde trabalha e cidade onde mora.

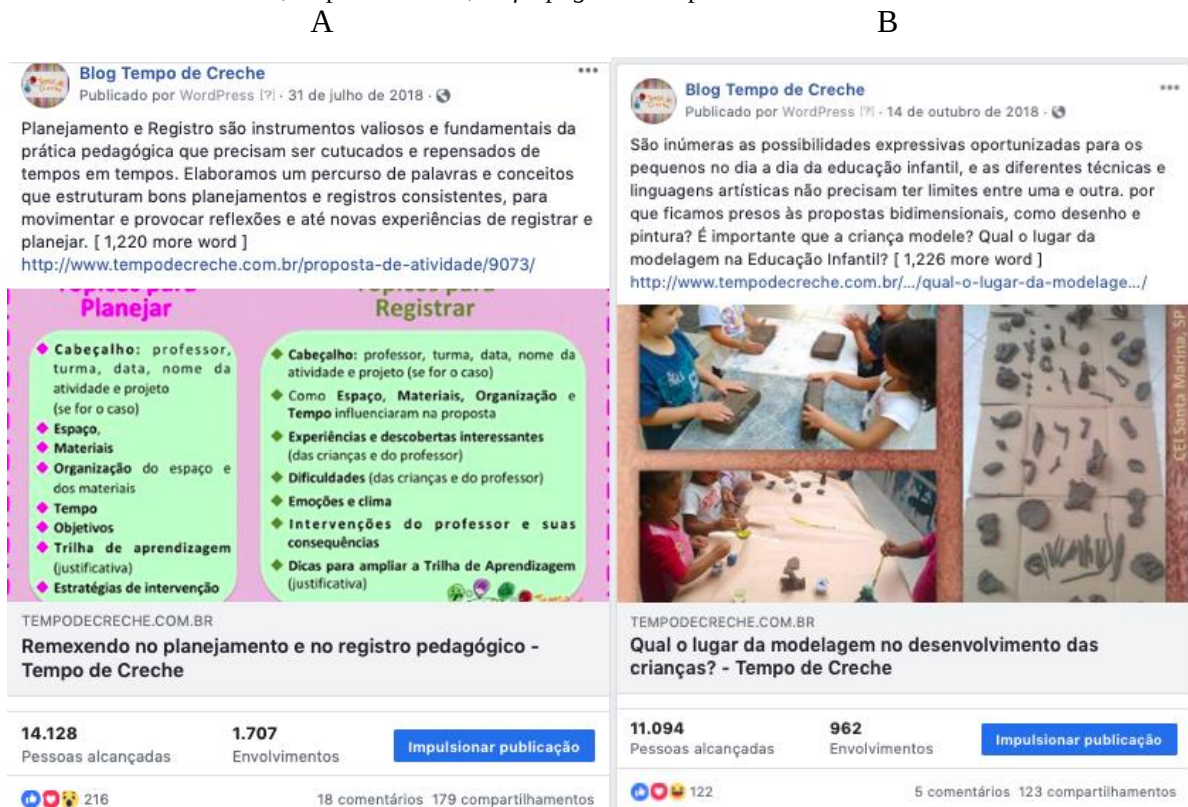
As interações realizadas nas publicações (curtir, compartilhar e comentar) são sempre identificadas com o nome do fã ou amigo. Com isso, para verificar se os seguidores do Tempo

³⁹ Informação disponível na sub aba *Ações e Publicações* do Blog Tempo de Creche, conforme abordado no tópico Etapa 3: análise da estrutura do Blog Tempo de Creche.

de Creche são de fato profissionais da educação, elegemos duas publicações de 2018 com um número de curtidas acima de 100 e levantamos o perfil de cada seguidor, investigando a formação e o local de trabalho, caso declarado.

A postagem publicada em 31 de julho de 2018 – *Remexendo no planejamento e no registro pedagógico* – teve um alcance de 14.128 pessoas e 216 curtidas (Figura 11A). Conforme os dados relacionados na tabela 02, das 216 pessoas que curtiram a postagem, 104 pessoas não declararam suas formações ou ocupações. Entre as 112 restantes, 35 se disseram professores, 4 gestores (3 coordenadores e 1 diretor), 64 educadores e 7 declararam possuir ocupação não relacionada à educação. Já a postagem publicada em 14 de outubro de 2018 – *Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?* – teve um alcance de 11.094 pessoas e 122 curtidas (Figura 11B). Conforme os dados relacionados na tabela 02, 57 pessoas não declararam suas formações ou ocupações. Entre as 65 pessoas restantes, 30 se disseram professores, 4 gestores (coordenadores), 27 educadores, 1 psicólogo e 3 com ocupações não relacionadas à educação.

Figura 11 – Imagens das publicações das postagens *Remexendo no planejamento e no registro pedagógico* e *Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?* publicadas em 31 de julho e 14 de outubro de 2018, respectivamente, na *fanpage* do Tempo de Creche no Facebook.



Fonte: Facebook, em 19 de outubro de 2019.

Tabela 02 – Resultado do levantamento da ocupação das pessoas que curtiram as postagens *Remexendo no planejamento e no registro pedagógico* (publicada em 31 de julho de 2018) e *Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?* (publicada em 14 de outubro de 2018) na página do Tempo de Creche no Facebook.

	Número total de curtidas	Ocupação e formação não declarada	Porcentagem de ocupação e formação declarada				
			professor	Gestor (coordenador ou diretor)	educador	Psicólogo	Outras ocupações
Postagem: <i>Remexendo no planejamento e no registro pedagógico</i>	216	104	35	4	64	-	7
			31,25%	3,57%	57,14%	-	6,25%
Postagem: <i>Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?</i>	122	57	30	4	27	1	3
			46%	6,15%	21,54%	1,54%	4,62%

Fonte: Publicada em 14 out. 2018 na página do Tempo de Creche no Facebook. Obtido pela pesquisadora.

Ao somar as porcentagens de professores, gestores e educadores, pudemos verificar que, entre as pessoas que curtiram as postagens e declararam suas ocupações nos perfis, em média, mais de 80% dos seguidores da *fanpage* do Tempo de Creche são profissionais da educação.

Como dito anteriormente, a *fanpage* está atrelada às páginas do *blog*, isto é, quando os seguidores da *fanpage* do Tempo de Creche clicam nas suas publicações, eles são direcionados às publicações na página do *blog*. Assim, os públicos do Facebook e do *blog* são considerados os mesmos pelo próprio WordPress e, portanto, são compostos em sua grande maioria por professores, gestores e educadores.

No final de 2019, devido ao volume de postagens, imagens e interações do público, o *blog* Tempo de Creche experimentou dificuldades, passando a sair do ar com frequência, ficar com lentidão de navegação e travar (não responder às interações). As autoras investiram, então, na atualização e melhoria da plataforma. Enquanto o *blog* estava desativado em função da reestruturação, foi postado na *fanpage* do Facebook um convite (figura 12) para que os seguidores participassem de uma série de enquetes respondendo a perguntas com o intuito de adequar a estrutura do *blog* ao seu público. A pesquisa chamada de “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, foi composta por cinco enquetes com duas alternativas de resposta, publicadas no período de 12 de dezembro de 2019 a 10 de janeiro de 2020. O público aderiu, e as enquetes tiveram entre 237 e 731 participantes.

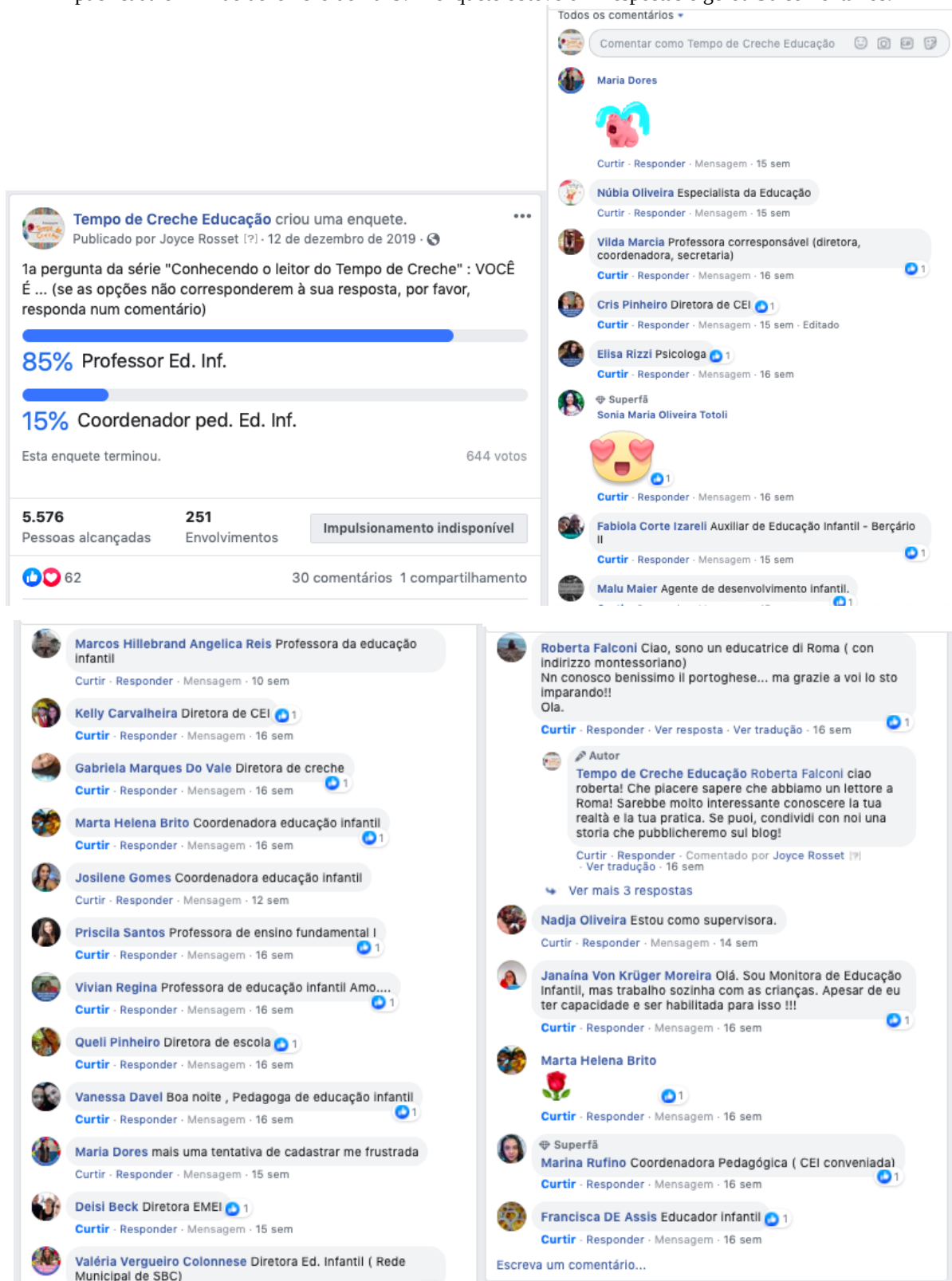
Figura 12 – Imagens do convite feito aos leitores do *blog* Tempo de Creche para que contribuam com respostas às enquetes publicadas a seguir, e imagem de alguns dos comentários. Postagem publicada na *fanpage* do Tempo de Creche em 12 de dezembro de 2019.



Fonte: Postagem publicada na *fanpage* do Tempo de Creche em 12 de dez. 2019. Obtido pela pesquisadora.

A primeira enquete indicou que 85 % dos seguidores da *fanpage* do *blog* são professores de educação infantil e 15 % coordenadores pedagógicos da educação infantil (figura 13). A postagem gerou 30 comentários por meio dos quais alguns profissionais contribuíram com respostas que não se encaixavam nas alternativas propostas na enquete.

Figura 13 – Imagem da primeira enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 12 de dezembro de 2019. A enquete obteve 644 respostas e gerou 30 comentários.



Fonte: Printscreem, elaborado pela pesquisadora.

A segunda enquete obteve 557 respostas e revelou que grande parte dos seguidores da *fanpage* atuam na rede pública (80%) (figura 14).

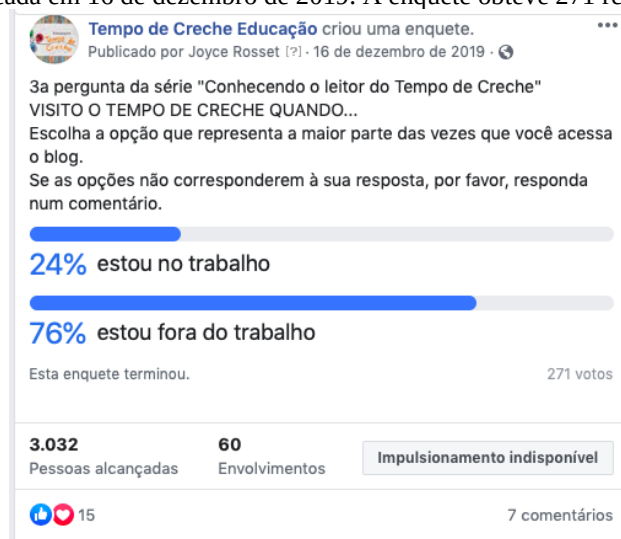
Figura 14 – Imagem da segunda enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 14 de dezembro de 2019. A enquete obteve 557 respostas.



Fonte: Printscream, elaborado pela pesquisadora.

A terceira pergunta postada investigou o momento em que os leitores faziam uso do *blog* Tempo de Creche. Entre os 557 votantes, 76 % afirmaram visitar o *blog* quando estavam fora do trabalho (figura 15).

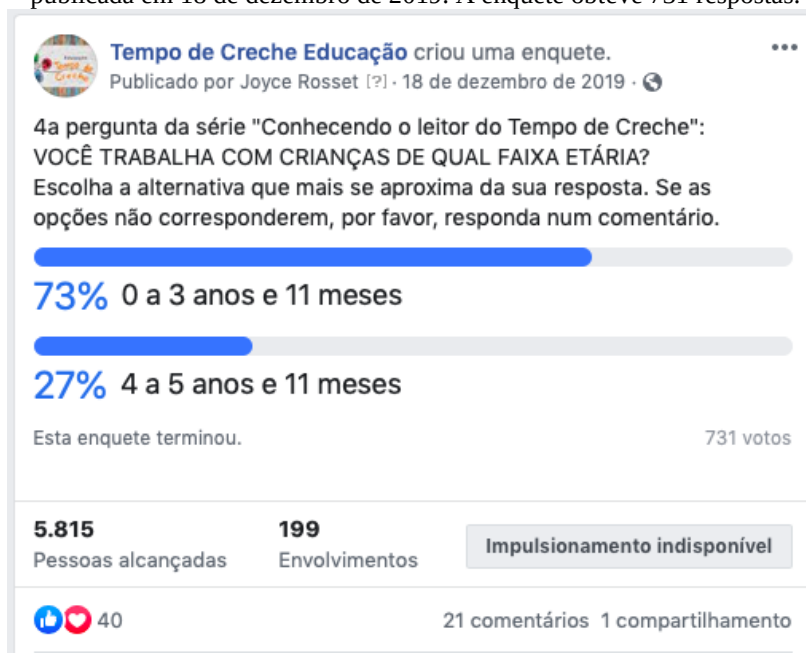
Figura 15 – Imagem da terceira enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 16 de dezembro de 2019. A enquete obteve 271 respostas.



Fonte: Printscream, elaborado pela pesquisadora.

Na quarta enquete, as autoras levantaram o tipo de atendimento educacional no qual o leitor trabalha: creche ou pré-escola. Das 731 respostas, 73 % corresponderam à faixa etária de creche.

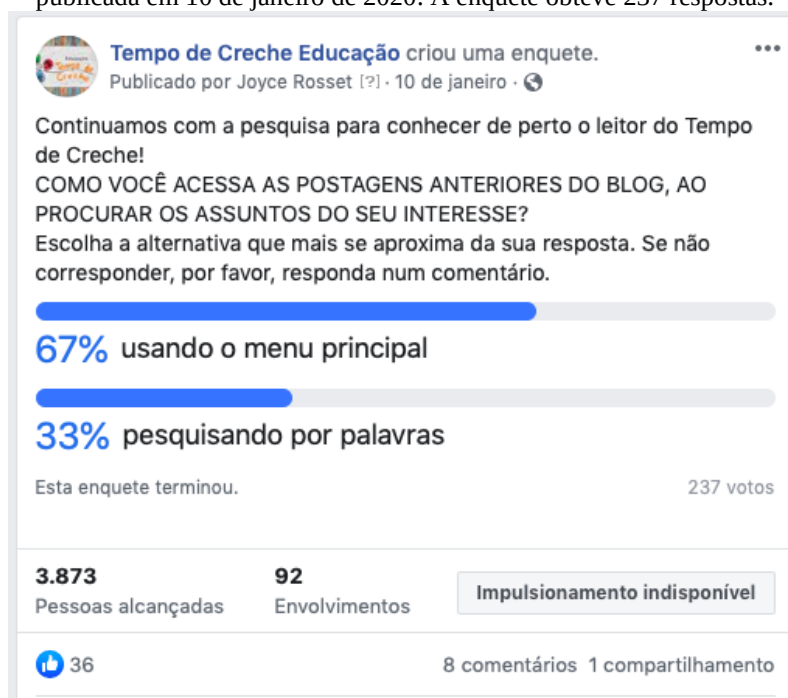
Figura 16 – Imagem da quarta enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 18 de dezembro de 2019. A enquete obteve 731 respostas.



Fonte: Printscreen, elaborado pela pesquisadora.

Na quinta e última enquete da série, as autoras postaram uma pergunta para investigar o tipo de navegação preferida pelos leitores ao visitar o *blog*: pesquisa por palavras ou utilização do menu principal. 67% dos 237 votantes afirmaram fazer uso do “menu principal”.

Figura 17 – Imagem da quinta enquete da série de postagens “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche”, publicada em 10 de janeiro de 2020. A enquete obteve 237 respostas.



Fonte: Printscream, elaborado pela pesquisadora.

A análise dos resultados obtidos na série de enquetes “Conhecendo o leitor do Tempo de Creche” pode contribuir para ampliar a caracterização do público seguidor.

Considerando-se que, em geral, cada unidade de educação infantil conta com uma equipe formada por professores e auxiliares, e é coordenada por um ou dois coordenadores pedagógicos, a proporção da distribuição dos cargos dos seguidores do *blog* parece corresponder a esta realidade. Desse modo, é possível afirmar que os conteúdos do Tempo de Creche interessam tanto a professores, quanto a coordenadores. Os 30 comentários relacionando outros cargos ou nomenclaturas para os mesmos cargos de professor e coordenador podem ser explicados por Abuchaim (2018), que destaca que cada um dos 5.570 municípios brasileiros é autônomo na organização do sistema de ensino da educação infantil e, portanto, a composição e nomeação das funções deve variar.

Outro aspecto que pode inspirar políticas públicas de formação continuada dos profissionais da educação infantil é a preponderância de seguidores que trabalham na rede pública. 87 % dos professores e coordenadores que visitam o Tempo de Creche trabalham nas redes municipais.

Apesar de, em 2009, o Brasil contar com aproximadamente 71 % dos professores da educação infantil trabalhando em pré-escolas (BRASIL, 2009, *apud* VIEIRA; SOUZA, 2010),

73 % dos visitantes do Tempo de Creche afirmaram trabalhar em creches. Pode-se pensar em dois motivos que justifiquem esta disparidade:

- 1- Necessidades formativas específicas para a faixa etária, pouco abordadas nos cursos de pedagogia (ABUCHAIM, 2018);
- 2- Carências formativas dos auxiliares – somente 34% possui curso superior. Estes profissionais compõem 40,8% da equipe pedagógica das creches (faixa etária de 0 a 3 anos e 11 meses) e somente 11,7% das equipes das pré-escolas (faixa etária de 3 anos e 11 meses a 5 anos e 11 meses).

O resultado da terceira enquete indicou que os leitores do Tempo de Creche acessam o *blog* nos momentos em que possuem autonomia para escolher suas leituras e, a partir dos conceitos propostos por Rogers e pela UNESCO, pode-se entender que existe uma intenção de estudo autodirigido deste público. Em 2010, a UNESCO publicou um relatório em que reconheceu o *continuum* de aprendizagens entre as educações formais, não formais e informais e, segundo Rogers (2014), na esfera da aprendizagem informal, a aprendizagem autodirigida é o território das aprendizagens autônomas.

Com isso, é possível afirmar que o universo de 37.258 seguidores do Tempo de Creche corresponde a 7,85 % do total de funções docentes da educação infantil registradas pelo Censo Escolar de 2013 (BRASIL, 2014, *apud* ABUCHAIM, 2018), uma amostra significativa, com características semelhantes de gênero, faixa etária e ocupação majoritária de postos de trabalho nas redes públicas municipais. Também as interações dos seguidores com o *blog* podem indicar que os profissionais da educação infantil, em especial aqueles localizados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e outros grandes centros urbanos, ocorrem prioritariamente em momentos dedicados à aprendizagem informal.

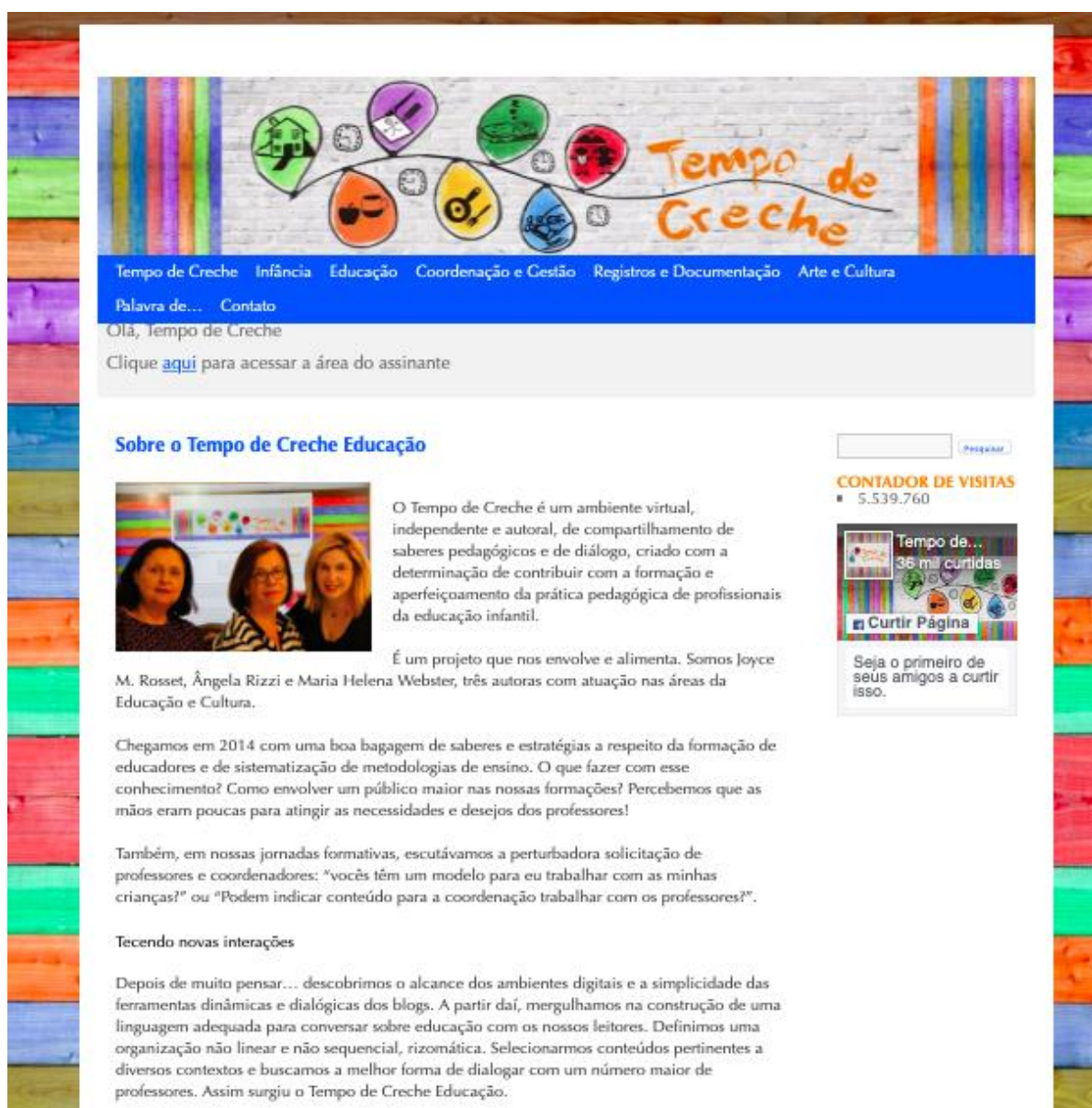
Etapa 3: análise da estrutura do Blog Tempo de Creche

Para cumprir seu objetivo, o Tempo de Creche conta com a voz de suas autoras e também de parceiros colaboradores: professores e pesquisadores do meio acadêmico, estudiosos, especialistas de diversas áreas, outros formadores, diretores, coordenadores e professores, que contribuem com artigos, entrevistas ou relatos de suas práticas pedagógicas (Figura 18).

O acesso às publicações é gratuito. O *blog* permite copiar os textos, fazer downloads de materiais e abre seus canais de diálogo a todos os leitores nas áreas para comentários no site e nas redes sociais:

Convidamos você a participar deste diálogo! Cadastre-se gratuitamente no site, curta nossa página do *Facebook* e do *Instagram* e receba avisos das publicações por e-mail e nas redes sociais. Copie os textos, faça download dos nossos materiais, compartilhe as postagens, comente, critique, pergunte e use os conteúdos e os canais de diálogo para estudar, refletir, se questionar e aprender. Só não esqueça de colocar as referências e indicar a autoria do Tempo de Creche! (TEMPO DE CRECHE, 2019).

Figura 18 – Imagem da página *Sobre o Tempo de Creche Educação* do blog Tempo de Creche.



Fonte: *Blog Tempo de Creche* < <https://tempodecreche.com.br/tempo-de-creche/acontece-com-equipe-blog/>>. Acesso em: 8 de out. 2019.

Os conteúdos postados estão organizados em diferentes tópicos relacionados à educação infantil. O Tempo de Creche conta com uma página inicial – a home – na qual são exibidos (Figura 19):

- Barra com abas e sub abas que categorizam e organizam os conteúdos publicados:
 - *Aba Tempo de Creche* – dá acesso à *home*, a página inicial/de abertura, com destaque e *link* para a postagem mais recente, a postagem mais acessada na semana, a área de cadastro do leitor (para que receba avisos sobre as publicações por e-mail), uma descrição dos objetivos do *blog* e das crenças das autoras, um menu com uma organização alternativa dos conteúdos publicados e uma área longa de rolagem com os comentários postados pelos leitores em referência à home. Esta página também possui uma barra lateral com área para realizar pesquisas de postagens a partir de termos, um contador de visitas às páginas do site e links para publicações em destaque (programados pelas autoras).
 - Sub aba *Sobre nós* – com um pequeno currículo das autoras, suas motivações, inspirações, alguns dos trabalhos formativos realizados e um breve resumo sobre crenças e metodologias formativas adotadas nos projetos de formação presencial.
 - Sub aba *Magos e Inspirações* – apresenta uma relação de teóricos que representam referências para as autoras: Giles Deleuze, Felix Guattari, Madalena Freire, Jorge Larrosa, Loris Mallaguzzi, Emmi Pikler, Anne Marie Holm, Paulo Freire, Therezita Pagani e Maria Amélia Pinho Pereira (Péo).
 - Sub aba *Metodologia* – descreve o estilo de texto adotado pelas autoras. Afirma que busca incluir perguntas entremeadas no texto, quadros organizadores de conteúdos teóricos e percursos com questionamentos para favorecer o aporte da memória das experiências do leitor e, assim, promover um diálogo com a sua prática.
 - Sub aba *Participações* – elenca os convidados parceiros do *blog*, que contribuíram com textos, relatos e entrevistas.

- Sub aba *Ações e Publicações* – relaciona algumas das atividades das autoras, como ministrar palestras e oficinas, e as publicações mais recentes, como livros e materiais didáticos.
- Aba *Infância* – os conteúdos postados nesta aba abordam o desenvolvimento infantil, as aprendizagens por meio das experiências do brincar e da interação com a natureza, distribuídos nas sub abas *Brincar e Aprender*; *Criança e Natureza*; *Desenvolvimento Infantil*:

Os conteúdos se dedicam a pensar a criança, o desenvolvimento infantil e a aprendizagem por meio de experiências ancoradas no brincar, na subjetividade, na investigação e nas interações. As experiências infantis são apresentadas de acordo com os seguintes campos, acontecendo de forma integrada na criança:

 - Habilidades do corpo
 - Habilidades sociais, autonomia e identidade
 - Territórios da Cultura e da Natureza
 - Oralidade e letramento
 - Expressões (Musical, Dança, Artes Visuais)
 - Brincadeira, jogo simbólico e faz de conta
 - Conhecimento científico, espacial e matemático (TEMPO DE CRECHE, 2019).
- Aba *Educação* - destaque para publicações sobre a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e outros documentos oficiais; escuta docente, tempo, espaço e materiais como bases do planejamento de atividades; postura provocativa do professor para “instigar a curiosidade da criança, ampliar a brincadeira, promover a resolução de problemas e o encantamento de descobrir e aprender” (TEMPO DE CRECHE, 2019). As publicações estão organizadas nas sub abas: Campos de experiências; Planejamento e proposta de atividade; Tempo, espaço e materiais; Postura do professor.
- Aba *Coordenação e gestão* - temas voltados ao diretor e ao coordenador pedagógico, ao acompanhamento das práticas pedagógicas dos professores, à formação permanente, à elaboração do projeto político pedagógico e do calendário de eventos e celebrações, à relação com as famílias e com a comunidade.
- Aba *Registro e documentação* - aborda a importância do uso dos instrumentos metodológicos (registrar, refletir, documentar e replanejar) na prática pedagógica.

- *Aba Arte e cultura*, apresenta temas relacionados à arte e às manifestações culturais para contribuir com a ampliação do repertório artístico e cultural do professor.
- *Aba Palavra de...* - voltada para a voz de especialistas e de educadores que compartilham seus saberes e práticas. Alguns dos participantes: Beatriz Ferraz, Cecília Helena Siqueira Sigaud, Claudia Siqueira, Denise Nalini, Edith Derdyk, Fernanda Heinz Figueiredo, Gisa Picosque, Gisela Wajskop, Janaina Maudonnet, Josca Barouk, Julia Swarcz, Luiz Guilherme Vergara, Madalena Freire, Magda Soares, Maria Alice Proença, Mirian Celeste Martins, Paulo Fochi, Patrícia Auerbach, Renata Meirelles, Richard Louv, Rosa Ivelberg, Ruth Rocha, Stela Barbieri, Sylvia Nabinger, Therezita Pagani, Vital Didonet, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira.
- *Aba Contato* – apresenta um formulário para que o leitor se cadastre no site e possa ser avisado por e-mail sobre as novas postagens. Também sugere conhecer e curtir a página do Tempo de Creche no *Facebook* e no *Instagram*.
- Ícones que dão acesso à área de cadastro do assinante, à postagem mais recente e à postagem mais acessada no mês.

Figura 19 – Imagem da página inicial do *blog* Tempo de Creche, com as abas e o clique no menu que exhibe as sub abas da aba “Tempo de Creche”.



Fonte: Obtida pela pesquisadora em 8 out. 2019.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Após a contextualização teórica realizada nos capítulos anteriores, dedicamos este capítulo à descrição das estratégias de investigação utilizadas, especificando os procedimentos de coleta e análise de dados.

Cabe, entretanto, recordar o problema de nosso estudo, enunciado anteriormente, para favorecer o diálogo entre a metodologia proposta e a questão investigada, e também compreender as estratégias utilizadas para levantar as informações “necessárias à pesquisa, de modo a trazer novos fatos” (MATOS; VIEIRA, 2001, p. 72). Perseguindo a *pergunta esclarecedora* sugerida por Matos e Vieira – “O que poderia ser aprofundado, de tudo o que já vi na minha prática profissional” (2001, p. 70), retomamos o objetivo deste trabalho:

Analisar os temas das publicações do *Blog Tempo de Creche*, bem como seus dados de visualização, para identificar se, como veículo de aprendizagem informal, ele evidencia possíveis interesses dos profissionais da educação infantil.

3.1 Natureza do estudo

Atualmente, os ambientes online representam um território propício para estudos em diversas áreas do conhecimento: computação, sociologia, mercado, psicologia, educação, entre tantas outras. Contudo, é de se observar que o universo digital ainda está em sua infância, e assim também é a sua pesquisa (BENEVENUTO; ALMEIDA; SILVA, 2012). Neste trabalho compreendemos que o *Blog Tempo de Creche* é parte do novo contexto de relações humanas e de criação de conteúdos, no qual podemos empreender estudos para identificar respostas a perguntas de interesse científico. Nesse sentido, apesar de partir dos dados estatísticos disponibilizados pelo *WordPress* e pelo *Facebook*, empreendemos uma abordagem qualitativa, que permite maior flexibilidade na abrangência da coleta de dados e na análise dos mesmos (ALVES, 1991).

3.2 Coleta de dados

Utilizamos os dados de visualização no período de um ano (de 4 de fevereiro de 2014 a 4 de fevereiro de 2019) de todas as postagens publicadas no *blog*. Conforme abordado no tópico *Um recorte do big data: os dados de um blog* (página 50), os dados de interação e de interesse por conteúdos publicados podem revelar as experiências dos usuários com o *blog* (SCAICO; QUEIROZ; SCAICO, 2014). Prestidge (2019) afirma que, no ambiente virtual, são as necessidades e interesses que direcionam os aprendizados profissionais dos professores.

Este estudo envolve duas fases de levantamento e análise de dados de interação dos leitores com o *blog* Tempo de Creche:

- a) levantamento dos dados de visualização das postagens;
- b) análise e categorização dos temas postados.

a) Dados de visualização das postagens

Segundo o *WordPress*⁴⁰, uma visualização é contabilizada quando um visitante do *blog* carrega ou recarrega uma página no *blog*. Por sua vez, cada postagem gera uma página. Assim, é possível que tenhamos uma mesma página - ou postagem – sendo carregada ou recarregada diversas vezes por um mesmo leitor do *blog*, e, com isso, fica impossível determinar quantas pessoas diferentes – ou visitantes exclusivos - carregaram tal publicação em seus aparelhos nas estatísticas fornecidas pelo *WordPress*. Do ponto de vista do marketing digital, apontado pela empresa IMPACT⁴¹, dados relacionados à visualização de páginas são vitais para o acompanhamento do desempenho das postagens, contudo não revelam informações detalhadas como o tempo médio em que um visitante permanece com a postagem aberta, quantos visitantes individuais visitam a postagem e a origem geográfica dos visitantes.

Nesta pesquisa não objetivamos levantar dados absolutos do desempenho das postagens, e sim dados comparativos. Isto é, buscamos comparar o volume de visualização de cada postagem para, independentemente do número de visitantes exclusivos ou do tempo de permanência na página, determinar a intensidade de interesse na publicação. Como mencionado

⁴⁰ Disponível em: <<https://br.support.wordpress.com/estatisticas/>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

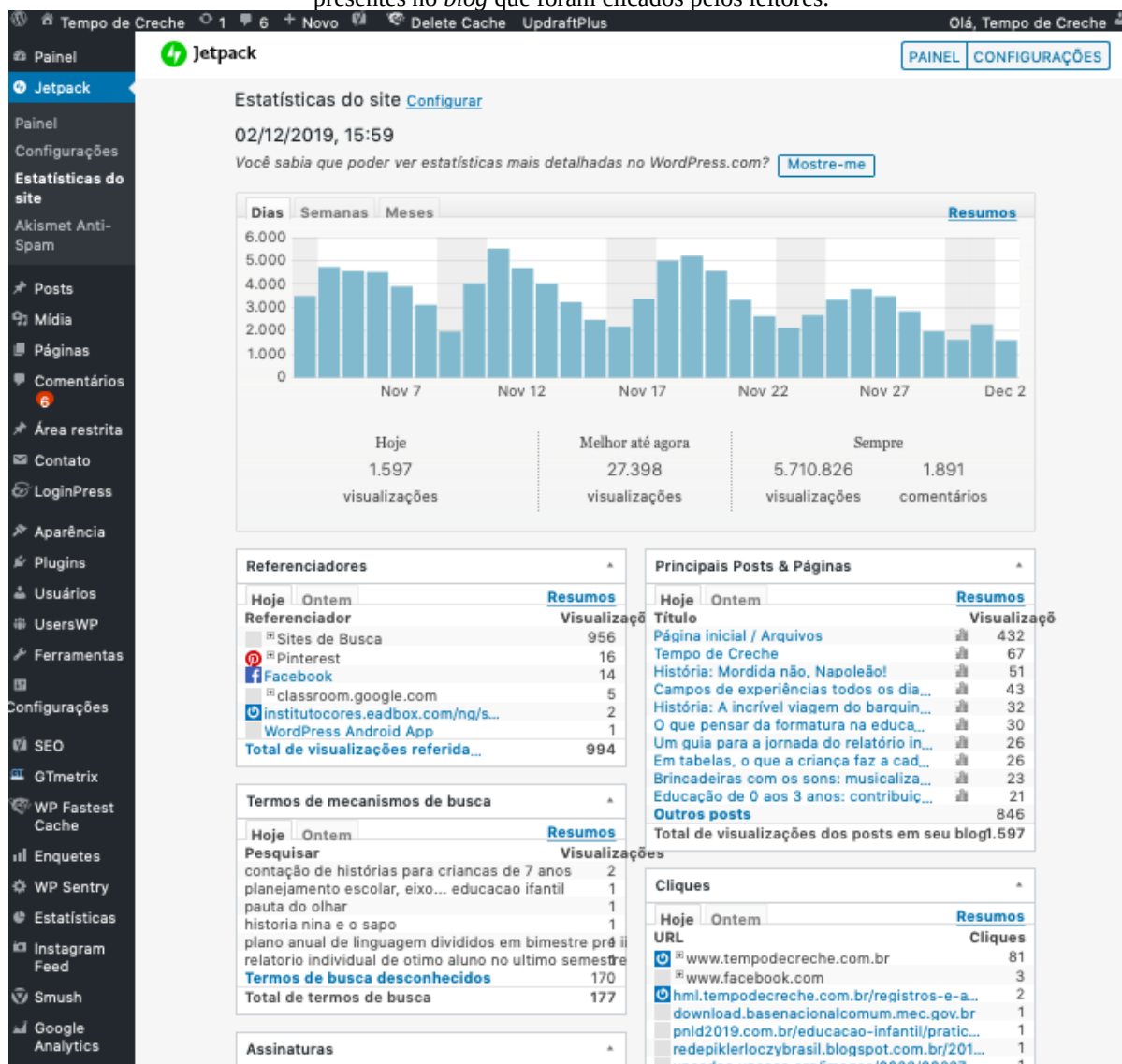
⁴¹ Disponível em: <<https://www.impactbnd.com/blog/sessions-vs-pageviews-which-website-metric-should-you-be-measuring-when>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

no site da IMPACT, queremos determinar “quais páginas estão atraindo mais atenção” (nossa tradução)⁴².

Os dados de visualização das postagens no período de uma semana, um mês ou um ano são disponibilizados pela plataforma do *WordPress* numa área restrita destinada aos administradores do *blog*, conforme apresentado na figura 20. Ao solicitar a relação de visualizações das postagens, o *WordPress* fornece dados de até 365 dias, ou seja, o intervalo de um ano até a data da solicitação (figura 21).

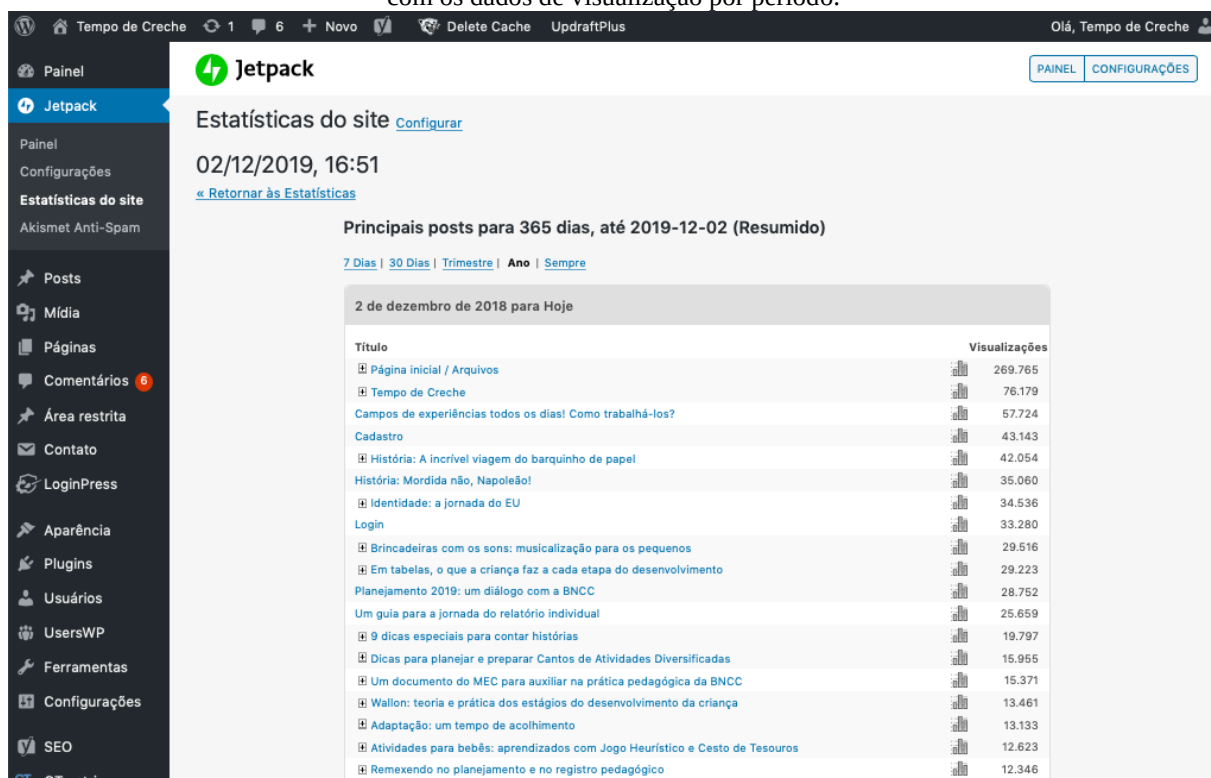
⁴² “which pages are attracting attention”. Disponível em: <<https://www.impactbnd.com/blog/sessions-vs-pageviews-which-website-metric-should-you-be-measuring-when>>. Acesso em: 2 dez. 2019

Figura 20 – Imagem da página *Estatísticas do site*, com informações sobre as visualizações por período, sites com links que direcionam o leitor para o Tempo de Creche, relação das principais postagens acessadas no dia até o momento, termos de busca em sites como o Google que direcionaram os internautas para o *blog* e os links presentes no *blog* que foram clicados pelos leitores.



Fonte: Imagem obtida pela pesquisadora, na área administrativa do *blog* Tempo de Creche em dez./2019.

Figura 21 – Imagem da página *Estatísticas do site/Principais posts para 365 dias*, que relaciona as postagens com os dados de visualização por período.



Fonte: obtida pela pesquisadora, na área administrativa do *blog Tempo de Creche*, no item *Resumos*, do campo *Principais Posts & Páginas*, em 2 dez. 2019.

A partir dos dados fornecidos pelo *WordPress*, estabelecemos um recorte de um ano dos dados de visualização gerados nas 440 postagens publicadas, compreendendo o período de 4 de fevereiro de 2019 a 4 de fevereiro de 2020.

b) Análise e categorização dos temas postados

Para identificar os interesses dos leitores, é necessário classificar as 440 postagens de acordo com categorias temáticas. Conforme afirmam Penteado, Santos e Araújo, “Para a análise do conteúdo é importante criar categorias para classificar o formato, tornando possível um agrupamento dos dados e a indicação de tendências (2009, p. 167).

Criamos categorias temáticas a priori, baseadas na concepção sócio-histórica de Vigotski (1998) e nas pesquisas de alguns dos autores citados no Capítulo 1 deste trabalho (*Pontos de partida*): Carnicero (2018); Azevedo e Schnetzler (2001); Cordão e Azevedo (2013); Lecat et al. (2019); Sarmiento e Pereira (2018); Ranieri, Manca e Fini (2012); Gatti e Nunes (2009); Olinto de Oliveira (2013); Kramer (2002); Zabalza (2016).

O entrelaçamento entre ensino e aprendizagem (VIGOTSKI, 1998) levou-nos a propor duas macrocategorias temáticas: *ensino*, abrigando os processos relacionados à atuação do professor, e *aprendizagem*, englobando o desenvolvimento infantil e suas múltiplas aprendizagens.

O “cuidado como algo indissociável do processo educativo” (BRASIL, 2010, p. 19) e a brincadeira como eixo do currículo (BRASIL, 2010) são alicerces das postagens realizadas pelo *blog* Tempo de Creche, transversais a todos os temas abordados e, por isso, não serão utilizados como categorias de análise. Cabe destacar também que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e o trabalho de Zabalza (2016), que oferece uma visão sistemática do trabalho desenvolvido na etapa da educação infantil, fundamentaram a escolha das subcategorias descritas a seguir:

Cabe destacar que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e o trabalho de Zabalza (2016) que oferece uma visão sistemática do trabalho desenvolvido na etapa da educação infantil, também fundamentaram a escolha das subcategorias descritas a seguir:

- Macrocategoria: **Ensino** – o universo da atuação do professor de educação infantil.

Zabalza (2016) preconiza que os conteúdos trabalhados na educação infantil não estão apoiados na dimensão informativa-cultural, presente nas demais etapas da educação básica. Diferentemente, a educação de crianças de 0 a 6 anos tem um sentido experiencial, ocorrendo por meio de diversas formas de contato com pessoas, coisas, situações e realidades. Cabe aos educadores promoverem situações para que as crianças lidem com o outro, com as coisas e com as situações, desenvolvendo-se integralmente, adquirindo conhecimentos, atitudes e valores, harmonia corporal, saúde, desenvolvimento cognitivo, expressividade e controle emocional.

Subcategorias:

- **questões referentes ao currículo** – temas relacionados à compreensão dos valores propostos nos currículos, diretrizes e referenciais para além do campo técnico, mas como “opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar” (SACRISTÁN, 1998, p. 17). A partir da *base de conhecimento do professor* proposta por Shulman (2014), esta sub categoria engloba as

postagens que abordam o conhecimento e a compreensão dos currículos, programas e projetos políticos pedagógicos e a relação destes documentos com as rotinas da creche e da pré-escola.

- **planejamento** – alocamos nesta categoria as postagens que abordam o tema do planejamento pedagógico como instrumento para o aprendizado, que organiza, delimita, objetiva as intervenções e prevê os desafios a serem propostos pelo professor: “Através do planejamento pensa-se o passado e o futuro para a construção do presente” (FREIRE, 2008, p. 170). Também foram incluídas nesta sub categorias as postagens que apresentam sugestões de planejamentos de atividades e/ou relatos de propostas realizadas por profissionais da educação infantil, comentados, contextualizados e fundamentados pelas autoras.
- **registro, avaliação e documentação pedagógica** – publicações que consideram o profissional da educação como um aprendiz de seu próprio ensinar e, para que ele aprenda é preciso utilizar os instrumentos para conhecer: observação, registro, reflexão da prática, avaliação e planejamento (FREIRE, 2008). Inclui-se nesta categoria a documentação pedagógica como ferramenta para recordar, dar sentido e direcionamento e colocar em evidência o processo de aprendizagem das crianças e dos professores (RINALDI, 2012).
- **estratégias de ação pedagógica (“atuação prática”)** - partindo da *base de conhecimento do professor* proposta por Shulman, nesta categoria inclui-se a “amálgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo do professor” e, na concepção do autor, “o meio especial de compreensão profissional” (SHULMAN, 2014, p. 206). Para Montalvão e Mizukami, a atuação prática deve utilizar “processos de ensino e aprendizagem, procedimentos didáticos, [...] teorias de desenvolvimento, estilos de aprendizagem” (MONTALVÃO; MIZUKAMI, 2010, p. 105), para transformar ou adequar o conteúdo a ser ensinado.
- **territórios, espaço-tempo-materiais (recursos)** – em geral, o professor das crianças de 0 a 6 anos parte de materiais, ambientes e elementos da natureza e contextos culturais - como objetos, brinquedos, materiais

plásticos, cenários, conversas, leituras, jogos e elementos naturais e culturais, escolhidos com intenção pedagógica, para promover as brincadeiras e interações. Nesta sub categoria estão classificadas as postagens que abordam questões relativas à dimensão física, com conteúdos a respeito da organização do espaço das escolas e seleção e estratégias de disponibilização de materiais para as atividades, e à dimensão temporal, que compreende a organização dos momentos da rotina e das experiências das crianças (OLIVEIRA, 2014). Também estão incluídas as publicações sobre recursos culturais, como história, tradições, arquitetura e dinâmicas sociais, e componentes naturais, como flora, fauna, meio ambiente e os quatro elementos (ZABALZA BERAZA, 2016).

- **postura do professor** – Mizukami (2004) ao bordar o *raciocínio pedagógico* descrito por Shulman, explica que o professor aciona, relaciona e constrói seus próprios conhecimentos ao atuar, para conectar os pontos de partida de partida e de chegada da aprendizagem, que é a compreensão. Nesta subcategoria consideramos as publicações que apresentam e discutem questões relacionadas à intencionalidade educativa impressa às práticas, ao monitoramento e à qualidade das interações com as crianças (BRASIL, 2018), de um professor que compreende que “ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, [...] limita também a sua” (FREIRE; FAUNDEZ, 2017, p. 64-65).
- **Macrocategoria: Aprendizagem** – o universo da criança.
 - **Concepções de aprendizagem** - a primeira subcategoria engloba postagens que abordam diferentes concepções de aprendizagem, reveladas em práticas, ações e condutas peculiares. Os processos de aprendizagem são pontuados por diferentes teorias que, historicamente, foram sendo adequadas ao tempo, ao contexto e às sociedades (PORTILLO, 2009).

A partir de Vygotsky, as autoras Bassedas, Huguet e Solé (1999) definem desenvolvimento como a formação progressiva das funções propriamente humanas (linguagem, raciocínio, memória, atenção, estima)” e aprendizagem

como processos nos quais são incorporados “novos conhecimentos, valores, habilidades que são próprias da cultura e da sociedade em que vivemos” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 21). Assim, é com base em diversas aprendizagens que a criança adquire capacidades e se desenvolve. Segundo Vigotski, “qualquer melhora em qualquer capacidade específica resulta numa melhora geral de todas as capacidades” (VIGOTSKI, 1998, p. 107).

Para facilitar a compreensão sobre o desenvolvimento infantil na escola, Zabalza (2016) propõe quatro níveis de aprendizagem - ou campos na nossa interpretação: oral e expressivo; sensório psicomotor; relacional-social; cognitivo. Entretanto, o autor deixa claro que, ainda que as atividades didáticas enfatizem um ou outro campo de aprendizagem, é preciso compreender que as crianças se desenvolvem de forma integrada. Na direção do autor, a concepção curricular da educação infantil proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) também se organiza em cinco campos de experiências, que foram adotados como subcategorias de análise da macro categoria *aprendizagem*:

- ***O eu, o outro e o nós*** - publicações sobre o desenvolvimento de modos próprios de agir, sentir e pensar com autonomia; percepção de si e do outro, identificando-se e valorizando-se, e diferenciando-se e respeitando o outro (BRASIL, 2018).
- ***Corpo, gestos e movimentos*** – publicações que abordam o corpo emancipado e livre, como central e “partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico” (BRASIL, 2018, p. 41).
- ***Traços, sons, cores e formas*** - postagens sobre o desenvolvimento do senso estético e crítico, da criatividade, da sensibilidade e da expressão pessoal, para promover o conhecimento de si, do outro e do mundo, ao experimentar a produção, a manifestação e a apreciação artística (BRASIL, 2018).
- ***Escuta, fala, pensamento e imaginação*** – postagens com conteúdos que abordam o ensino da linguagem oral e escrita, vinculado uso em situações reais, para que a criança compreenda e se aproprie da língua materna, construa sua concepção de escrita, conheça diferentes usos sociais, gêneros, suportes e portadores, desenvolva o gosto pela leitura,

estímule a imaginação e amplie o conhecimento de mundo (BRASIL, 2018).

- ***Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*** – publicações com conteúdos a respeito do exercício da curiosidade da criança sobre o mundo físico e sociocultural, para que ela aprenda a “fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação” (BRASIL, 2018, p. 41).

- **Macrocategoria: *coordenação pedagógica*** - o universo da atuação do coordenador de escolas de educação infantil.

A estrutura da escola voltada às crianças de 0 a 6 anos também conta com a atuação imprescindível do coordenador pedagógico, contemplado com diversas postagens específicas no *blog* Tempo de Creche.

Para reunir e analisar a visualização dos temas publicados, criamos uma categoria exclusiva para as questões relacionadas com a função e a prática do coordenador pedagógico da educação infantil.

Placco (2003) delinea algumas das principais funções do coordenador pedagógico: cuidar da formação e do desenvolvimento profissional dos professores, articulando-os em torno da implementação do projeto político pedagógico e da rotina da escola; auxiliar a equipe pedagógica a se relacionar, a relacionar teoria e prática e a engajar as famílias em torno da aprendizagem das crianças; lidar com urgências e refletir sobre o cotidiano.

Cada postagem pôde ser alocada em diferentes categorias, conforme seu conteúdo e, portanto, é esperado que a somatória das categorizações ultrapasse o número total de postagens.

Como suporte para organizar os dados e realizar a contagem das postagens alocadas nas categorias temáticas, utilizamos as tabelas do Microsoft Excel. Também usamos o programa para elaborar de gráficos como recurso visual na interpretação e ilustração das informações obtidas.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os dados levantados na plataforma do *WordPress*, o resultado da análise e categorização dos temas postados no período estipulado, e a distribuição dos dados estatísticos nas categorias. Observamos que a totalidade dos dados estatísticos, bem como a distribuição das postagens nas categorias determinadas neste estudo podem ser encontrados na íntegra nos anexos. Esta pesquisa buscou analisar as postagens do *blog* Tempo de Creche, categorizando-as, para, a partir das informações disponibilizadas pelo *WordPress*, verificar os interesses dos seus leitores nos conteúdos relativos às macrocategorias ensino, aprendizagem e coordenação pedagógica, além de examinar e comparar os resultados apurados nas subcategorias. Também buscou caracterizar o público do *blog* e posicionar o acesso ao conteúdo publicado no espectro dos tipos de aprendizagens: formal, não-formal e informal (ROGERS, 2014).

4.1 Temas das postagens e interesses dos seguidores

O conjunto de dados obtidos a partir da categorização dos conteúdos publicados nas 380 postagens pode ser visualizado na tabela 03. Estão descritos os dados absolutos relativos ao número de postagens publicadas e o número total de visualizações das postagens por subcategoria e por macrocategoria. Na tabela, constam também os dados relativizados, isto é, do número médio de visualizações por cada postagem da subcategoria e da macrocategoria. Esta informação é obtida dividindo-se o número de postagens pelo número total de visualizações em cada categoria.

Tabela 03 – Dados do número total de postagens por subcategoria e por macrocategoria e dados do número total de visualizações por subcategoria e por macrocategoria.

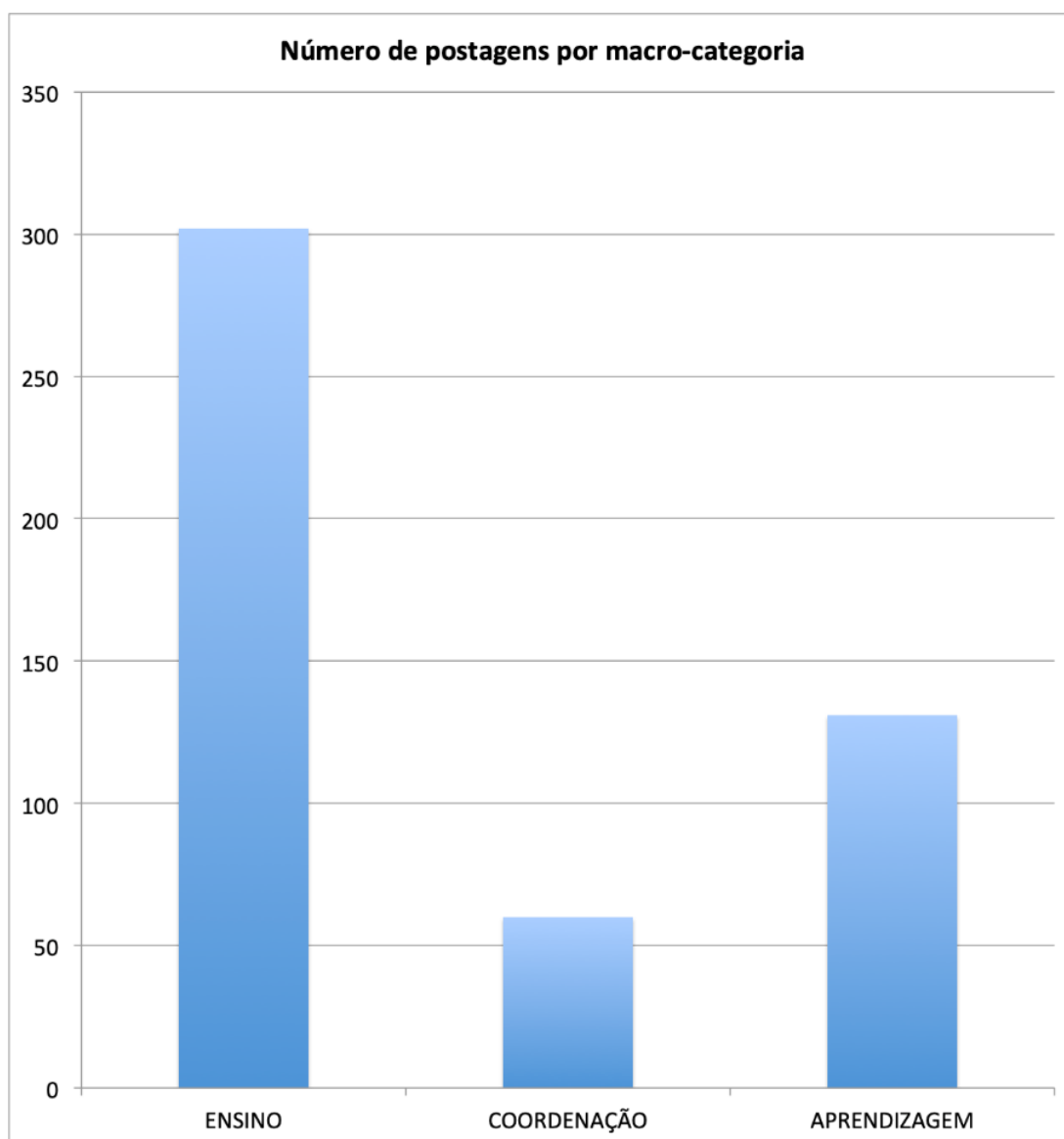
MACRO-CATEGORIA	ENSINO						COORD.	APRENDIZAGEM					
SUBCATEGORIA	Currículo	Planejamento	Registro, avaliação e documentação ped.	Estratégias de ação pedagógica	Territórios, espaço - tempo - materiais	Postura do professor	Coordenação pedagógica	Concepções de aprendizagem	Campo: o eu, o outro e o nós	Campo: corpo, gestos e movimentos	Campo: traços, sons, cores e formas	Campo: escuta, fala, pensamento e imaginação	Campo: espaços, tempos, lugares, relações e transformações
Nº DE POSTAGENS POR SUBCATEGORIA	38	76	34	93	114	35	60	41	40	23	29	20	9
Nº DE POSTAGENS POR MACRO-CATEGORIA	390						60	162					
Nº TOTAL DE VISUALIZAÇÕES POR SUBCATEGORIA	158 mil	285 mil	150 mil	266 mil	406 mil	57 mil	100 mil	82 mil	112 mil	84 mil	92 mil	90 mil	14 mil
Nº TOTAL DE VISUALIZAÇÕES POR MACRO-CATEGORIA	1,322 milhão						100 mil	474 mil					

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

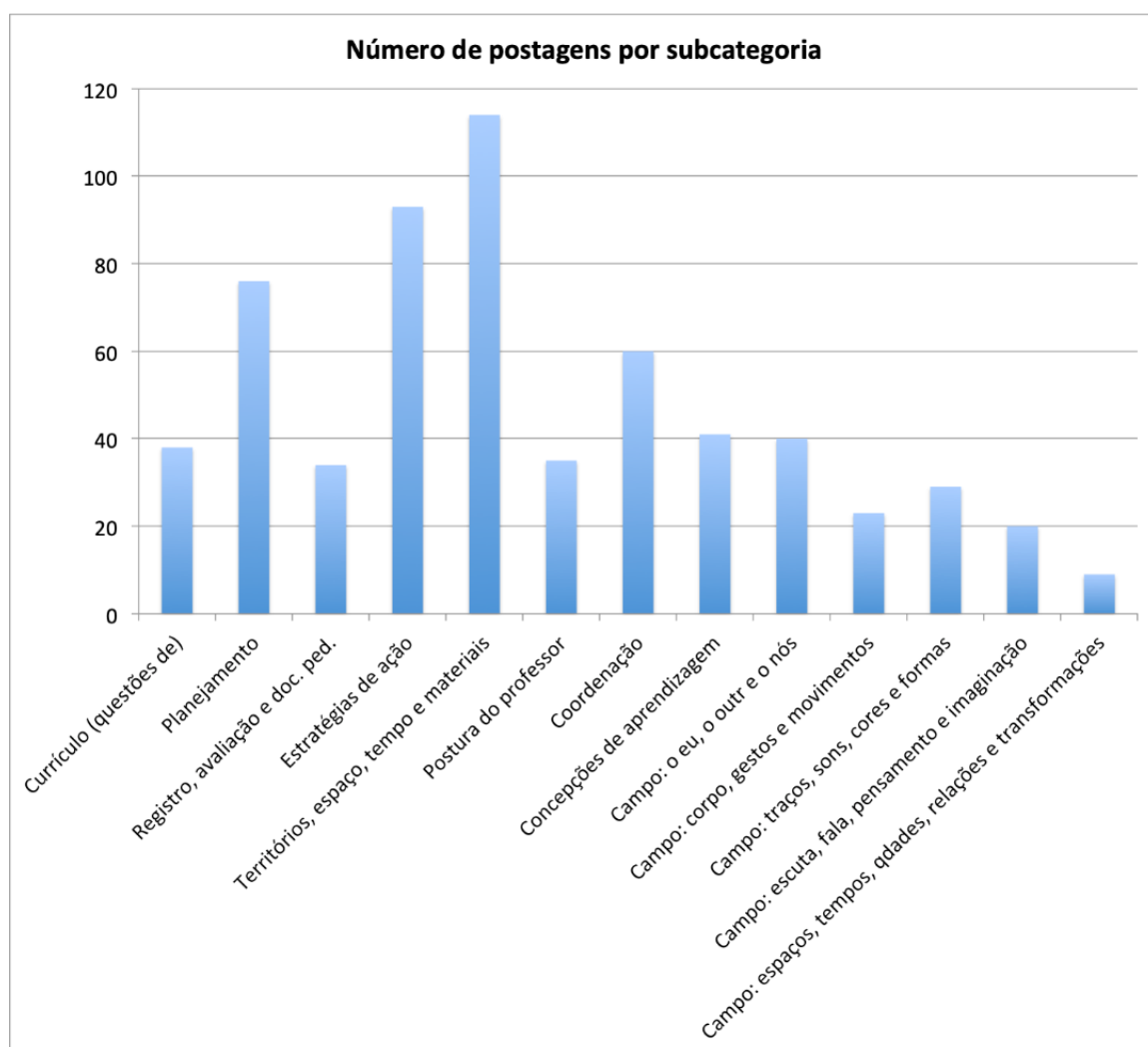
4.2 Resultados absolutos: número de postagens por macrocategoria e por subcategoria

Considerando-se os valores do volume de postagens, o número de publicações da macrocategoria *ensino* é o maior, totalizando 390 (Figura 22). Os temas mais abordados nesta macrocategoria foram *Territórios, espaço – tempo – materiais*, com 114 postagens publicadas, *Estratégias de ação pedagógica*, com 93, e *Planejamento*, com 76. Os temas relacionados às subcategorias *Currículo*, *Postura do professor* e *Registro, avaliação e documentação pedagógica* foram abordados em 38, 35 e 34 postagens respectivamente (Figura 23).

Figura 22 – Gráfico do número total de postagens nas macrocategorias.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Figura 23 – Gráfico do número total de postagens nas subcategorias.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A macrocategoria aprendizagem contou com 162 publicações no total, sendo que os temas relacionados a Concepções de aprendizagem, Campo de experiências o eu, o outro e o nós e Campo de experiências Traços, sons, cores e formas foram tratados em 41, 40 e 29 postagens respectivamente. O número de postagens relacionadas aos campos de experiências Corpo, gestos e movimentos, Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações foram menores: 23, 20 e 9, respectivamente (Figura 23).

A macrocategoria Coordenação Pedagógica foi a menos publicada, contemplada com apenas 60 publicações.

Neste cenário é possível perceber que as autoras enfatizaram os conteúdos relacionados ao ensino, publicando mais do que o dobro de postagens em relação às de aprendizagem. De acordo com as palavras das próprias autoras no *blog*, o Tempo de Creche é o resultado de uma

desejo de compartilhar os aprendizados colhidos nas práticas formativas das mesmas, possivelmente “lacunas de conhecimentos dos professores” (AZEVEDO; SCHNETZLER, 2001, p. 1), provavelmente direcionando a publicação de conteúdos relacionados ao ensino, especialmente a ampliação de repertório de materiais, espaços, tempos e os territórios culturais e naturais - Territórios, espaço – tempo – materiais (OLIVEIRA, 2014; ZABALZA, 2016).

Com 93 postagens, a ênfase na publicação de Estratégias de ação pedagógica coincide com o resultado da pesquisa de Roldão et al. (2009), que analisou as especificidades do saber docente por meio da categorização de monografias de alunos de licenciatura em Portugal, apontando para a prevalência de temas relacionados a conteúdos de sustentação da prática pedagógica (68 %), e em contraste a menor incidência de temas sobre o conhecimento da criança (25 %).

O volume acentuado de publicações da subcategoria Planejamento (76), que englobam postagens sobre o próprio instrumento metodológico e relatos de práticas comentadas e fundamentadas pelas autoras, pode estar apoiado no atendimento dos seguidores que procuram por informações que aproximem a teoria da prática pedagógica, fato sugerido também por Cordão e Azevedo (2013).

O conjunto destes dados leva a algumas conclusões e questionamentos. Na página Sobre o Tempo de Creche Educação as autoras afirmam que ouvem dos professores atendidos nas práticas formativas presenciais, pedidos de modelos prescritivos de planejamentos de atividades (conforme citação na p. 54). A pesquisa de Silveira (2013), indica que os próprios professores *blogueiros* valorizam a publicação voltada à prática pedagógica, em detrimento de temas sobre reflexão. Se a manutenção dos *blogs* está apoiada na existência de um público leitor, é provável que os professores que seguem os *blogs* estudados por Silveira, correspondem às publicações, buscando postagens relacionadas ao fazer pedagógico. A pesquisadora ainda destaca a concepção compensatória na escolha dos temas publicados, que partem daquilo que os professores *blogueiros* julgam faltar em suas próprias formações.

Na página Acontece com a equipe (conforme citação na p. 54), as autoras declaram que “[...] se o professor deseja modelo de atividade, propomos caminhos de reflexão. Se o professor pede orientação, propomos estratégias abertas ao contexto”. Lecat et al. (2019) investigaram o que move os professores a se engajar em atividades informais de aprendizagem e concluíram que a principal razão é a busca por novas atividades. A partir desta afirmação, é provável que, para corresponder aos pedidos de modelos prescritivos, as autoras do Tempo de Creche forneçam as tais “atividades” em forma de relatos e sugestões de planejamento. Porém, ao

contextualizar e fundamentar a prática pedagógica, buscam escapar do compartilhamento de receitas prontas, prescritivas e descontextualizadas.

O menor número de postagens sobre coordenação pedagógica pode estar relacionado à parcela menor do público do *blog* (15 %). Contudo, é interessante notar que o volume de visualizações supera os valores levantados nas subcategorias relacionadas ao ensino.

Ao analisar o número das postagens da macrocategoria ensino, verificou-se que as autoras publicaram mais postagens sobre como a criança aprende (Concepções de aprendizagem) e seu processo de construção de identidade (Campo de experiências o eu, o outro e o nós). Outro questionamento aflora em relação a este fato: é possível que as autoras do Tempo de Creche identifiquem a necessidade de trabalhar mais enfaticamente as concepções de criança do que se aprofundar em áreas específicas do desenvolvimento infantil? Talvez esta seja uma porta de entrada para construção do entendimento da criança como centro do trabalho pedagógico da educação infantil, conforme descrito Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010, p. 11).

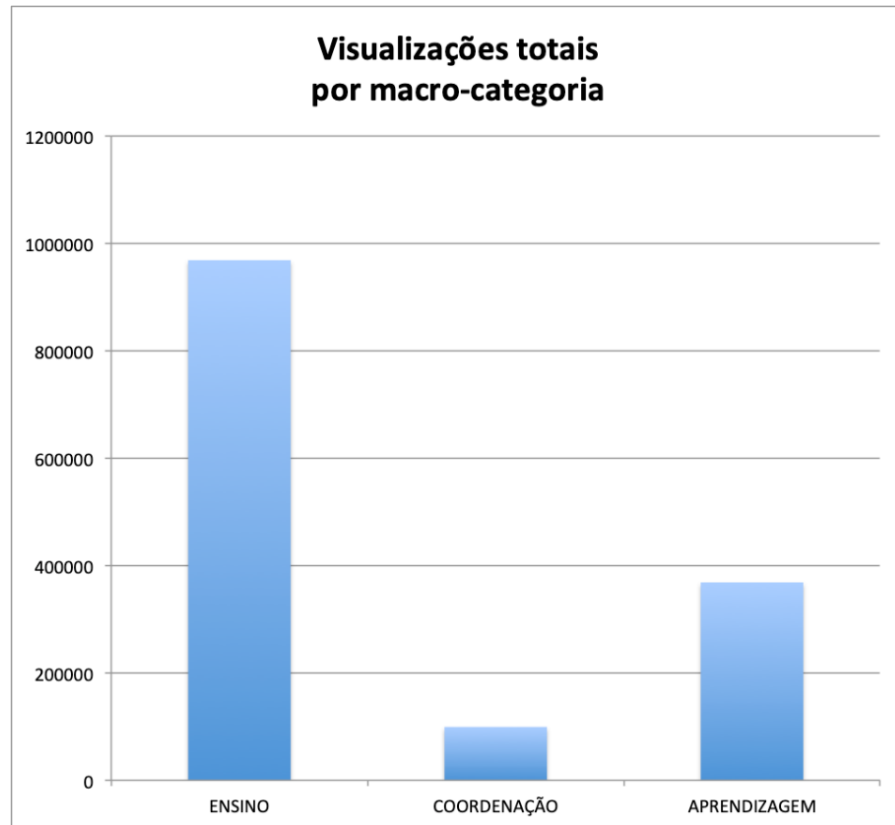
Como recurso dinâmico, o *blog* permite que, por meio da leitura dos dados de visualização, dos resultados das enquetes e do conteúdo dos comentários dos seguidores, se imprima mudanças de foco nos temas das postagens, acompanhando novas demandas e necessidades formativas: os leitores demonstram compreender a concepção de criança preconizada pelo MEC? Então, que tal aprofundar a aprendizagem sobre o desenvolvimento infantil nas suas diversas áreas? Além disso, o dinamismo da sociedade em rede e da cibercultura favorecem o trânsito na contemporaneidade (CASTELLS, 2001; 2011) atualizando frequentemente postagens que abordam marcos do calendário escolar, pesquisas das áreas acadêmica e não acadêmica e políticas de educação.

4.3 Resultados absolutos: número de visualizações por macrocategoria e por subcategoria

São volumosos os números totais de visualização observados, isto é, quando a página de uma postagem é carregada no dispositivo do internauta: 1,322 milhões de visualizações das postagens da macrocategoria *ensino*, 474 mil da macrocategoria *aprendizagem* e 100 mil da macrocategoria *coordenação pedagógica* (Figura 24). Considerando-se que a macrocategoria *ensino* tem o número mais elevado de postagens, é possível que estes resultados estejam relacionados. De fato, as subcategorias *Territórios*, *espaço – tempo – materiais*, *Planejamento*

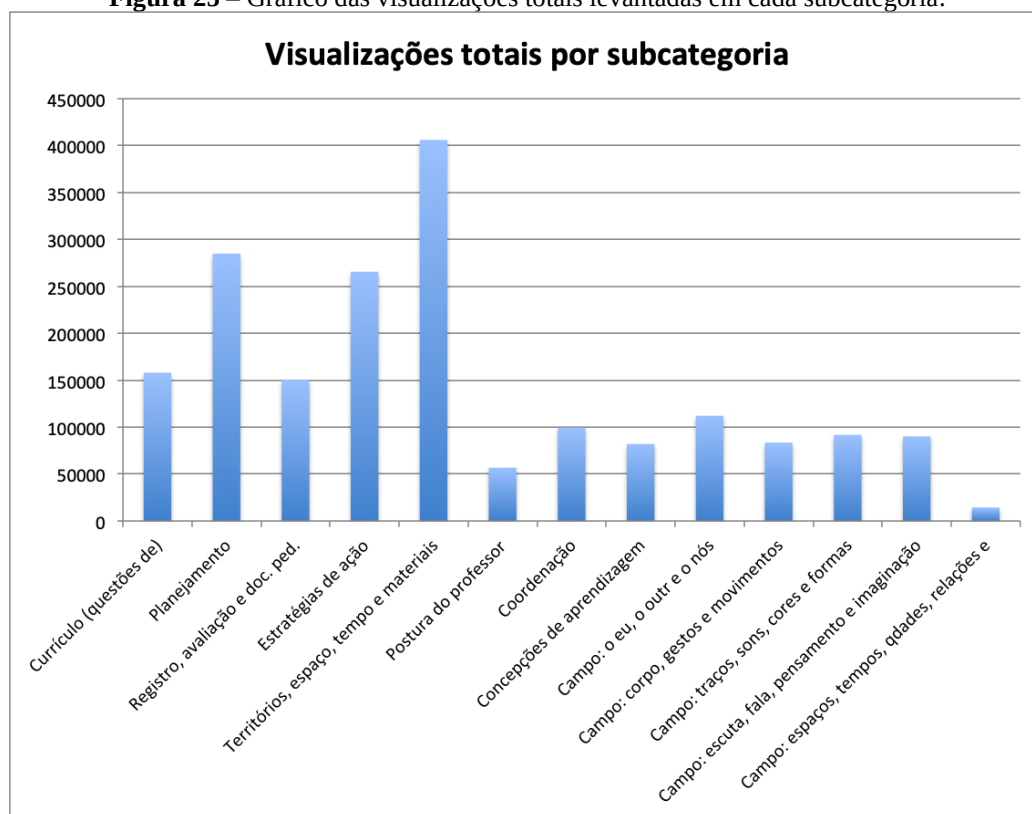
e *Estratégias de ação pedagógica* são as que possuem os maiores volumes de visualização, assim como as que tiveram mais publicações (Figura 24).

Figura 24 – Gráfico das visualizações totais levantadas em cada macrocategoria.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Figura 25 – Gráfico das visualizações totais levantadas em cada subcategoria.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É provável que o número de postagens influencie no volume de visualizações. Isto é, quanto maior o número de postagens sobre uma categoria, maior o número de alertas gerados na página inicial do *blog* e na página no *Facebook*. Consequentemente, mais leitores se sentem compelidos a acessar as publicações. Contudo, o número total de visualizações da macrocategoria *ensino* foi aproximadamente o triplo do observado na macrocategoria *aprendizagem*. Mas, ao comparar estas informações com a quantidade de postagens publicadas, percebemos que as proporções não se mantêm. Verificamos que foram publicadas mais do que o dobro de postagens da macrocategoria *ensino* em relação à macrocategoria *aprendizagem*.

Este resultado nos levou a buscar a análise dos dados relativos para possivelmente indicar novas interpretações e clarear as lacunas surgidas na análise dos dados absolutos.

4.4 Resultados relativos: número de postagens por macrocategoria e por subcategoria

Na tabela 04 são apresentados os resultados comparativos entre os dados de visualização e os números das postagens por categoria. Dividiu-se o número de visualizações de cada subcategoria e macrocategoria pelo número correspondente de postagens de cada tema.

Tabela 04 – Visualizações médias por cada postagem das subcategorias e das macrocategorias. A cor azul indica os maiores resultados, de modo crescente do claro para o escuro.

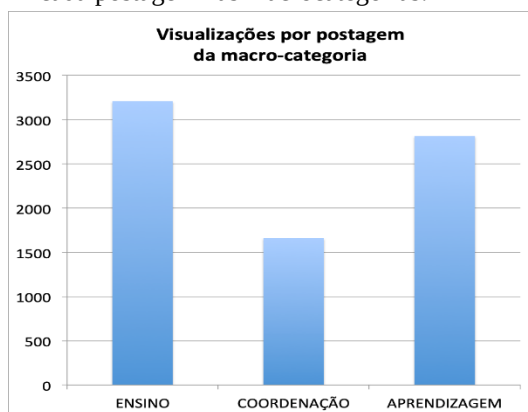
MACRO-CATEGORIA	ENSINO						COORD.	APRENDIZAGEM					
SUBCATEGORIA	Curículo	Planejamento	Registro, avaliação e documentação ped.	Estratégias de ação pedagógica	Territórios, espaço - tempo - materiais	Postura do professor	Coordenação pedagógica	Concepções de aprendizagem	Campo: o eu, o outro e o nós	Campo: corpo, gestos e movimentos	Campo: traços, sons, cores e formas	Campo: escuta, fala, pensamento e imaginação	Campo: espaços, tempos, qdades., relações e transformações
Nº DE VISUALIZAÇÕES POR POSTAGEM DA SUBCATEGORIA	4.160	3.749	4.419	2.857	3.562	1.624	1.659	2.001	2.804	3.633	3.165	4.509	1.599
Nº DE VISUALIZAÇÕES POR POSTAGEM DA MACRO-CATEGORIA	3.390						1.659	2.927					

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Iniciando a análise pela macrocategoria *Coordenação pedagógica*, a relação entre o número de postagens e visualizações na macrocategoria, indica que cada publicação desta temática gera em média 1659 visualizações, o menor valor obtido na comparação entre as três macrocategorias (figura 26 a).

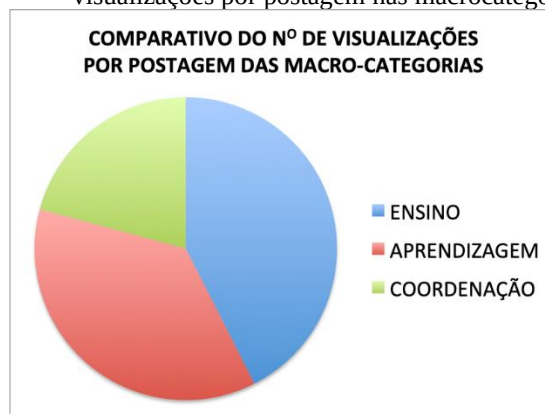
Figura 26

a – Gráfico do número médio de visualizações por cada postagem nas macrocategorias.



(a)

b – Gráfico comparativo do número médio de visualizações por postagem nas macrocategorias.



(b)

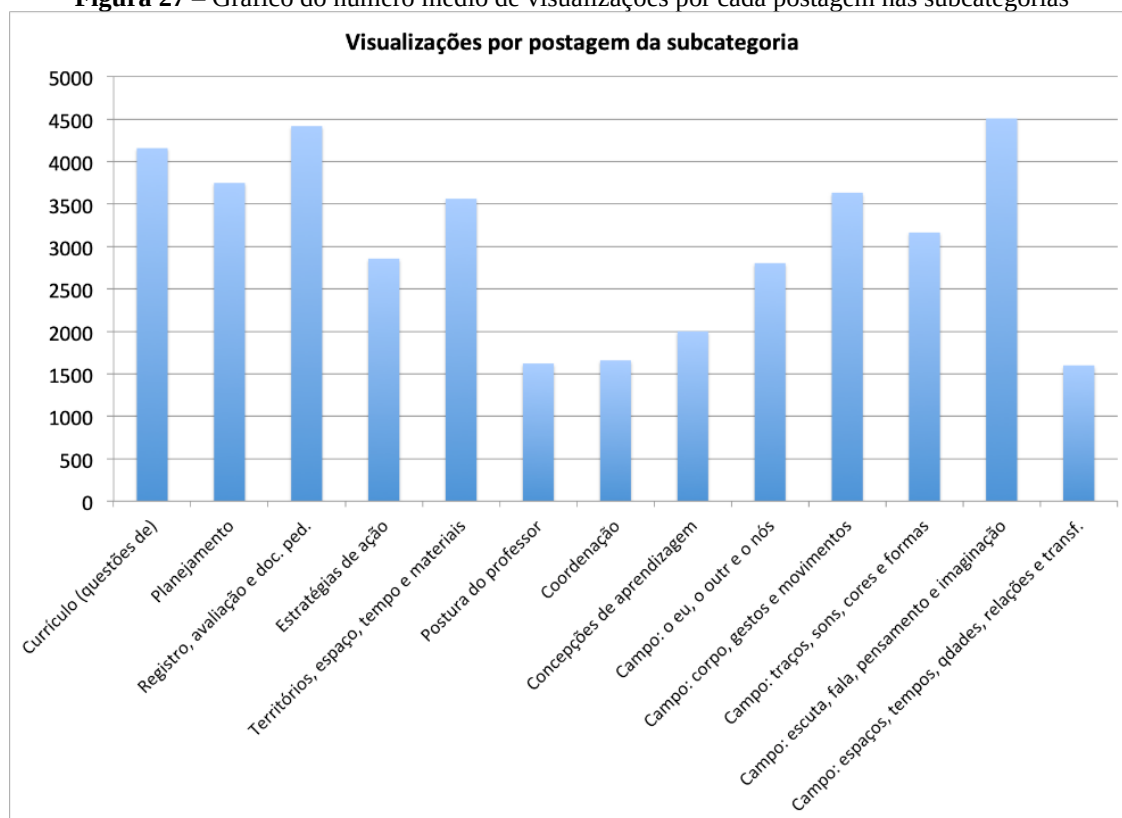
Como mencionado anteriormente, o público composto por coordenadores pedagógicos é naturalmente reduzido e, por consequência, a macrocategoria composta por postagens dedicadas a este tema mobiliza menos seguidores. As publicações alocadas nesta macrocategoria versam sobre a função do coordenador pedagógico, com temáticas que buscam municiar este leitor de suporte prático e teórico. Placco (2006) enfatiza a importância da formação deste profissional, que precisa se qualificar para o cargo e desenvolver uma

consciência crítica em relação às suas inúmeras funções. Contudo, a interação do coordenador pedagógico com o Tempo de Creche provavelmente não se resume ao acesso às postagens específicas da sua função. Ao cuidar da formação e do desenvolvimento profissional dos professores, identificando necessidades formativas e movimentos de evolução e retrocesso na prática pedagógica com as crianças, o coordenador busca subsídios para qualificar a equipe pedagógica, acessando também as publicações que abordam os assuntos das outras macrocategorias (*ensino e aprendizagem*). Neste sentido, estabelecer um diálogo mais direto com o coordenador pedagógico por meio dos recursos do site do Tempo de Creche e da *fanpage* no *Facebook* poderia revelar o que este profissional tem identificado como necessidade formativa e se o *blog* tem suprido esta precisão.

Ensino é a macrocategoria cujas postagens atingem, em média, o maior número de visualizações (3.390), seguida pela macrocategoria *aprendizagem* (2.927). Apesar da diferença numérica, os valores são semelhantes, como visualizado na figura 26 b. Assim, é possível concluir que o grau de interesse dos seguidores do Tempo de Creche por *ensino e aprendizagem* é quase o mesmo, e que as postagens com temas que envolvem a *coordenação pedagógica* geram menor envolvimento.

Os resultados da pesquisa de Cordão (2013) sobre as necessidades formativas de professores de crianças de zero a três anos de idade, se aproximam dos obtidos neste trabalho. Em relação ao *ensino*, a autora identificou dificuldade das docentes investigadas em estabelecer pontes entre a teoria e a prática. No que diz respeito à *aprendizagem*, as professoras declararam que suas formações iniciais pouco contribuíram para o entendimento sobre o desenvolvimento das crianças até três anos de idade. O público do *blog* é formado em sua maioria por profissionais que atuam em creches (73 %), portanto, o panorama dos resultados de desta pesquisa e da pesquisa de Cordão (2013) sugere que as autoras do Tempo de Creche devem continuar investindo em postagens que versam sobre as macrocategorias *ensino e aprendizagem*. Mas, ao analisar as subcategorias, entendemos que alguns temas despontam e outros não provocaram tanto interesse.

No bojo da macrocategoria *aprendizagem*, as postagens da subcategoria *campo de experiências: escuta, fala, pensamento e imaginação*, aparecem como as que geraram maiores volumes de visualização. As publicações com esta temática são as que mais provocaram nos seguidores do *blog* a ação de acessar e visualizar o conteúdo (Tabela 04); (Figura 27).

Figura 27 – Gráfico do número médio de visualizações por cada postagem nas subcategorias

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É interessante refletir sobre esta prevalência. Em seus estudos sobre a organização curricular de alguns cursos de Pedagogia do município de São Paulo, Carnicero (2018) levanta informações que podem alimentar esta reflexão:

- Em grande parte das disciplinas, educação infantil e ensino fundamental são inseridos em conjunto;
- A análise das organizações curriculares indica pouca relevância dada às disciplinas deliberadamente pertencentes à educação infantil;
- As disciplinas voltadas à área da linguagem combinam educação infantil e ensino fundamental.

A autora conclui sua pesquisa apontando para a pouca especificidade no ensino de conteúdos relacionados à criança pequena, identificada nos cursos de Pedagogia pesquisados.

Somando-se a esse contexto, em 2018, novos elementos foram pontuados pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC - para a Educação Infantil. Apesar dos sinais de continuidade, quase 18 anos de produção científica e experiências educativas separam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e a BNCC (BRASIL, 2018), que atualizou e delineou o currículo nacional desta etapa da educação básica.

Investigando as especificidades do currículo em relação ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita, desponta a concepção de linguagem como produto de experiências de interação social. Expressões como “escrita espontânea” (que aparecem em três objetivos de aprendizagem e desenvolvimento), partir da “curiosidade” e do próprio “repertório”, “levantar hipóteses” e criar “estratégias” para a leitura, podem ter despertado nos seguidores do Tempo de Creche empenho em compreender as diretrizes propostas pela BNCC e suprir possíveis lacunas formativas.

Outras duas subcategorias também sugeriram maior interesse entre os leitores: *campo de experiências corpo, gestos e movimentos* e, em seguida, *campo de experiências traços, sons, cores e formas*.

Retomando os estudos de Azevedo e Schnetzler (2001), a necessidade de complementar a formação inicial dos professores com temas relacionados à ludicidade e à valorização dos contextos socioculturais das crianças justifica a busca por informações de como a criança aprende e se desenvolve ao brincar, utilizar o corpo (pouco considerado a partir do ensino fundamental) e vivenciar e se expressar cultural e artisticamente. Cordão (2013) chama a atenção para a importância e especificidade do desenvolvimento do bebê no primeiro ano de vida e a fragilidade do ensino sobre esta etapa nos cursos de Pedagogia avaliados em seu estudo. Assim, é possível que os profissionais da educação infantil pesquisem referências para compreender as características e o desenvolvimento do corpo e da expressão artística da criança pequena e, no espectro da aprendizagem informal, consultem as publicações do Tempo de Creche.

No âmbito do *ensino* foi possível identificar quatro subcategorias com postagens que, na média, geraram mais visualizações: *Registro, avaliação e documentação pedagógica* (4419), *Currículo* (4160), *Planejamento* (3749) e *Territórios, espaço – tempo – materiais* (3562). Para investigar os resultados desta macrocategoria, propomos dividir as subcategorias em duas vertentes:

O quê – conteúdos que municiam o professor com exemplos de atividades e percursos investigativos (subcategoria *Planejamento*) e repertório de materiais e contextos (subcategoria *Territórios, espaço – tempo – materiais*) e informações e discussões sobre currículo (subcategoria *Currículo*).

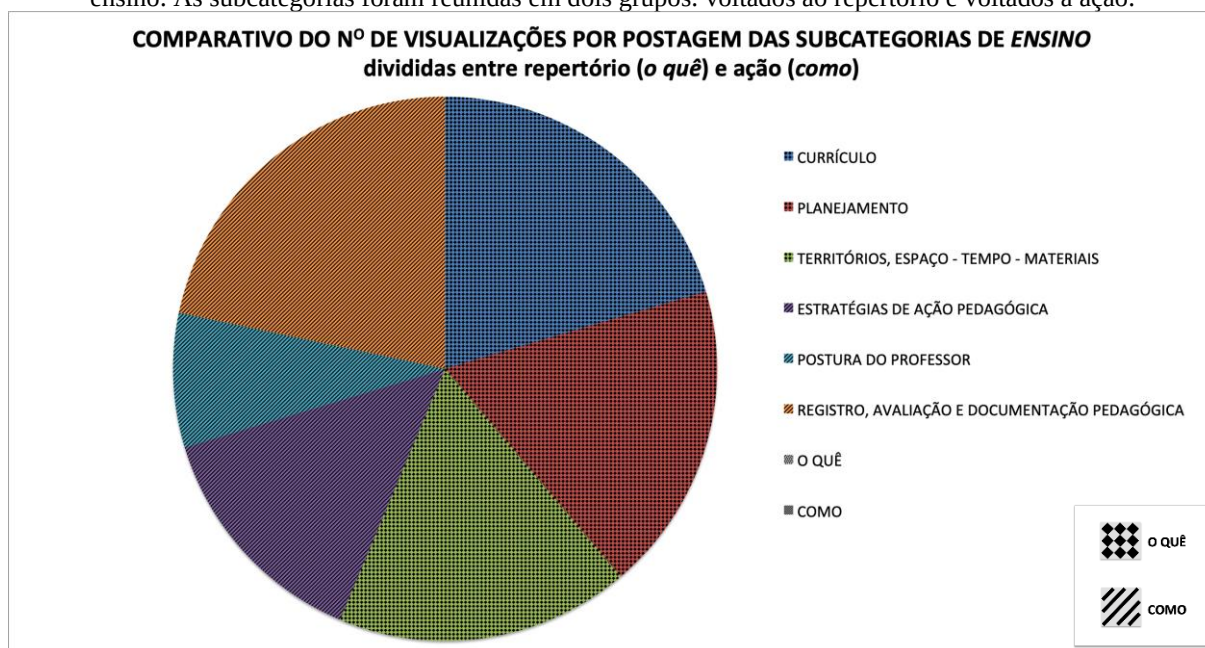
Como – envolve os processos e estilos de ensino (subcategoria *Estratégias de ação pedagógica*), a atuação intencional (subcategoria *Postura do professor*) e o monitoramento da

aprendizagem e da própria atuação (subcategoria *Registro, avaliação e documentação pedagógica*).

Ao observar a figura 28 percebemos um interesse ligeiramente maior pelas postagens que abordam o *quê* ensinar e a organização desse ensino, do que por postagens que tratam da compreensão do como agir e fazer.

Esta propensão para o o *quê* pode ser mais acentuada se admitirmos que, para grande parte dos seguidores do Tempo de Creche - profissionais que atuam no município de São Paulo (página 65 deste trabalho) - a busca por postagens da subcategoria *Registro, avaliação e documentação pedagógica* pode ser decorrência das cobranças da Secretaria de Municipal de Educação por meio, por exemplo, de Instrução Normativa (SÃO PAULO, 2019).

Figura 28 – Gráfico comparativo do número de visualizações por postagem das subcategorias da macrocategoria ensino. As subcategorias foram reunidas em dois grupos: voltados ao repertório e voltados à ação.



O interesse pelo fazer parece ter raízes antigas. O resultado da pesquisa sobre os interesses dos leitores do Tempo de Creche, publicado na Revista Veras em 2015 (ROSSET et al, 2015), já apontava que a maior incidência de termos como “planejamento pronto de atividades”, buscados em sites como o Google. A maioria das postagens alocadas na subcategoria *Planejamento*, conforme mencionado anteriormente, são sugestões e relatos de práticas comentados e contextualizados pelas autoras, e um número menor de fundamentação teórica a respeito do uso do planejamento como instrumento metodológico. Com isso, é possível concluir que os seguidores do *blog* ainda se interessam por um repertório de atividades,

materiais e ambientes para trabalhar com suas crianças, mas é preciso entender se este repertório é um ponto de partida para inspirar planejamentos contextualizados ou simplesmente copiar.

CONCLUSÃO: UMA ANÁLISE QUE NÃO É FINAL

Diversos autores representaram eixos para esta pesquisa ao estruturar nosso pensamento e as trilhas que percorremos nas investigações. Mas três deles trouxeram parâmetros para discutir e correlacionar a imensidão de dados disponíveis no ambiente digital, com a pesquisa tradicional de formação de professores.

Nesta discussão, que não é de modo algum final, porque apoia-se na recém nascida cibercultura, vamos acenar para Shulman, Abuchaim e Rogers.

O que um professor precisa para ensinar? Shulman (2014) responde a esta pergunta propondo uma “base de conhecimento” docente. Apesar de reconhecer o volume de conhecimentos necessários para a prática da docência, o autor contribui com respostas, conceituando sobre a base, a fundação para a edificação do ensino.

Ao definir as categorias desta fundação, Shulman valoriza especialmente o “conhecimento pedagógico do conteúdo” (2014, p. 207) como a amálgama entre o *conteúdo*, definido pelo currículo e pela constituição de uma postura profissional; a *pedagogia*, como o conhecimento de concepções e estratégias para levar à aprendizagem (do aluno e do professor); e o *conhecimento da criança*, dona de um saber, de uma cultura e de desejos.

Estabelecendo-se uma correlação entre as categorias propostas por Shulman e as categorias temáticas das postagens do *blog* Tempo de Creche, percebemos que o *conhecimento das crianças* e o *conteúdo* despertaram maior interesse entre os seguidores, quando comparados à *pedagogia*. Partindo da visão de Shulman, o que leva o profissional da educação infantil que consulta o *blog* a ler mais postagens sobre o *conteúdo*, do que sobre temas relacionados à postura profissional e às estratégias pedagógicas? Pode-se pensar na falta de tempo e de suporte para estudar a complexidade da teoria e da fundamentação da prática? Talvez informar-se sobre caminhos prontos seja mais acessível e objetivo para estes profissionais.

Contudo, partindo das contribuições de Abuchaim e Rogers, podemos também pensar sobre a fragilidade de uma cultura profissional apoiada na pesquisa, na reflexão e no estudo autônomo.

Considerando-se o universo de profissionais que trabalham na educação infantil, ainda encontramos pessoas sem formação em nível superior ou com graduação em cursos que pouco privilegiam a educação voltada à criança pequena (ABUCHAIM, 2018). Do ponto de vista do mercado de trabalho, em diversas centros urbanos, uma grande parcela dos professores,

coordenadores e diretores trabalham em instituições privadas e conveniadas às prefeituras, enfrentando jornadas de 40 horas semanais, sem horário destinado ao planejamento, à reflexão e à formação, e ainda recebendo salários comparativamente menores do que os pagos pelos governos (NASCIMENTO; SILVA, 2015). Em face destas informações, instituir um regime de trabalho que propicie horas voltadas ao estudo e à reflexão, e implementar programas de formação continuada, são ações fundamentais para suprir as demandas formativas e qualificar o trabalho docente com as crianças pequenas.

Mas há que se considerar o contexto em que vivemos. No Brasil, as condições políticas e econômicas ainda representam um entrave na instituição de programas amplos de formação de professores, que atinjam todo o universo de docentes que prestam serviços para a rede pública.

Por outro lado, é imperativo compreender que o mundo passa por mudanças drásticas e profundas. No momento do fechamento deste trabalho, enfrentamos a pandemia do coronavírus. Para existir e se fazer presente na sociedade, nas famílias e para as crianças, as salas de aula passaram a ser virtuais. O ambiente que valoriza o coletivo, o toque e o olho no olho, precisaram se transformar. O mundo acabou por se encontrar com estudos como o de Alan Rogers, que apontou o enorme iceberg invisível da aprendizagem: o estudo autônomo, que ocorre fora do trabalho e que parte de desejos e interesses pessoais. É a este universo gigante, acessível e submerso da Educação que o *blog* Tempo de Creche pertence.

A análise dos seguidores do *blog* mostrou que o público é composto por uma amostra significativa e representativa dos profissionais da educação infantil brasileira. Também revelou que num contexto dinâmico de interações, os leitores expressam seus interesses. Finalmente, esta pesquisa defende a importância do *blog* como recurso barato e de fácil gerenciamento para atuar na formação continuada dos professores de educação infantil e revelar tendências e demandas formativas.

Esta experiência investigativa nos alimentou e indicou modos de organizar e analisar as informações encontradas na plataforma do *blog* e na *fanpage* do Facebook para produzir conteúdos cada vez mais sincrônicos com os interesses e as necessidades formativas identificadas no público seguidor do Tempo de Creche.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Panorama das políticas de educação infantil no Brasil**. Brasília: UNESCO, 2018. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261453>>. Acesso em: 4 out. 2019.

ALDABRA. **Quais as diferenças entre blog e site?** Disponível em: <<https://www.aldabra.com.br/artigo/quais-as-diferencas-entre-blog-e-site>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

AGUIAR, Adriana. Facebook: tudo sobre a rede social mais usada do mundo! 2016. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/facebook/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, mai. 1991.

AMARAL, Lucas. **Entenda o comportamento da sua audiência com o Facebook Insights e aumente seu engajamento**. 2018. Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/facebook-insights/>>. Acesso em 8 set. 2019.

AZEVEDO, Heloisa Helena; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. Necessidades formativas de profissionais da educação infantil. **24ª Reunião da ANPED**, 2001. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm#gt7>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Artes Médicas, 1999. Porto Alegre.

BENEVENUTO, Fabrício; ALMEIDA, Jussara M.; SILVA, Altigran S. da. **Coleta e análise de grandes bases de dados de redes sociais online**. Capítulo 2, 2012. Disponível em: <<http://homepages.dcc.ufmg.br/-fabricio/download/jai2012.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.634** de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”. **Resultados preliminares do Censo Escolar de 2009**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/centro-da-educacao-superior>>.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”. **Censo da Educação Superior 2012**. Brasília: MEC, INEP, 2013. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 out. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 05 out. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/Sase): Brasília, DF., 2014. Disponível em <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

CAPRA, Fritjof. Vivendo Redes. *In*: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo Das Redes**. Editora Perspectiva, 2008.

CARNICERO, Laura Brito. **A organização curricular dos cursos de Pedagogia e a educação infantil no município de São Paulo**. 2018. 57 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CLYDE, L. A. Teacher Librarian. **Infotech** 32 (3), 2006.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS. **Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade**. Comunicação da Comissão, 21.11.2001. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/committees/empl/20020416/doc07a_pt.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

CORDÃO, Taciana Saciloto Real. **Necessidades formativas de professores de crianças de zero a três anos de idade**. 2013. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DOWNES, Stephen (16-10-2005). e-Learning 2.0. **eLearn Magazine**. Disponível em: <<http://elearnmag.org/subpage.cfm?section=articles&article=29-1>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

FACEBOOK. O que significa quando uma pessoa curte ou segue uma Página? Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/171378103323792>>. Acesso em: 18 out. 2019.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GATTI, B. A.; NUNES, M. (Org.). **Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas**. São Paulo: TEXTOS FCC, v. 29, 2009.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores**. Brasília: Liberlivro, 2010.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. **Professores conectados: trabalho e educação nos espaços públicos em rede**. 2010. 277f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

HOSTING TRIBUNAL. *How many blogs are there?* 2019. Disponível em: <<https://hostingtribunal.com/blog/how-many-blogs/>>. Acesso em: 20 set. 2019.

JONES, M.; ALONY, I. **Blogs - the new source of data analysis**. In: **Journal of Issues in Informing Science and Information Technology**, 5, 2008, p. 433-446. Disponível em: <<https://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=1499&context=commpapers;Blogs>>. Acesso em: 4 out. 2018.

JONNY ANVIL'S BLOG. **The Social Technographics Profile**. 2017. Disponível em: <<https://jonnyanvil.wordpress.com/2017/06/03/chapter-3-the-social-technographics-profile/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

KISHIMOTO, T. Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil. In: MACHADO, A. L. de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.) **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 117-132.

LECAT, Antoine et al. The what and why of primary and secondary school teachers' informal learning activities. **International Journal of Educational Research** 96, p. 110-110, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Mônica Santos. **Percepções da comunicação na relação educação e tecnologia: análise do site Porvir**. Dissertação de Mestrado. 2018. 182f. (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/158326/martins_ms_me_bauru.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso em: 15 set. 2019.

MATOS, Kelma Socorro L. de; VIEIRA, S. L. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Democrática Rocha, 2001.

MERHOLZ, Peter. **Play with your words**. 2002. Disponível em <<https://www.peterme.com/archives/00000205.html>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MICHAELIS: **pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. Santa Maria, **Revista Educação**, v. 29, n. 2, p. 33-49, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3838/2204>>. Acesso em: 27 set. 2019.

MONGELLI, Livio; FRANCESCHI, Nicola. **Informal Learning for Adults: Ioli Italian Handbook**. Disponível em: <http://www.programmallp.it/est/product_show.php?id_project=2009-1-CY1-GRU06-00499-5&id_product=1>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MONTALVÃO, Eliza Cristina; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Conhecimento de futuras professoras das séries iniciais do ensino fundamental: analisando situações concretas de ensino aprendizagem. In: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline M. de M. Rodrigues (Orgs.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.) **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 235-256.

MOTA, J. **Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede**. 2009. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Aberta. Disponível em: <<http://orfeu.org/weblearning20/>>. Acesso em: 8 de set. 2019.

NASCIMENTO A. P. S.; SILVA, C. N. de O. As creches conveniadas em São Paulo: quais os reais motivos dessa opção política. **Fineduca - Revista de Financiamento de Educação**, Porto Alegre, v. 5 n. 10, 2015. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/fineduca/article/download/67575/38749>. Acesso em: 8 jun. 2018.

OLINTO DE OLIVEIRA, Midiã. **A formação inicial e as condições de alunas concluintes do curso de pedagogia para o ingresso na profissão docente**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10417/1/Midia%20Olinto%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Orientações curriculares e propostas pedagógicas: Formação de professores e apropriação de modos historicamente elaborados de pensar, sentir e agir na educação infantil. **Salto para o futuro**, ano XIX, nº 15, out. 2009. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/18165615-Educriancascreches.pdf>>. Acesso em: 03 mar. de 2019.

_____. **O trabalho do professor na educação infantil**. 2. Ed. São Paulo: Biruta, 2014.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. Metodologia de pesquisa de blogs de política. Análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento “cansei”. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, nº. 34: 159-181, out. 2009.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Sobre o manifesto “A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures” – 20 anos depois. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 55(2), 2016, p. 525-530. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/010318135166183471>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

PORTILHO, E. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 47-60.

PRESTRIDGE, Sarah. Categorising teachers’ use of social media for their professional learning: A self-generating professional learning paradigm. *Elsevier Computers & Education* 129, 2019, p. 143-158.

RANIERI, Maria; MANCA, Stefania; FINI, Antonio. Why (and how) do teachers engage in social networks? An exploratory study of professional use of Facebook and its implications for lifelong learning. **British Journal of Educational Technology**, vol. 43, nº. 5 X, p.754 – 769, 2012.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, XXVIII (68):114-124, mai.-ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

RESENDE, Luciano Nobre. **Blogosfera: nova territorialidade na formação universitária de professores da educação básica**. 2016. 131f. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, 2016.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROGERS, Alan. **The base of the iceberg. Informal learning and its impact on formal and non-formal learning**. Opladen; Berlin; Toronto: Verlag Barbara Budrich, 2014, 95 S. - (Study guides in adult education) - URN: urn:nbn:de:0111-pedocs-148444. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0111-pedocs-148444>>. Acesso em: 8 ago. 2019.

ROLDÃO, Maria do Céu et al. O conhecimento profissional dos professores – especificidade, construção e uso. Da formação ao reconhecimento social. **Revista Brasileira de Formação de Professores** – RBFP ISSN 19845332 – Vol. 1, n. 2, p. 138-177, set. 2009.

ROSEMBERG, Fulvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 7 – 40, jul. 1999.

ROSENBLOOM, Andrew. **The Blogosphere**. Communications of the ACM 47 (12), 2004.

ROSSET, J. M.; RIZZI, M. A.; WEBSTER, M. H. O mérito dos dados estatísticos digitais em revelar buscas e interesses de professores da Educação Infantil: qualificação das práticas no diálogo em plataformas digitais. In: **Revista Veras**, São Paulo, v. 5, n. 2, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14212/veras.vol5.n2.ano2015.art220>>. Acesso em: 4 out. 2018.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da Rosa. 3ª. Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Pedro. **Big Data**: o que é, para que serve e como aplicar? Rockcontent, 2018. Disponível em <<https://inteligencia.rockcontent.com/big-data/>> Acesso em 24 set. 2019.

SÃO PAULO. **Instrução Normativa nº 02**, de 06 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=298cba0fb95f5cffd416a8bb731fe7c9&PalavraChave=instru%E7%E3o%20normativa>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SARMENTO, Januário Neto Pereira; PEREIRA, Diane Aparecida Ribeiro Sarmento. Interação entre professores em grupos de redes sociais: lazer, trabalho ou auto formação coletiva? **23º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade – Metodologias ativas**, 2018.

SCAICO, Pasqueline Dantas; QUEIROZ, Ruy José G. B. de; SCAICO, Alexandre. O conceito de *big data* na educação. **3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014)**. 20º Workshop de Informática na Escola (WIE 2014) p. 328-336.

SCHMIDT, Jan. Blogging Practices: An Analytical Framework. Journal of Computer-Mediated Communication 12. International Communication Association, 2007, p. 1409 – 1427. In: SECKLER, Mirjam; OPWIS, Klaus; TUCH, Alexandre N. **Linking objective design factors with subjective aesthetics**: An experimental study on how structure and color of websites affect the facets of users' visual aesthetic perception. Computers in Human Behavior 49, p. 375–389, 2015. Disponível em: <<https://www.sciencedirect-com.proxy.uba.uva.nl:2443/search/advanced?docId=10.1016%2Fj.chb.2015.02.056>> . Acesso em: 13 out. 2019.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 196 – 229, dez. 2014. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/293>>. Acesso em: 3 ago. 2019.

_____; SHULMAN, J. H. **How and what teachers learn**: A shifting perspective. *Journal of Curriculum Studies*, 36(2), 257–271. 2004. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0022027032000148298>>. Acesso em: 24 set. 2019.

SIGNIFICADOS. **Link**, 2014. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/link/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

SILVEIRA, Maria Cristina de Oliveira. **Blog de educadores**: perspectivas inovadoras na formação continuada de professores? Dissertação de mestrado. (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Magda. Formação de rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v. 4, n. 2, p. 146-173, dez. 2014. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/294/298>>. Acesso em: 25 set. 2019.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEMPO DE CRECHE. **Blog Tempo de Creche**: Espaço Formativo de Educação Infantil. Disponível em: <<https://tempodecreche.com.br/>>.

TOUGH, Allen. **The Adult's Learning Projects**: A Fresh Approach to Theory and Practice in Adult Learning. Toronto: OISE Press, 1979.

UNESCO. **Glossário de terminologia curricular**. Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e o Bureau Internacional de Educação da UNESCO (UNESCO-IBE), 2016. Disponível em < https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000223059_por>. Acesso em: 12 ago. 2018.

UNESCO. **Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos** – Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em <<http://www.ceeja.ufscar.br/relatorio-global-de-aprendizagem>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

VIANA, Joana. **O papel dos ambientes on-line no desenvolvimento da aprendizagem informal**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Área de Especialização em Tecnologias Educativas, 2009. 254f. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2086/1/21849_ulfp034652_tm.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

VIEIRA, Livia Fraga; SOUZA, Gizele de. Trabalho e emprego na educação infantil no Brasil: segmentações e desigualdades. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial, p. 119 – 139, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000400006>. Acesso em: 21 out. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEBSTER, M. H.; ROSSET, J. M.; RIZZI, M. A. O mérito dos dados estatísticos digitais em revelar buscas e interesses de professores da Educação Infantil: qualificação das práticas no diálogo em plataformas digitais. **Revista Veras**, São Paulo, v. 5, n. 2, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14212/veras.vol5.n2.ano2015.art220>>. Acesso em: 4 out. 2018.

WILLIAMS, Jeremy B., JACOBS, Joanne. Exploring the use of blogs as learning spaces i the higher education sector. *Australasian Journal of Educational Technology* 20(2), 232 – 247, 2004. Disponível em: <<https://eprints.qut.edu.au/13066/1/13066.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

WIKIPÉDIA. **Blog**. Página atualizada em 7 DE MARÇO DE 2019 <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>> Acesso em 23 set. 2019.

_____. **Sítio Eletrônico**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_eletr%C3%B4nico>. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. **WordPress**. 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>>. Acesso em: 16 out. 2019.

ZABALZA BERAZA, Miguel A. et al. **Educación inicial y territorio**: El desafio de unas escuelas infantiles integradas en su entorno. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2016.

ZABALZA, Miguel Angel. **Didáctica de la educación infantil**. São Paulo: Cortez; Madri: Narcea, 2016.

[illegible]

Um guia para a jornada do relatório individual	26.018		1		1	
Planejamento 2019: um diálogo com a BNCC	25.591	1			1	
9 dicas especiais para contar histórias	19.109			1		
Um documento do MEC para auxiliar na prática pedagógica da BNCC	16.011	1		1		
Dicas para planejar e preparar Cantos de Atividades Diversificadas	15.260	1		1		
Wallon: teoria e prática dos estágios do desenvolvimento da criança	13.090					1
Atividades para bebês: aprendizados com Jogo Heurístico e Cesto de Tesouros	12.751			1		
Relatório individual: precisamos repensar este documento!	11.862		1		1	
Afinal, o que é Documentação Pedagógica?	11.405		1			
Água para brincar, acolher e pesquisar	11.162			1		
Adaptação: um tempo de acolhimento	10.811			1	1	
Remexendo no planejamento e no registro pedagógico	10.760	1	1			
Projeto “A Arte pinta na Festa Junina”	10.180	1				
Desenho: espelho do desenvolvimento infantil	10.103			1	1	1 1 1 1
10 sugestões de materiais e brincadeiras para a hora do parque	10.059			1		
Conheça o livro Práticas Comentadas para Inspirar	9.300	1				1

Por que criança morde? 12 Soluções!	9.178			1			1	1
Brincando com as culturas indígenas	9.136				1			1
Pauta do Olhar: os campos de experiências e a singularidade	8.945	1		1				1
História: O coelho distraído	8.772				1			
Pauta do Olhar: o que o professor precisa olhar para registrar	8.180	1	1	1				
Acolhimento: um tempo de escuta	8.003		1		1		1	
O que dizer sobre a intenção pedagógica?	7.950		1			1	1	
Recuperar senha?	7.732							
Campos de experiências e objetivos da atividade: o que pensar sobre isso?	7.685							
– PARTE 2		1			1			
Desenhar, desenhar, desenhar ...todos os dias!	7.598				1	1		
Um guia para a jornada do relatório individual	7.420							
Por que fazer registro?	7.327		1	1				
História da Folhinha de outono	7.317					1		
Vamos conhecer e brincar com a música indígena brasileira?	7.198						1	
Cultura africana e brasileira: mistura de sabores, cores e ritmos	7.146						1	
Um roteiro para começar registro e planejamento – parte 1	6.962		1	1				
As crianças na Natureza	6.888					1		
Cores: muito mais do que azul, amarelo e vermelho!	6.883				1	1		
O que planejar... alguma sugestão?	6.718		1		1		1	

12 dicas sobre Movimento e Aprendizagem a partir de Emmi Pikler	6.648	1				1	1
Atividades para bebês: Caixas Temáticas	6.185			1			
Barro e argila: lugar de honra nas culturas da infância	5.910	1		1		1	1
Um tratado sobre o TANQUE DE AREIA	5.908	1		1			
Cultura brasileira na Educação Infantil: como fazer essa conexão?	5.517	1		1		1	
Tânia Fukelmann Landau fala da importância das manifestações culturais na formação da criança	5.489	1				1	
Conheça o livro Educação Infantil: um mundo de janelas abertas	5.450						
Atividades que “dão certo” e que “não dão certo”: o que pensar desta classificação?	5.287		1				
MORDIDAS: Situações que demandam atenção e cuidado	5.287			1		1	1
Educação de 0 aos 3 anos: contribuições de Emmi Pikler	5.270	1				1	1
Historia: o Leão e o Ratinho	5.215			1			
Um acervo de ideias para reinventar o Desenho	5.124			1			
E.V.A.: o pai do papel crepom?	5.062			1			
Experiências e campos: o que a Base Nacional quer dizer com isso? – PARTE 1	5.051	1					
Aprendizagem dos movimentos	5.013		1			1	

Adaptação: emoções à flor da pele	4.991			1		1
Afinal, o que é Arte na Educação Infantil?	4.982	1	1			1
Uau! Passeio na rua... fora da creche... é muita aventura e descoberta!	4.978		1		1	
Base Nacional Comum Curricular: uma referência prática? Você decide!	4.970	1				
A descoberta do vento – parte 1	4.913		1		1	
Avaliação na educação infantil: pensando a partir da prática	4.872			1		
Cantos de atividades diversificadas e Jogos heurísticos: muitas brincadeiras!	4.846		1		1	
Experiência de leitor: uma aventura com macarrão	4.751		1		1	
Cultura da Festa Junina numa experiência de cores	4.685		1		1	
Pauta do Olhar: o que o professor precisa olhar para registrar?	4.585		1	1		
Como é o som ao nosso redor?	4.233				1	
Sala de aula: espaço ou ambiente?	4.149				1	
Crianças e as brincadeiras de construção: construindo fora para edificar dentro	4.115				1	
Documentação pedagógica: 7 passos para reunir e organizar os registros	4.113			1		
Que tal incluir as manifestações culturais no calendário de 2019?	4.075		1		1	

Na prática: a documentação pedagógica, relatos, registros e reflexões	4.030		1						
Portfólios: histórias da vida real	4.024		1						
O que pensar da formatura na educação infantil?	4.021			1					
Perfil	3.849								
Um roteiro para começar registro e planejamento – parte 2	3.762		1	1					
Arte, cultura, expressão e a Base Comum Curricular	3.750	1						1	
Três ideias criativas para trabalhar com bebês	3.527				1				
O que vem antes: a atividade ou o objetivo da atividade?	3.491		1						
Arte: cor, luz e transparência	3.357				1				
Vivências, experiências e os tempos da criança	3.315		1					1	
Qual o lugar da modelagem no desenvolvimento das crianças?	3.309				1			1	1
Como trabalhar a agressividade?	3.296				1				
Palavra de... Beatriz Ferraz: a BNCC e a Educação Infantil	3.293	1					1		
Pinceis da natureza: experimentando um mundo de texturas, formas e cores	3.266		1		1				
Base Nacional Comum Curricular: a criança como protagonista	3.199	1							
Registro e Documentação Pedagógica: o diálogo com a prática	3.146			1					

Planejamento, Registro e Reflexão organizados em duas práticas tabelas!	3.088		1	1				
Registro fotográfico: muito mais do que documentar!	3.081			1				
Uma experiência prática de cidadania na Educação Infantil	3.063		1				1	
Como é a matemática na Base Nacional Comum	3.036	1						1
Atividade ou Experiência?	2.993					1		
Planejamento na Educação Infantil e as datas comemorativas	2.889		1					
O que dizer sobre o “Projeto Natureza”?	2.845				1			
Palavra de Marcela Chanan: os bebês e as interações na escola	2.823			1			1	
Protagonismo Infantil em 4 falas	2.813	1				1		
Palavra de... professor de professor da Educação Infantil: Paulo Fochi	2.793			1				
Projeto e pesquisa na educação infantil: muito mais do que informação	2.750			1				
Materiais para ajudar a trabalhar com intenção pedagógica	2.702	1	1	1			1	
Leitura de livros para crianças: como e por quê?	2.675			1				
Objetos potentes e elementos da natureza para brincar e aprender	2.660	1		1	1			
Planejamento 2016: direções e caminhos	2.543		1		1		1	

Documentação Pedagógica como aprendizagem para crianças e professores	2.506	1			
A cozinha da escola também é lugar de criança!	2.442			1	
Para compreender o desenho e sua poética	2.435			1	
Planejamento da Educação Infantil: 10 reflexões para as creches	2.428	1			1
Palavra de... Magda Soares: a linguagem escrita na infância	2.414				1
Aniversários na Educação Infantil	2.281		1		1
Professoras sabidas: seis dicas práticas para a adaptação	2.265		1		
Experiência: rola, enrola e pinta!	2.252	1		1	
Cuidados de saúde na creche: 10 dicas da professora de enfermagem Cecília	2.249		1		1 1
Base Nacional Comum e o pensamento matemático – parte 2	2.247	1			1
Passeando pela cultura: descobrindo a festa junina!	2.214	1		1	
Baralho Corporal para desafiar o corpo	2.155			1	1
O dia a dia da creche e a Rotina: o que pensar e por onde começar?	2.144			1	
Como trabalhar as manifestações culturais brasileiras com os pequenos?	2.132			1	
Cantos de atividades para revelar projetos	2.124			1	

2º Encontro de Educação na Primeira Infância – São Paulo	2.122				
Fotos e legendas que revelam aprendizagem	2.093	1	1		
Planejar é preciso, como chegar ao planejamento que atenda os desejos das crianças?	2.088	1			
Roda de conversa prazerosa: isso existe na educação infantil?	2.086		1		
Fotografia: instrumento precioso da Educação	2.051	1			
Para que a brincadeira continue!	2.047	1		1	
Tintas, mãozinhas e as marcas de uma experiência	2.026				1
Neurociência, aprendizagem e desenvolvimento infantil – 12 a 18 meses	2.018				1
O encantamento das brincadeiras com barcos	2.010	1		1	
Atividade para bebês: almofadas sensoriais	2.005			1	
Hora do parque é hora de quê?	1.989		1		
Roda de conversa: ancestral e primordial	1.976		1		1 1
Areia: divertida, desafiadora e natural	1.962	1		1	
É dança? É música? É desenho? É dança-desenho!	1.933		1		1 1
Registro e Documentação Pedagógica: da dor de cabeça ao papo cabeça	1.931	1			
O que o Desenho nos conta?	1.928				1

Um cardápio variado de cantos de atividades	1.855			1		
Organização de propostas: garantia de brincadeira e aprendizado	1.833	1				
Um roteiro para sonhar e planejar	1.819	1				
Música, brincadeira e desenvolvimento	1.817			1		1
A excelência tem que ser um objetivo!	1.809			1	1	
Emoções: 4 estratégias para lidar com elas	1.782			1	1	
Palavra de... Denise Nalini: cantos de atividades e as tomadas de decisão da criança	1.774			1		
Buracos incríveis! Um brinquedo provocativo para bebês	1.769				1	
Referenciais para formação e os campos de experiências da criança	1.766	1				
Espaços que falam	1.761			1		
Primavera: aventura e pesquisas	1.732	1				
Preparar atividades: o desafio de planejar o imprevisível	1.724	1				
Palavra de... Madalena Freire	1.676				1	1
Arroz para brincar	1.656			1		
Datas Comemorativas: muito além das festas!	1.654	1			1	
Uma preciosa lista de livros infantis	1.604			1		
Que escola queremos para as crianças e suas famílias?	1.595	1		1	1	

Livro didático para professores da educação infantil: por que tanta polêmica com o PNLD?	1.571		1	1	
Rosa Iavelberg: o processo de aprendizagem do desenho na infância	1.564				1
Coordenador: Roteiro de ações e formação de educadores	1.560			1	
Lista de postagens reunidas por temas	1.553				
Sementes do Nosso Quintal – um filme lindo e um ótimo recurso para reuniões e paradas pedagógicas	1.547	1		1	
Socorro: minha turma é difícil!	1.544	1			1
Areia comestível para desafiar bebês e professoras	1.536		1		
Repensando o velho caixote de brinquedos...	1.532	1	1		1
Dúvida da leitora: como trabalhar com crianças que não participam das atividades?	1.526	1	1		
Palavra de... Magda Soares: criança e a reinvenção da escrita	1.507				1
Atividade: a arte da arquitetura para crianças	1.496		1		1
Projetos e temas: um convite à aventura	1.486	1			
O registro das crianças pequenas é o desenho	1.486	1			1 1
Musicalização no dia a dia de bebês e crianças	1.476	1			

História: Carolina e o Baile de Máscaras dos Monstros	1.466		1			
O que precisamos dar para as crianças brincarem?	1.462		1		1	
Organização de propostas: garantia de brincadeira e aprendizado	1.458		1			
Escola da Floresta: crianças, Natureza e aprendizagem	1.448	1	1			
Neurociência, aprendizagem e desenvolvimento infantil – 2 a 6 meses	1.442				1	
Letramento no dia a dia: gradual, lúdico e significativo	1.432		1			1
Birra, mordida, frustração e limites: crianças e as emoções	1.428		1		1	
Que tal espiar o livro “Educação Infantil: um mundo de janelas abertas”?	1.424					
Palavra de... Edith Derdyk: o desenho do gesto e dos traços sensíveis	1.407		1			1
Adaptação em processo: você já é o brinquedo favorito das suas crianças?	1.394		1	1		
Jornada da identidade numa prática de berçário	1.380	1			1	
Anamnese Cultural das famílias: identidade e afeto	1.370	1	1	1	1	
Segunda versão da Base Curricular (BNCC): pilares para pensar a prática	1.362	1				
Comunicado Feliz: uma proposta de parceria entre creche e família	1.327		1	1	1	1

O currículo integral e formação de professores na Educação Infantil	1.326	1			1	
Lições de Reggio Emilia do Colegio Aletheia	1.280	1	1	1		1
Brincar, uma linguagem que desenvolve	1.276					1
Campos de Experiência: Linguagens da Arte em Educação Infantil	1.256	1	1			1
Sobre o Tempo de Creche Educação	1.236					
Um olhar para o passado e para o futuro embasa o planejamento no presente	1.211					
Neurociência, aprendizagem e desenvolvimento infantil – 18 a 24 meses	1.188					1
Apareceu lagartixa na creche? Que tal transformar o fato no “Projeto Lagartixa”?	1.186	1	1	1		
Se é brincadeira, é livre!	1.182					1
Garimpando projetos: reflexões e conversa com Maria da Graça Souza Horn	1.148		1			
Trabalhando a identidade a partir da rua da escola	1.148		1	1		1
Neurociência, aprendizagem e desenvolvimento infantil – 6 a 12 meses	1.139					1
A descoberta do vento – parte 2	1.136	1		1		
Qual é o papel do professor na brincadeira da criança? E o papel da	1.135		1			1

brincadeira na aprendizagem da linguagem? Shelley Peterson responde!					
Registrar... não tão fácil, mas poderoso!	1.122		1		
História – A menina e o sapo	1.107	1		1	
Crianças, expressões artísticas e aprendizagem	1.107		1		1
Planejamento da Educação Infantil 2015	1.101	1			
Dedoche: uma experiência de expressão e relação	1.098			1	
Projetos: um quadro organizador para planejar e construir	1.088	1			
Atividades para criança criativa: o que significa isto?	1.086			1	1
Metodologia	1.072				
Depois do período de acolhimento...	1.063		1	1	
Coelhinho da Páscoa, o que trazes pra mim?	1.044	1		1	
Crianças pequenas, tecnologia e formigas	1.043			1	
Repertório de cultura na educação infantil: faz diferença?	1.038			1	
Uma conversa com Anna Marie Holm: arte, natureza e a poesia da infância	1.007			1	1
Contato	1.002				
Uma prática de documentação pedagógica para aproximar famílias	1.002		1		
Bebês aprendem muito. Desde cedo!	1.002				1

A importância do brincar	1.000				1
Escolher os livros: um momento de prazer	999			1	
Historia: o Leão e o Ratinho	995			1	
Modelagem e desenho: conversas entre a bi e a tridimensionalidade	988		1		1
Protagonismo infantil em três relatos práticos	968			1	1
Brincadeira livre ou conduzida?	959			1	1
Palavra de... Patrícia Auerbach: como ler livros para crianças?	949		1		
"É preciso olhar o mundo com olhos de criança". Henri Matisse	942		1	1	
Experiências num Tanque de Lama	939			1	
Uma proposta para toda a creche: rodízio de contação de história	910		1		
História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil	895			1	
Palavra de... Amanda Teagno Lopes: planejar, registrar e documentar	894	1	1		
Coordenador pedagógico e formação de professores: tudo a ver!	883				1
Crianças e histórias infantis. Aprendem? Como e por quê?	881				1
Avaliação PARA a aprendizagem e não DA aprendizagem	877		1		
O segundo livro do Tempo de Creche está à venda!	872				
Rotina é recurso de aprendizagem?	862	1		1	1

Olhar do professor: 12 escalas do brincar	856					1
Alimentação de corpo e alma, um desafio para as creches e famílias – parte 1	842	1				
Palavra de... Sylvia Nabinger: filosofia e práticas Emmi Pikler	839	1				
Gisa Picosque fala sobre a importância de fazer registros e sua arte	832		1			
Que tal pensar em propostas flexíveis?	806			1		1
Brincando com as culturas indígenas	788				1	
A arte no cotidiano da educação infantil: palavra de Mirian Celeste Martins	771			1		1
Dia do Índio ou cultura indígena?	763				1	
Dúvida de leitora: descanso ou sono? Livre ou obrigatório?	753			1		1
Dia do Índio: muito mais do que uma pena na cabeça	746		1		1	
Aprendizagem dos movimentos	731	1				1
Princípios éticos: é possível trabalhar na Educação Infantil?	730				1	
Choro frequente e que não para... por quê?	724			1		1
O Começo da Vida: um filme sobre infância para encantar e refletir	722					1
Uma documentação pedagógica para provocar	714		1			

Mostra na Escola Primeira: trabalho a partir de projetos	710	1			
Palavra de ... Josca Baroukh: parlendas para brincar	707		1		
Como dizer NÃO para crianças pequenas?	707	1		1	
LIVRO: Corpo em movimento na Educação Infantil	705			1	
Território do Brincar – num filme de brincadeiras, dicas para brincar com os olhos e o coração!	692		1		
Chita, Festa Junina e um kit para brincadeiras	685		1		
Alterar a senha	682				
Repetir propostas para crianças. Será?	681	1			
Ações e Publicações	669				
Criança: no singular e no coletivo	666			1	
Coordenador-formador e seus professores-alunos	658			1	
Crianças agressivas. Como assim?	641		1	1	
Temas e postagens de fevereiro, a partir de 2015!	640				
Dois conceitos recentes: pedagogia da investigação e alfabetização ambiental. Já ouviu falar?	637			1	
Reuniões, Paradas Pedagógicas, Encontros: tem jeito de ser agradável e produtivo? – PARTE 2	622			1	
Como fazer da rotina um recurso valioso de aprendizagem	619		1	1	1

Coelhinho da Páscoa, o que trazes pra mim?	616			1				
Planejamentos ampliados com atividades que se transformam	609	1						
Uma parada para pensar: 5 reflexões sobre ser professor	602				1	1		
Mandalas para inspirar as férias	600	1		1				
Rotinas não tão rotineiras	597	1		1				
Crianças protagonistas das conversas	591		1		1			
10 dicas para trabalhar as relações na primeira infância	585			1			1	
Diálogos sobre relações: famílias e creches unidas na educação I	575					1		
Crianças e histórias: uma relação para a vida!	559			1			1	
Três dicas de materiais inusitados e uma para ajudar na bagunça!	557				1			
Reuniões, Paradas Pedagógicas, Encontros: tem jeito de ser agradável e produtivo? – PARTE 1	557					1		
GEP – grupo de estudos sobre projetos: uma trilha de aprendizagens do professor	552					1		
Festa Junina: oportunidade para trabalhar com a equipe de educadores	549					1		
Palavra de... Claudia Siqueira: um projeto que escuta as crianças	547	1			1			
Natureza, riscos e brincadeiras numa discussão que dá o que pensar	546				1		1	1

Primeiro dia na creche: um olhar novo de tudo	541	1		1
Tabelas, percursos reflexivos e instrumentos: conheça a organização dos conteúdos do livro do Tempo de Creche	541			
Birra ou o aprendizado de lidar com a expressão das emoções?	540	1		1
25 de agosto é Dia da Educação Infantil	528			
Para ampliar a pesquisa: tintas coloridas de farinha	517	1	1	
Percurso investigativo: o desenho e a zona proximal de desenvolvimento	516			1 1
Projeto Pedagógico para o próximo ano: é hora de trabalhar em equipe! – parte 1	513		1	
Crianças pequenas entendem o que é Projeto?	505			1
Espírito de férias na brincadeira	504	1	1	
Magos e inspirações	500			
Letramento e Alfabetização: qual o caminho para a Educação Infantil?	479	1		1
Aguçando os sentidos e construindo saberes	476		1 1	
Renata Meirelles fala sobre tanque de areia e o tempo do brincar	476		1	
Diálogos sobre relações: famílias e creches unidas na educação IV – Reunião de Pais	474		1	

Crianças e professores: vamos construir relações?	471			1	1
Um livro, um aviãozinho e muita imaginação	469			1	
História: Caramelo, o caramujo	459			1	
O que o Fundamental espera da Educação Infantil?	458	1			
Acabou a adaptação! Qual o caminho para o planejamento?	454		1		1
Beatles e um projeto que vai muito além das cores	443		1		
Creche Shangri-la: um paraíso possível	440			1	1
Alimentação de corpo e alma, um desafio para as creches e famílias – parte 2	439				
Férias, peneiras e brincadeiras para aprender!	438			1	
Por que Heloísa? ensina-nos a repensar o conceito de deficiência	437			1	
Para uma Educação Infantil de qualidade	434	1			
Ana Helena fala sobre datas comemorativas na creche	427				1
Registrar todos os momentos do dia e ainda refletir... será?	426		1		
Uma proposta para refletir sobre o ano que se encerra	426		1		
Crianças, famílias, escolas e as palavras	417			1	

Formação de professores: a relação entre a teoria e a prática pedagógica é possível	417		1	
Curiosidade e pedagogia da investigação: caminhos para 2017	411			1
Um relato sobre relações e aprendizados na prática de Reggio Emilia	404	1		
Jogo de brincar ou jogo de competir?	402	1		1
Repertório cultural simplificado: ah, mas elas gostam!....	397	1		
As histórias para os bebês fazem Ploquet, Pluft, Nhoc!*	396			
A Festa Junina por todo o país	396	1		
Educação Infantil: brincar, aprender e desenvolver	393			
Férias: um tempo para pensar no respeito ao TEMPO do educador	387		1	
Palavra de... Denise Nalini: escola e família, juntas na Educação	382		1	
Para ser professor, basta o diploma?	365	1	1	
Bebês e momentos de leitura...	361			1
Josiane Del Corso: o fazer das crianças e as múltiplas linguagens	361	1		
É difícil se desprender da cultura de comemorar o Dia das Mães, Pais...	359		1	
Curiosidade: o combustível da aprendizagem	355			1
Trauma infantil: uma caminhada de mãos dadas com a criança	354	1		1

Experiências duram para sempre, já a “sujeira”...	347	1			
Angélica e Sandra falam sobre o fazer arte com a criança	347		1		1
Experiências artísticas das crianças	345		1		1
Ser aluno, ser professor: a construção do conhecimento pelo coordenador	344			1	
Mostra: Conexões – A poética das Crianças de 0 a 3 anos e a Arte Contemporânea	342				
Educação nos três primeiros anos	339				
Surpresas no planejamento do dia a dia	337	1			
Palavra de... Maria Alice Proença: a cultura do fazer coletivo na Educação	336			1	
Diretrizes, Referenciais, Indicadores, Parâmetros: obstáculos ou aliados?	332	1			
Visita a museu sem mistério!	326		1		1
Lançamento: “Povos Indígenas no Brasil Mirim”	322				
Conhecer outras experiências para se reconhecer e crescer!	319		1		
Em 2018, livro das autoras do Tempo de Creche	317				
Final de ano com as crianças: oportunidade para organizar e reutilizar	314		1	1	
CEI Barra Manteiga: Natureza na rotina de passeios no parque	304	1		1	1
6 propostas de artes para download	298				

Participações	292				
Planejamento 2019: um diálogo com a BNCC	289	1		1	
A questão de gênero começa na equipe pedagógica!	287			1	
Renata Meirelles conta como surgiu o livro Cozinhando no quintal	286				
Um caminho para preparar reuniões e paradas pedagógicas	283			1	
Palavra de... Bia Nogueira, atelierista	275	1	1	1	1
Final de ano: oportunidade para as arrumações na sala e faxina nos brinquedos!	275	1	1		
PROMOÇÃO LIVRO Educação Infantil: um mundo de janelas abertas	272				
Sou o que sou, não o que vou ser...	264		1		1
Apoiamos as iniciativas das crianças?	261		1		1
Diálogos sobre relações: famílias e creches unidas na educação II	259			1	
O ritmo das crianças e a ansiedade do professor	248			1	
Ruth Rocha e Otávio Roth: coisinhas à toa que deixam a gente feliz	241		1		
Riscos X perigos: o que queremos para as nossas crianças?	238		1		1 1
Palavra de... Richard Louv: natureza para educar e viver!	233		1		1
Projeto Pedagógico para o próximo ano: depois de avaliar é hora de planejar o futuro! – parte 2	231			1	

Palavra de... Alice Proença: como fazer um grupo de estudos?	230				1	
Uma proposta artística para provocar pesquisa e escuta	225			1		
Oba! Vou para creche!	221	1	1			
Crianças e Arte: aprender a aprender	216			1		1
Infância	214					
Verônica fala da Rotina na Educação Infantil	207	1		1		
Curso com a equipe do Tempo de Creche: Criança e Natureza	206					
Uma creche com muito a ensinar: NEIM Albert Sabin	205	1		1		
Palavra de ... Josca Baroukh: a criança e o acesso à Arte	204			1	1	
Diálogos sobre relações: famílias e creches unidas na educação V – Cadernos de Comunicados	203				1	
DIA DOS PAIS, das mães, dos avôs, dos padrinhos...	203				1	1
Um olhar sensível na prática com a primeiríssima infância.	202					
Conflitos entre bebês ... Eles existem? Como lidar?	201					
Educação infantil faz diferença?	197	1				
Therezita Pagani e a criança na pesquisa manual, corporal e sensorial.	194					1
PALAVRA DE... Vital Didonet: parceria escolas e famílias	191	1			1	

15 de outubro: DIA DOS PROFESSORES	186			
Moradias do saber: uma reflexão sobre aprendizagem	186		1	
Lições e dicas do Colégio Sidarta	184	1	1	
Palavra de... Zilma de Oliveira: a importância da formação continuada do professor	177		1	
Em que língua falo com minhas crianças?	173			1
Valorizar a inteligência ou o esforço: isso faz diferença na aprendizagem?	171	1		1
Diálogos sobre relações: famílias e creches unidas na educação III	170		1	
Palavra de... Solange Muszkat: inclusão, autismo e a atuação do educador	170		1	
Usuários	164			
Educação pela natureza: uma questão que não sai do papel	164	1	1	
Educação Infantil: negócio lucrativo ou iniciativa emancipadora?	163	1		
Lugar de Pedagogia é na escola!	161		1	
Diálogos sobre relações VI: contatos de porta e primeiros dias na creche	156		1	
Da criança adaptada à criança realizada	154			1
Maria Aparecida fala sobre Educação Infantil	152		1	
Arte e Cultura	145			

Sentir prá Ver: gêneros da pintura na Pinacoteca de São Paulo	144			
Curso: A natureza como projeto de Educação: descobrindo a Natureza no quintal	142			
Uma escola que parece casa. Uma casa que parece escola	142	1		
Palavra de... antropóloga Elvira Souza Lima	140		1	
Educação	140			
Festival de teatro para bebês	140			
Palavra de... Monica Ehrenberg: a criança não tem um corpo, ela é um corpo	139	1		1
Museu é lugar de criança pequena?	138	1		
FELIZ DIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL!	137			
Tijolo a tijolo, os fundamentos da Educação Infantil	134	1	1	
Ciclo da Curiosidade e da Aprendizagem... na prática!	133	1	1	1
Castelo Rá-Tim-Bum – um patrimônio nacional da infância que retorna	130			
Tabelas, percursos reflexivos e instrumentos organizadores: conheça a organização dos conteúdos do livro do Tempo de Creche	129			
Material da BNCC: tópicos, ações da criança, campos e objetivos	128	1		
Fazer uma vez é o mesmo que não fazer!	124		1	

Experiências de aprendizagem através da criação de cenários investigativos	123			
Brincar com tablets e celulares é aprendido para crianças pequenas?	120	1		
Patrícia Durães fala da importância do cinema na formação	113		1	
Ciranda de Filmes 2015	110			
Qualidade das palavras e dos brinquedos: tem relação?	110	1		1
Diálogos sobre relações VII: Encontros culturais e festivos	106		1	
Crianças não nascem racistas!	103	1		1
Passeio é possível! Veja as experiências da leitora Luana	100	1		
O universo infantil em filmes	100			
Eu não consigo... Eu preciso...	95			1
Nova seção de filme: Cine Debate – Pipoca com Pikler	94			
Visitar outras creches: valioso recurso de trocas e reflexão	93		1	
Primeiro Encontro no Bairro: curiosidade, investigação, natureza e cultura	91			
Livro Museu, Educação e Cultura: Encontro de Crianças e Professores com a Arte	87			
Arte na infância: a escola como um laboratório de experiências	85			
Uma casa que se transforma, uma escola que nasce da história	84	1		

DIVULGAÇÃO: Pós-graduação Instituto Vera Cruz	47			
Curso: O Brincar e a Inclusão	46			
Mira Schendel na Pinacoteca SP	45			
Conexões: a poética das crianças de 0 a 3 anos e a arte contemporânea	44			
Tempo de Creche bate-papo na Ciranda de Filmes SP	38			
Viradinha Cultural em São Paulo: Palavra Cantada	38			
Parece que foi ontem... quase 2018!	36			
Escola: educativa para crianças e professores	34		1	
Exposição apresenta brinquedos artesanais	33			
Pipoca com Pikler: cine debate	29			
Exposição Arte com Dinossauros – Rio de Janeiro	28			
Palavra de...	28			
Tempo de creche presenteia com duas formações!	26			
Bonecos do grupo de teatro	21			
Giramundo visitam São Paulo	20			
Um fim de semana sobre e para as crianças em Brasília!	20			
Visita cultural: a equipe tem muito a ganhar!	20		1	
A Virada Educação 2016	17			
Projeto LUGARES com Stela Barbieri no SESC	16			

Confraternização do GEP: vamos pensar os grupos de estudos?	16		1	
Sonorização das postagens	15			
Desafio Tempo de Creche	14			
Brincadeiras de infância na Av. Paulista com a equipe do LUME	14			
Teatro				
Oportunidade para aumentar o repertório de músicas infantis num show que canta de Chico Buarque a Vinicius de Moraes	14			
Equipe do Tempo de Creche está no I CONADESIN	13			
#9521 (not found)	11			
Lista de Postagens por Tema	11			
Lista de postagem	10			
Provocações	10			
Publicidade	5			
#9802 (not found)	5			
Política de privacidade	4			
#9793 (not found)	3			
Users List Item	2			
#9790 (not found)	2			
#9805 (not found)	2			

Fonte: Relação de postagens e de visualizações fornecida pelo WordPress em 04/02/2019.